



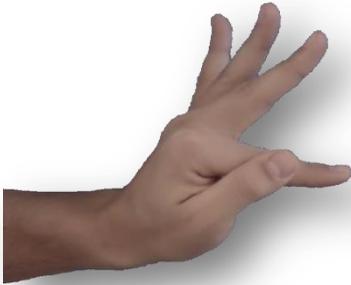
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RODRIGO CUSTÓDIO DA SILVA

**INDICADORES DE FORMALIDADE NO GÊNERO
MONOLÓGICO EM LIBRAS**

Florianópolis
2013

FORMAL



INFORMAL

Rodrigo Custódio da Silva

**INDICADORES DE FORMALIDADE NO GÊNERO
MONOLÓGICO EM LIBRAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestrado em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite

Coorientador: Prof. Dr. Markus Johannes Weininger

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Rodrigo Custódio da
Indicadores de formalidade no gênero monológico em
Libras / Rodrigo Custódio da Silva ; orientador, Tarcísio de
Arantes Leite ; co-orientador, Markus Johannes Weininger. -
Florianópolis, SC, 2013.
161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Língua de Sinais. 3. Variação de
Registro. 4. Formalidade. 5. Tradutor-Ator. I. Leite,
Tarcísio de Arantes. II. Weininger, Markus Johannes. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. IV. Título.

Rodrigo Custódio da Silva

**INDICADORES DE FORMALIDADE NO GÊNERO
MONOLÓGICO EM LIBRAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “MESTRE”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de abril de 2013.

Profº Dr. Heronides Maurilio de Melo Moura
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Profº Dr. Tarcísio de Arantes Leite – UFSC
Orientador e Presidente da banca

Profº Dr. Markus Johannes Weininger – UFSC
Coorientador

Profª Dra. Rachel Sutton-Spence – University of Bristol
Membro

Profº Dr. Rodrigo Rosso Marques – UFSC
Membro

Profª Dra. Aline Lemos Pizzio – UFSC
Membro

Dedico este estudo à minha família, à comunidade surda de Passo Fundo e todos aqueles que contribuíram de alguma forma com minhas descobertas pessoais e maneiras de conquistar o caminho profissional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo caminho da minha vida;

Aos meus pais, Joceli e Sania, por terem me dado apoio incondicional, fé e, especialmente, amor, o que me torna um ser humano completo;

Ao meu irmão e grande parceiro Lucas;

À querida intérprete e amiga Loreni, por ter me presenteado com uma importante e brilhante ‘chave’ de vida, permitindo com que eu abrisse as ‘portas’ do meu mundo, ou melhor, do meu universo;

Aos queridos amigos surdos de Passo Fundo/RS e a todos da associação de surdos da cidade (ASPF), por terem me ensinado a construir formas de vencer as barreiras da vida e a descobrir minha verdadeira identidade;

A todos da Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Passo Fundo (APAS), por ter me dado uma grande e imprescindível oportunidade de aprendizado e crescimento profissional;

À Equipe de Tradução do Curso de Letras Libras (ETLL) da UFSC, e a colega Janine Soares de Oliveira, por ter aberto as portas desse fantástico mundo da tradução ter me ajudado a encontrar esse tema tão importante da minha pesquisa no mestrado;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pela contribuição à área dos estudos linguísticos das línguas de sinais;

Ao professor e também amigo Rodrigo Rosso, pelo diálogo e todo o compartilhar de experiências profissionais;

Ao professor Tarcísio Leite, pela orientação dessa pesquisa e acompanhamento ao longo do mestrado;

Ao professor Markus Weininger, pela coorientação desse estudo e total apoio;

Por fim, à minha mulher Natália, pela paciência, pela confiança, pelo apoio e carinho. Também pelo nosso maravilhoso amor que me torna vivo, feliz e forte.

RESUMO

Esse estudo apresenta uma investigação sobre os indicadores de formalidade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e tem como recorte a análise de textos sinalizados de gênero monológico. O objetivo geral desse estudo foi analisar os elementos linguísticos e extralinguísticos utilizados como recursos no registro formal da Língua Brasileira de Sinais e os objetivos específicos compreenderam em explorar critérios teóricos e metodológicos para identificar diferenças entre modalidade no discurso da Libras buscando evidências para a identificação de níveis de formalidade no discurso produzido por TAs (tradutores-atores), bem como descrever alguns elementos que tornam o discurso monológico em Libras mais formal. A proposta metodológica adotada baseou-se em dois métodos: i) a proposta de Koch & Oesterreicher (1995) usada para identificar o grau de proximidade e de distanciamento em comunicação a fim de comparar os diferentes níveis de formalidade de tradutores-atores e ii) recursos básicos na sinalização (in)formal em língua de sinais (ou seja, o uso do espaço de sinalização, da velocidade de sinalização, soletração manual, modulação de parâmetros de sinais, expressões faciais, movimentos corporais e classificadores) considerados para análise de indicadores de formalidade nos textos sinalizados. A análise dos diferentes textos revelou certa variação nos níveis de formalidade em textos diferentes dependendo do estilo do tradutor-ator. A análise permitiu propor um modelo para a identificação de elementos da formalidade em um tipo específico de texto sinalizado – editais – identificado como um registro altamente formal, sugerindo assim futuras pesquisas para aprofundar esta análise.

Palavras-chave: Língua de Sinais, Variação de Registro, Formalidade, Tradutor-Ator, Editais.

ABSTRACT

This research reports findings on indicators of formality in Brazilian Sign Language (Libras), taking monologic signed texts as objects of the analysis. The general goal of this study was to analyze the linguistic and extralinguistic features that contribute to formal register in Libras. The specific goals involved an exploration of the theoretical and methodological criteria necessary to identify levels of formality in signed discourse produced by translators-actors, as well as to describe some elements that render signed monologic discourse more formal. The methodology adopted was twofold: i) Koch & Oesterreicher's (1995) model was used to identify the degree of proximity and distance in communication in order to compare the different levels of formality of translators'-actors' texts; and ii) several basic features signaling (in)formality in signed languages (i.e. use of signing space, signing speed, fingerspelling, modulation of sign parameters, facial expressions and body movements, and classifiers) were taken into consideration for the analysis of indicators of formality in the signed texts. The analysis of the different texts also revealed a certain variation in levels of formality in different texts depending on signer-translator styles. The analysis allowed proposing a model for identifying elements of formality in a specific type of signed text – public notices – identified as a highly formal register, suggesting future research to deepen this analysis further.

Keyword: Sign Language, Variation of Register, Formality, Translator-Actor, Public Notices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As CMs.	39
Figura 2 – Os tipos de Movimento.	40
Figura 3 – Pontos de Articulação (PAs) mais frequentes.	41
Figura 4 – O sinal soletrado “007”, realizado com ritmo mais rápido. .	43
Figura 5 – O sinal FONOLOGIA.	44
Figura 6 – O sinal DEAF (no registro mais informal) x o sinal DEAF (no registro mais formal).	46
Figura 7 – Comparando os tamanhos do sinal entre formal e informal.	46
Figura 8 – A localização mais utilizada pela soletração manual.	76
Figura 9 – O sinal PEOPLE de ASL usado por uma ou duas mãos dependendo de nível de registro.	80
Figura 10 – O sinal PRECISAR com ambas as mãos.	81
Figura 11 – o sinal PRECISAR com omissão de mão não-dominante..	82
Figura 12 – O sinal ESTUDAR com ambas as mãos.	83
Figura 13 – O sinal ESTUDAR com omissão de mão não-dominante.	83
Figura 14 – O sinal FELIZ.	87
Figura 15 – O sinal KNOW de ASL – <i>forma de citação e forma de conversação</i>	88
Figura 16 – O edital de Prolibras 2007 – UFSC.	95
Figura 17 – O edital de Vestibular 2010 – UFSC.	95
Figura 18 – O edital de Prolibras 2012 – INES.	96

Figura 19 – O edital de Vestibular 2013 – UFG.	96
Figura 20 – A imagem capturada do programa <i>ELAN</i>	98
Figura 21 – O corpo-modelo e o quadro do espaço de sinalização.	102
Figura 22 – Os passos da aplicação do ES ao corpo-modelo.	103
Figura 23 – O espaço de sinalização usado pelo TA-1 durante a maior parte do vídeo.	114
Figura 24 – O espaço de sinalização usado pelo TA-2 durante a maior parte do vídeo.	114
Figura 25 – O espaço de sinalização usado pelo TA-3 durante a maior parte do vídeo.	115
Figura 26 – O espaço de sinalização usado pelo TA-4 durante a maior parte do vídeo.	115
Figura 27 – O espaço de sinalização usado pelo TA-5 durante a maior parte do vídeo.	116
Figura 28 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-1.	120
Figura 29 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-2.	120
Figura 30 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-3.	121
Figura 31 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-4.	121
Figura 32 – O espaço máximo de sinalização empregado pelo TA-5.	122
Figura 33 – Imagens capturados durante o SOMND.	135
Figura 34 – ES usado com mais frequência.	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O esquema equilibrado entre adequabilidade e aceitabilidade.....	51
Quadro 2 – O esquema observado pelo autor sobre os níveis de registros.....	53
Quadro 3 – Um grau mínimo de reflexão <i>versus</i> um grau máximo de reflexão definidos por Camacho (1978 <i>apud</i> PRETI, 2003, p. 40 e CAMACHO, 2011).....	55
Quadro 4 – O mais tenso <i>versus</i> o menos tenso, Preti (2003).....	55
Quadro 5 – O modelo de análise sobre níveis de registros proposto por Kock & Oesterreicher (1985 e 1994 <i>apud</i> Weininger e Shield, 2004)..	61
Quadro 6 – Os cinco estilos de comunicação definidos por Joos (1968).	63
Quadro 7 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU – <i>PRODUÇÃO</i>	69
Quadro 8 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU – <i>FONOLOGIA</i>	70
Quadro 9 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU – <i>MORFOLOGIA</i>	70
Quadro 10 – O modelo de sinalização formal para os vídeos dos editais.	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A identificação de dados dos vídeos analisados.	93
Tabela 2 – A descrição de dados dos vídeos analisados.	94
Tabela 3 – O exemplo da tabela do modelo de K&O que a pesquisa usará.	101
Tabela 4 – O exemplo da tabela de resultado médio de todos os valores por TA que a pesquisa usará.	101
Tabela 5 – Os exemplos de EF <i>normais e intensas</i>	107
Tabela 6 – Os exemplos de MC <i>normais e expansivos</i>	108
Tabela 7 – A tabela do modelo de K&O preenchido com os valores de proximidade e distanciamento.	111
Tabela 8 – Tamanhos de corpos dos TAs expostos nos vídeos.	113
Tabela 9 – Confronto entre os espaços de sinalizações usados com frequência nos vídeos dos editais.	116
Tabela 10 – Quantidade de mão e/ou dedo(s) fora de enquadramento.	117
Tabela 11 – Direcionamentos de Mão(s) e/ou Dedo(s) fora do Enquadramento.	119
Tabela 12 – Quantidade de sinais por 01 minuto.	123
Tabela 13 – Média de duração do sinal (por parte de vídeo / 01 minuto).	124
Tabela 14 – Comparativo das Médias dos TAs.	124
Tabela 15 – Número e duração de ocorrências de SM.	127
Tabela 16 – Área de concentração de SM empregadas pelos TAs.	128

Tabela 17 – Duração média das CM da SM.	129
Tabela 18 – Comparativo entre a média individual de duração das CM nas SM e a média geral.	130
Tabela 19 – Número e duração de ocorrências de SOMND.	131
Tabela 20 – Sinais com omissão de mão não-dominante.....	131
Tabela 21 – Número e duração de ocorrências de EF.....	136
Tabela 22 – Número e duração de ocorrências de MC intensos.	138
Tabela 23 – Número e duração de ocorrências de CL.	139
Tabela 24 – Transcrições dos CL empregados.....	140
Tabela 25 – Número e duração de ocorrências de PTA.....	142

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – média do resultado final conforme o modelo de K&O. ...	111
Gráfico 2 – Valor de % do tempo de ocorrências de MDEF em relação ao tempo do vídeo.	118
Gráfico 3 – Variação da VS entre os TAs.	125
Gráfico 4 – Média de duração do sinal no conjunto das três partes. ...	125
Gráfico 5 – Valor em % do tempo de ocorrências de SM em comparação ao tempo do vídeo.	127
Gráfico 6 – Média de Duração das CM nas SM.	130
Gráfico 7 – Porcentagem no comparativo de SOMND entre: condição de simetria e dominância.	132
Gráfico 8 – % do tempo de ocorrências de SOMND em comparação com o tempo do vídeo.	133
Gráfico 9 – Valor em % do tempo de ocorrências de EF em comparação ao tempo do vídeo.	136
Gráfico 10 – Valor em % do tempo de ocorrências de MC intensos em comparação com o tempo do vídeo.	138
Gráfico 11 – Valor em % do tempo de ocorrências de CL em comparação ao tempo do vídeo.	141
Gráfico 12 – Valor em % do tempo de ocorrências dos sinais sem PTA em comparação ao tempo do vídeo.	142
Gráfico 13 – Valor em % do tempo de sinalização adequada à gramática da língua em comparação ao tempo do vídeo.	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AM** – Alfabeto Manual
- ASL** – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
- Auslan** – Australian Sign Language (Língua de Sinais Australiana)
- BSL** – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
- CL** – Classificadores
- CM** – Configuração de Mão
- EF** – Expressões Faciais
- ENM** – Expressões Não-Manuais
- ES** – Espaço de Sinalização
- FENEIS** – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
- INES** – Instituto Nacional de Educação dos Surdos
- ISL** – International Sign Language (Língua de Sinais Internacional)
- K&O** – Koch e Oesterreicher (autores do modelo de análise sobre a proximidade e o distanciamento)
- Libras** – Língua Brasileira de Sinais (termo é usado nacionalmente e legalmente)
- LSB** – Língua de Sinais Brasileira (termo é usado nacionalmente e internacionalmente)
- LSE** – Lengua de Signos Española (Língua de Sinais Espanhola)
- LSF** – Langue des Signes Française (Língua de Sinais Francesa)
- M** – Movimento
- MC** – Movimento Corporal
- MDFE** – Mão e Dedo(s) Fora de Enquadramento
- Or** – Orientação da mão
- PA** – Ponto de Articulação
- PTA** – Parâmetros Totalmente Articulados
- SM** – Soletrações Manuais
- SOMND** – Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante
- TA** – Tradutor-ator
- UFG** – Universidade Federal de Goiás
- UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina
- VR-Libras** – Vídeo Registro em Libras
- VS** – Velocidade de Sinalização
- VSM** – Velocidade de Soletrações Manuais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	27
2. REVISÃO DE LITERATURA	37
2.1. As Línguas de Sinais.....	37
2.1.1. Pesquisas com Línguas de Sinais.....	37
2.1.2. Fonologia das Línguas de Sinais	38
2.1.3. Prosódia das Línguas de Sinais.....	42
2.1.4. Léxico e Termos Técnicos nas Línguas de Sinais	43
2.1.5. Línguas de Sinais e Línguas Oraís: relações no registro formal	48
2.2. Formalidade nas Línguas	49
2.3. Dialeto Social Culto e Popular.....	53
2.4. Modelo de Análise de Koch & Oesterreicher	55
2.5. Cinco Estilos de Comunicação	62
2.6. (In)Formalidades nas Línguas de Sinais	64
2.6.1. Modelo de Registros em ASL pela Western Oregon University (WOU).....	68
2.6.2. Recursos de (In)Formalidade das Línguas de Sinais	71
• Espaço de Sinalização (ES).....	71
• Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE)	73
• Velocidade de Sinalização (VS).....	74
• Soletrações Manuais (SM)	75
• Velocidade da Soletração Manual (VSM)	78
• Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND)	79
• Expressões Faciais (EF)	84
• Movimento Corporal (MC).....	85
• Classificadores (CL)	86
• Parâmetros Totalmente Articulados (PTA).....	86
2.7. Considerações sobre a Revisão de Literatura.....	89
3. METODOLOGIA	91
3.1. Caracterização da Pesquisa	91
3.2. Descrição do Corpus	91
3.3. Ferramentas de Suporte de Pesquisa.....	97
3.4. Modelo de Análise de Koch & Oesterreicher	99
3.5. Classificação e Descrição dos Aspectos de Formalidade.....	101
3.5.1. Espaço de Sinalização (ES)	101
3.5.2. Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE).....	103

3.5.3. Velocidade de Sinalização (VS).....	103
3.5.4. Soletrações Manuais (SM)	105
3.5.5. Velocidade de Soletrações Manuais (VSM).....	105
3.5.6. Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND).....	106
3.5.7. Expressões Faciais (EF)	107
3.5.8. Movimento Corporal (MC)	108
3.5.9. Classificadores (CL).....	109
3.5.10. Parâmetros Totalmente Articulados (PTA).....	109
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	110
4.1. Resultados a partir do Modelo de Koch & Oesterreicher	110
4.2. Classificação dos Aspectos de Formalidade - Dados e Discussão dos Resultados	112
4.2.1. Espaço de Sinalização (ES).....	112
4.2.2. Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE).....	117
4.2.3. Velocidade de Sinalização (VS).....	123
4.2.4. Soletrações Manuais (SM)	126
4.2.5. Velocidade de Soletrações Manuais (VSM).....	129
4.2.6. Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND).....	131
4.2.7. Expressões Faciais (EF)	135
4.2.8. Movimento Corporal (MC)	137
4.2.9. Classificadores (CL).....	139
4.2.10. Parâmetros Totalmente Articulados (PTA)	142
4.3. Algumas Conclusões	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS.....	154

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo apresenta uma investigação sobre os indicadores de formalidade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e tem como objeto de análise de textos de gênero monológico sinalizados. Apesar de um tanto quanto ‘polêmico’ o assunto dessa investigação apresenta-se como tema fundamental para o desenvolvimento da área dos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, sobretudo, porque os diferentes registros dessa língua, incluindo o formal, merecem mais atenção em esfera acadêmica, bem como pesquisas sistemáticas mais aprofundadas e reflexões teóricas, uma vez que no cenário brasileiro ainda são poucas as investigações que se debruçam sobre essa temática.

O trabalho desenvolvido nessa pesquisa apresenta o objeto de investigação sob uma perspectiva de diálogo a partir de estudos já desenvolvidos que fazem interface com o tema central, bem como com algumas discussões teóricas tecidas por autores e pesquisadores apresentados na seção de embasamento teórico dessa dissertação. Esse diálogo é construído no intuito de apresentar ao leitor um cruzamento de conhecimentos e saberes sobre o tema, implicando a proposta de um modelo teórico do registro formal na Língua Brasileira de Sinais com o enfoque no discurso monológico.

O assunto dessa investigação é abordado também a partir de alguns apontamentos linguísticos com base em entendimentos empíricos do próprio pesquisador enquanto usuário nativo da Libras. Também com base em modelos teóricos disponíveis no campo dos estudos linguísticos das línguas faladas que, naturalmente, podem ser aplicados como métodos de análise das línguas de sinais uma vez que são possíveis e adequados para identificação dos indicadores e dos graus de formalidade do discurso.

Além de colaborar com os estudos linguísticos em geral e, especialmente, com os estudos linguísticos das línguas de sinais, essa investigação pretende contribuir para o enriquecimento dos novos campos do saber da Língua Brasileira de Sinais que fazem interface com os estudos sobre o discurso sinalizado e seus tipos de registros.

A proposta dessa pesquisa surgiu a partir das reflexões sobre os aspectos de formalidade e informalidade nas línguas de sinais discutidas nas reuniões de estudo realizadas pela Equipe de Tradutores do Letras

Libras¹ (ETLL) da qual o pesquisador fez parte como tradutor-ator durante o ano de 2010.

Antes dar continuidade à contextualização do surgimento dessa investigação, porém, faz-se necessário esclarecer primeiramente ao leitor que foi após muitos anos de luta por seus direitos linguísticos e respeito à comunidade surda que os surdos brasileiros, junto à Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e demais pessoas envolvidas com a causa, conquistaram a oficialização da Língua Brasileira de Sinais. Foi a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que a Libras foi reconhecida como a língua natural dos surdos no Brasil. Vale lembrar que na legislação a Língua Brasileira de Sinais é entendida como um meio de comunicação e expressão onde o sistema linguístico é de natureza visual-motora e possui estrutura gramatical própria. Trata-se de “um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, p.23).

Essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, em 22 de dezembro de 2005. Esse, por sua vez, foi instituído no desígnio de assegurar o direito dos surdos à educação de forma acessível sendo sua comunicação realizada por meio da mediação de profissionais intérpretes. Legalmente, essa acessibilidade comunicacional contempla as instituições públicas de ensino de todos os níveis educacionais, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Por decorrência dessas conquistas legais, considera-se que o número de surdos nos contextos educacionais e acadêmicos, bem como a presença de surdos professores formados e capacitados para atuação no ensino da língua de sinais nessas esferas aumentou consideravelmente, assim como a própria visibilidade e o respeito à Libras e seus usuários nas diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, sobretudo às ligadas ao campo educacional e acadêmico.

O curso superior para formação de professores da Língua Brasileira de Sinais que a legislação exige e menciona é atualmente ofertado, além de outras instituições, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Curso de Letras Libras foi promovido e oferecido por essa instituição inicialmente em 2006 na modalidade à distância (QUADROS e STUMPF, 2009) e hoje também vem sendo oferecido regularmente na modalidade presencial. Os alunos que se formam nesse curso recebem a titulação de licenciados em Língua Brasileira de Sinais

¹ Curso de Letras Libras EAD da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

tornando-se competentes para atuação como professores de Libras em esfera educacional. Outra possibilidade de habilitação é a titulação de bacharelado cuja formação capacita profissionais tradutores e intérpretes da língua e/ou pesquisadores.

Conforme Quadros e Souza (2008), no Curso de Letras Libras, a Libras foi empregada como a língua de instrução nas aulas e todos os conteúdos e materiais didáticos desenvolvidos e disponibilizados – no caso da modalidade à distância – foram desde então todos pensados para a língua de sinais. Os textos-base de referência das disciplinas, contudo, eram produzidos na língua portuguesa sendo elaborados pelos professores autores dos respectivos componentes curriculares contemplados no projeto do curso. Nesse sentido, para a disponibilidade em Libras dos materiais escritos e de modo a viabilizar o acesso pleno ao conteúdo por parte dos alunos surdos foi constituída uma equipe de tradução onde profissionais tradutores-atores (TA) trabalhavam desde então com as traduções dos textos-base e demais materiais oferecidos de forma bilíngue pelo curso. Essas traduções eram disponibilizadas em forma de hiperfídmias no ambiente virtual de aprendizagem dos alunos.

A definição de *tradutor-ator* é entendida nesse estudo conforme Quadros e Souza (2008) apontam a partir de Novak (2005). Os autores afirmam que a prática desses profissionais decorre de textos sinalizados filmados, isso por que se trata de “uma língua vista pelo outro”, além disso, “é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais” e, portanto, “uma língua que depende da presença material do corpo do ‘tradutor’, por isso também ‘ator’” (NOVAK, 2005 *apud* QUADROS e SOUZA, 2008, p. 175). É importante considerar, ainda conforme os autores, que esse processo tradutório é novo, pois envolve além do texto escrito (da língua falada no país), um texto ‘oral’ sinalizado na língua de sinais. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 174).

A Equipe de Tradutores do Letras Libras (ETLL) era responsável pela tradução dos textos elaborados para as respectivas disciplinas e mantinha frequentemente reuniões de discussões sobre diferentes questões, entre elas: as atuações dos tradutores-atores, as diferentes estratégias de tradução, os diferentes tipos de emprego da Libras nos textos traduzidos e a busca por qualidade nos serviços realizados. A origem dessa investigação foi inspirada justamente nas discussões tecidas nessas reuniões, sobretudo nas conversas sobre variação do registro da língua de sinais, o que permitiu reflexões sobre a formalidade da Libras nas traduções de textos voltados a situações formais, bem como a adequação do uso de variedades linguísticas conforme certos contextos sociais e suas especificidades.

Pensando em uma perspectiva dos estudos das línguas faladas, tradicionalmente diferentes dos estudos das línguas de sinais mais recentes, vale nesse contexto compartilhar as palavras de Trask (2008) sobre a linguagem formal e coloquial das línguas orais. De acordo com o autor “os linguistas do passado concentraram frequentemente suas atenções nas variedades mais formais da linguagem, mas os linguistas de hoje estão mais propensos a considerar a fala coloquial como objeto primário de seu estudo, ou pelo menos como um objeto de estudo tão importante quanto à fala ou escritas formais” (TRASK, 2008, p. 107).

Vale destacar que os estudos das línguas sinalizadas iniciaram suas investigações explorando seus fenômenos linguísticos a partir de perspectivas voltadas à gramática e estrutura linguística, até mesmo na tentativa de provar inicialmente seu *status* linguístico, o que decorreu das investigações e comprovações de William Stokoe a partir da década de 60. Contudo, ao contrário das línguas orais, percebe-se que muitas das investigações em línguas sinalizadas, sobretudo na Língua Brasileira de Sinais, se voltam a estudos da língua empregada em situações familiares, escolares, em associações de surdos e demais contextos onde os usuários das línguas de sinais – membros da comunidade surda – se comunicam habitualmente, ou seja, contextos onde o registro da língua concentra-se na linguagem de registro coloquial; e que investigações sobre o uso da língua em contextos de registro formal ainda são incipientes. Percebe-se uma carência de pesquisas e estudos científicos sobre esse assunto em especial no cenário brasileiro. É possível considerar, portanto, a importância e urgência de investigações sobre as variedades linguísticas da Libras, mesmo se tratando de um assunto que parece suscitar diferentes opiniões e discordâncias, assim como preferências diversas por parte de usuários² da língua, incluindo sinalizantes de diferentes regiões do país.

A língua de sinais no Brasil torna-se amplamente difundida a cada dia e vem conquistando um grande espaço. Nota-se ser entendida hoje, por muitos usuários, como uma das línguas mais necessárias do Brasil. É possível perceber que, nos últimos anos, os estudos sociolinguísticos da Língua Brasileira de Sinais vêm crescendo, porém ainda está longe da expressividade dos estudos relativos à língua oral majoritária no país, isto porque o português falado é, naturalmente, uma língua muito mais antiga e já há anos oficializada e constituída. Stumpf (2005, p. 22) observa que o reconhecimento formal do *status* linguístico

² Aqui os usuários referidos são os sinalizantes surdos e/ou ouvintes fluentes em Libras.

das línguas de sinais é recente. A autora afirma que a UNESCO, somente em 1984, declarou a língua de sinais como um sistema linguístico legítimo que deveria merecer o mesmo *status* que os demais sistemas. É nesse sentido que o número de pesquisadores e estudiosos científicos da área dos estudos linguísticos sobre a Libras, embora crescente e gradual, ainda é inexpressivo se comparado aos agentes das investigações sobre a língua portuguesa.

Sobre os registros da fala é válido considerar que na área dos estudos linguísticos relacionados às possibilidades de aplicação da língua e seu uso na sociedade, percebem-se dois principais registros de fala: registros formais e registros informais. É sabido que toda a língua possui recursos que possibilita seus usuários a utilizarem a linguagem de maneira formal e/ou informal. O vocabulário, as estruturas gramaticais, a morfologia, a pronúncia, a entonação, o volume da fala ou da sinalização (no caso das línguas de sinais) são alguns elementos que fazem parte desse conjunto de recursos. Os registros podem variar entre pessoas, entre contextos e características de uso, independentemente da língua usada (português, inglês, francês), da modalidade dessa língua (língua falada ou sinalizada), do gênero do usuário (homem ou mulher), da faixa etária desses usuários, de seu *status* social e até mesmo, independentemente, do dialeto empregado. O usuário da língua tem a possibilidade de variar sua produção de acordo com a formalidade ou a informalidade do contexto que está inserido.

Alguns estudos, como serão vistos no decorrer desse estudo, consideram que a maneira mais objetiva de pensar o registro é através de uma escala de variação que muda de forma contínua do registro mais informal para o mais formal ou vice-versa. Dependendo das circunstâncias em que o usuário está inserido, diferentes graus de formalidade ou informalidade poderão ser enquadrados em sua fala. Ser proficiente na língua e saber adaptá-la nas mais diversas situações de comunicação em convívio social significa dominar a língua, isto é, saber empregá-la com propriedade.

Observa-se, atualmente, o uso da Libras nos mais diversos contextos sociais. Com a inclusão social e o crescente acesso dos surdos na sociedade, a utilização da língua de sinais vem gradualmente abrangendo novos espaços: acadêmicos, empresariais, jurídicos, hospitalares, etc. Não mais se observa a utilização da Libras somente nas comunidades e nos espaços escolares, mas também em outras esferas. Muitas dessas esferas exigem o registro formal no uso da língua utilizada e, por isso, as pessoas sinalizantes são levadas a enquadrarem

seus registros de fala independentemente dos discursos que pretendem proferir.

A utilização da Libras e a variação dos registros empregados no contexto mais formal são, nesse sentido, trazidas para discussão nessa investigação de modo que o recorte das análises enfoca textos monológicos – editais – traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais e disponibilizados ao público sinalizante. Entende-se, inicialmente, que os elementos linguísticos e gramaticais do registro formal podem ser empregados diferentemente e são usados na sinalização de acordo com as circunstâncias do contexto.

Camacho (2011) demonstra a importância da consciência a respeito de variedades linguísticas – *padrão* e *não-padrão* – nesse caso, no contexto educacional, o que pode ser entendido e aplicado aos demais contextos de uso da linguagem em se tratando de valorização e respeito dos diferentes tipos de variações. De acordo com o autor:

“[...] o ensino da variedade-padrão continua a ser um dever da escola e um direito do aluno, mas não precisa ser necessariamente **substitutivo** e, por isso, não implica a erradicação das variedades não-padrão. As formas alternativas de expressão podem conviver harmoniosamente na sala de aula; cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para ele perceber as diferenças de valor social entre as variedades que lhe permita depois selecionar a mais adequada, conforme as exigências das circunstâncias da interação.” (CAMACHO, 2011, p. 48-49).

Assim como o autor comenta, entende-se que a variedade não-padrão das línguas seja considerada, sobretudo em sua totalidade e importância, visto que carrega consigo sua própria história regional, local e original. Considera-se, no entanto, relevante que os usuários de tal variedade saibam e conheçam a variedade padrão de modo a compreendê-la ao estarem inseridos em locais e contextos onde ela é empregada e exigida, como, por exemplo, em situações onde há um relativo grau significativo de formalidade implícito nos discursos.

É importante também observar o que Camacho fala sobre o uso de estilo empregado da linguagem:

“[...] em termos de adequação à situação comunicativa [...] **variação estilística**, tanto as formas estigmatizadas, quanto as demasiadamente cultas podem ser enquadradas na variedade não-padrão, já que, nesse último caso, não é raro que o interlocutor desconhecido elabore um julgamento negativo do falante, não porque tenha usado um “mal português”, nem porque seja desprovido de cultura, mas simplesmente porque o estilo empregado, inadequado àquela situação específica, pode dar a impressão de um falante demasiadamente “pretensioso”. (CAMACHO, 2011, p. 46-47)

O que Camacho traz foi compartilhado em certa medida e em situação inversa num momento vivenciado pelo pesquisador dessa investigação. Em um fato ocorrido em sua experiência profissional, ao ministrar uma oficina, alguns sinais específicos da área dos estudos linguísticos foram empregados. Um participante da oficina, na oportunidade, comentou que os sinais empregados estavam supostamente inadequados para o uso na sala naquele contexto. No momento, a argumentação do ministrante pautou-se na ideia de que os empréstimos linguísticos ocorrem em todas e quaisquer línguas e que se tratavam de sinais já convencionados no contexto de onde estava inserido (contexto acadêmico). Conforme o exemplo trazido por Camacho (2011) com relação às variações linguísticas e as diferentes impressões possíveis dos interlocutores, a situação ocorrida nesse caso pode ser entendida também como um momento onde o entendimento do uso dos sinais e suas variações entraram em choque implicando julgamentos negativos e estigmas.

Conforme a linha de pensamento de Hoza (2007) o comportamento do sinalizante inesperado pode ser interpretado como uma forma de preconceito linguístico numa situação determinada. Essa questão é um tanto complexa, visto que implica diferentes reações possíveis decorridas de um diálogo entre o emissor e o receptor. Nesse contexto, torna-se importante repensar sobre algumas questões oriundas desse tipo de situação: o ministrante da oficina, no caso supracitado, diante do descaso do participante e de sua não aceitação dos sinais empregados não deveria compartilhar os termos especializados de forma a permitir a construção de conhecimentos e saberes científicos sobre a área tratada? Ou será que a forma e a construção do sinal são realmente mais importantes do que seu significado, seu conceito e as implicações

de sua definição nas discussões do momento? É possível entender que o argumento e posição do participante podem ter sido motivados pela sua falta de conhecimento sobre o tema da oficina ou ainda pelo seu desconhecimento sobre a questão da variação linguística dos estudos sociolinguísticos? Várias respostas para esses questionamentos poderiam ser dadas. Cada sujeito tem suas próprias percepções de língua considerando seu posicionamento sócio-histórico e suas relações, bem como sua inscrição ou não em contexto acadêmico. As vivências e trajetórias de cada sujeito podem afetar esse tipo de relação com a língua e possíveis discussões metalinguísticas, porém é importante que repense sobre os tipos de uso da linguagem e a valorização desses em cada área e contexto comunicacional.

É importante que os sujeitos se posicionem criticamente perante a língua, assim como ocorreu no relato do participante ao questionar os sinais, contudo, entende-se que esse posicionamento crítico precise estar baseado num conhecimento mínimo sociolinguístico sobre as particularidades de uma língua nova como a Libras, de modo a valorizar e respeitar suas variações. Avelar (2010, p. 69) em sua pesquisa desenvolveu entrevistas com tradutores-atores surdos do Curso de Letras Libras. Numa das questões, a autora levanta a seguinte indagação: “Você acha que vai surgir uma nova padronização linguística de sinais ou não?” Em uma das respostas é possível observar:

“Com a difusão do Curso de Letras-LIBRAS, os sinais pipocaram para várias cidades e muitos têm usado os sinais padronizados para usar em qualquer lugar, como nas escolas, trabalho como professor bilíngue e de língua de sinais. Eu, particularmente, como professora de língua de sinais, uso os sinais padrão do Letras-LIBRAS para usar no curso de língua de sinais. Isso tem sido muito positivo, porque o neologismo de sinais tem ajudado bastante na difusão e enriquecimento de vários sinalários”. (AVELAR, 2010, p. 69)

Entende-se que a padronização da Libras, especialmente nas áreas em que questões profissionais estão envolvidas, torna-se relevante, sobretudo para aqueles sinalizantes que atuam nesses contextos. É possível que conhecimentos científicos sejam compartilhados com outros profissionais, inclusive profissionais sinalizantes de outras regiões do país. Com esse compartilhamento de sinais, a área da

profissão consequentemente torna-se mais ‘comunicável’, a Libras é automaticamente enriquecida e o diálogo entre diferentes áreas e contextos facilitado. A comunicação entre os profissionais sinalizantes surdos e/ou ouvintes (fluentes em Libras) da mesma área torna-se possível e sem possíveis ruídos ou entraves semânticos.

Cabe destacar que a língua de sinais usada no Brasil é bastante expressiva, rica em regionalismos e variações. Devido a grande extensão do país, quantidade de estados e regiões de culturas e identidades múltiplas, muitos sinais que são usados em uma determinada região podem perfeitamente se diferenciar (em termos de composição fonética e morfológica) de outros sinais usados em regiões diferentes. Alguns dos fatores que podem influenciar nessa diferenciação correspondem à própria cultura e história da Libras. Diante essa multiplicidade, consideram-se relevantes posturas de entendimento dessas variações como fenômeno linguístico natural possível de acontecer com qualquer língua, sobretudo com as línguas novas como é o caso da Língua Brasileira de Sinais. A valorização de seu sinalário mesmo que diferenciado é imprescindível para a difusão da língua, sua visibilidade perante a comunidade linguística majoritária do Brasil e, principalmente, para o empoderamento e fortalecimento das políticas linguísticas nacionais.

No entanto, algumas relações complexas de mútua compreensão (ou incompreensão) são presentes e parecem constantes entre sinalizantes. Outro exemplo que pode ser compartilhado nesse texto de introdução – no intuito de o leitor poder compreender a complexidade na qual essa investigação transita – pode ser refletido em uma segunda situação enfrentada pelo pesquisador. Ao ser convidado para ministrar um minicurso de Libras em uma cidade do interior, na oportunidade ministrante do minicurso, o pesquisador empregou diferentes sinais, porém dessa vez os sinais empregados eram menos específicos, ou seja, mais corriqueiros em seu contexto de atuação. Os participantes do minicurso, no momento, questionaram o significado de alguns sinais usados. Ao explicar-lhes o significado com o uso de algumas soletrações manuais com base na língua portuguesa, alguns participantes compreenderam a definição da explicação, ao passo que outros, ao não compreenderem, argumentaram contra a sinalização, simplesmente pelo fato de eles terem aprendido outros sinais para tais conceitos.

Nessa situação, o que transpareceu foi que os alunos estavam assumindo um posicionamento contrário às variações de sinais, mostrando-se intransigentes e a favor somente aos sinais aprendidos em seu próprio local de uso. As implicações desse tipo de resistência e da

falta de noção linguística podem ser muitas como já foi mencionado. Assim, torna-se fundamental considerar que a consciência das variedades linguísticas e estilísticas promove o saber lidar com a língua e seus diferentes registros e usos. De acordo com Labov:

“Em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões.” (LABOV, 2008, p. 251).

A Libras é expressiva em variedades linguísticas e parece não haver ainda uma variedade-padrão bem definida. Entende-se que essa ausência possa estar atrelada a fatores sociolinguísticos como, por exemplo, a falta de uma oficialização e difusão integral de um único e padrão sistema de escrita; também o fato de as tecnologias ainda recentes não serem tão acessíveis a todos os públicos, etc. Percebe-se que atualmente a Libras parece ser aos poucos enriquecida, fortalecida e difundida, sobretudo, em função do aumento dos espaços de socialização e inserção dos surdos e usuários da língua em geral, como é o caso dos contextos acadêmicos onde profissionais pesquisadores e estudiosos sinalizantes estudam a língua.

Diante essa contextualização inicial, objetiva-se nesse estudo analisar os elementos linguísticos utilizados como recursos na sinalização em registro formal da Língua Brasileira de Sinais observando de que forma são empregados, bem como averiguar quais os principais aspectos que representam a formalidade da língua no tipo específico de gênero textual escolhido como recorte nessa investigação, editais. Os objetivos específicos desse estudo compreendem em: i) explorar os critérios teóricos e metodológicos para identificar diferenças entre modalidade no discurso da Libras; ii) buscar evidências para a identificação de níveis de formalidade no discurso produzido por TAs (tradutores-atores); iii) e descrever alguns dos elementos que tornam o registro em Libras mais formal.

Essa dissertação foi organizada em cinco principais capítulos: *Introdução*; *Revisão de Literatura*, subdividida em sete seções; *Metodologia*, desmembrada em cinco partes de explicitação metodológica; *Análise e Discussão dos Resultados* com três seções e, por fim, as *Considerações Finais*.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. As Línguas de Sinais

As línguas de sinais são usadas pelas comunidades surdas. Comunidades essas que se difere em cada país. É importante pontuar que as línguas de sinais não são universais, ou seja, cada país tem a sua própria língua sinalizada, assim como a língua portuguesa do Brasil que é diferente de língua inglesa dos Estados Unidos que, por sua vez, é diferente da língua francesa da França (GESSER, 2009; QUADROS e KARNOPP, 2004). A origem de Libras é francesa, decorre da Língua de Sinais Francesa (LSF). Quando o professor francês Eduardo Huet chegou ao Brasil foi convidado pelo imperador Dom Pedro II a ministrar aulas de língua de sinais já que tinha experiência e formação em cursos ministrados em Paris. Em 1857 inauguraram a primeira escola para as pessoas surdas no Brasil: o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizado no Rio de Janeiro, e em funcionamento até então. Esses acontecimentos relatados acima são fatores históricos correspondem a uma das partes mais importantes e conhecidas da história das pessoas surdas no país.

Cabe lembrar que as línguas de sinais são diferentes das línguas faladas devido à sua modalidade linguística. Para justificar essa diferença, é importante considerar que as línguas usadas pelas comunidades ouvintes envolvem o mundo dos sons. No exemplo da pesquisadora Felipe (2006) é possível apontar que o português trata-se de uma “língua de modalidade *oral-auditiva*, que utiliza, como canal ou meio de comunicação sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.” (FELIPE, 2006, p. 20). Enquanto que as línguas de sinais se caracterizam pela modalidade *espaço-visual*, pois “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos.” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.47-48).

2.1.1. Pesquisas com Línguas de Sinais

As línguas de sinais foram estudadas e pesquisadas a partir da década de 60 por Stokoe (QUADROS e KARNOPP, 2004) que comprovou cientificamente que as línguas sinalizadas são sistemas abstratos de regras gramaticais, assim como qualquer outra língua falada, e que são naturais usadas pelas comunidades surdas. Conforme Stokoe, “a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de

uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.” (1960 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

No Brasil, a partir da década de 80, Ferreira, autora do livro *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*, começou a estudar especialmente a Língua Brasileira de Sinais. Difundiu esses estudos científicos pelas comunidades surdas brasileiras e inspirou pesquisadores a aprofundar seus estudos sobre a Libras. É válido ressaltar a importância das pesquisas considerando que a ação de pesquisar reflete numa transformação de conhecimento social, científico e humano. Cabe compartilhar as palavras de Ferreira:

“Com a *Sociologia* e a *Antropologia* – o papel que desempenham as línguas de sinais nas sociedades ocidentais tem sido secundário, limitando-se o seu uso a pessoas e lugares restritos e sendo elas alvo de preconceitos e desprestígio. As pesquisas linguísticas sobre uma Língua de Sinais revalidam seu *status* de língua, conferindo-lhe mais prestígio e, portanto, respeito. Isso implica numa reestruturação social no que diz respeito ao espaço que os surdos ocupam na sociedade em que vivem. Revalidando-se a língua, revalida-se também a cultura surda e isto permite ao surdo melhor desempenho da sua função enquanto cidadão.” (FERREIRA, 2010, p. 13).

2.1.2. Fonologia das Línguas de Sinais

Tanto as línguas faladas como as línguas de sinais demonstram a dupla articulação, ou seja, possuem unidades mínimas de formação de palavras (na língua falada) e/ou sinais (na língua sinalizada). De acordo com Ferreira (2010, p. 35), nas línguas faladas, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca. Já nas línguas de sinais, a estrutura fonológica é organizada a partir de parâmetros visuais.

Como mencionado, os estudos sobre a fonologia das línguas de sinais iniciaram nos anos 60 pelo pesquisador da língua de sinais americana, Stokoe (1960 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010). A pesquisa do autor contribuiu para identificação de três aspectos fonológicos essenciais na formação dos sinais nas línguas sinalizadas. Suas pesquisas tratavam especificamente da ASL (American

Sign Language), porém suas descobertas passaram a ser aplicadas e comprovadas também em outras línguas, como o caso da Libras. Os aspectos fonológicos identificados pelo autor foram:

- *Configuração de Mão (CM)*

A configuração de mão corresponde à forma da mão empregada com determinado desenho. Por exemplo, a CM em V ou em 2 pode ser usada para a formação do sinal ANDAR ou do sinal VER. Já a CM em 1 ou em G pode ser usada para a formação do sinal APONTAR ou então para o pronome EU. Na ilustração abaixo é possível visualizar as diferentes formações manuais correspondentes às CM da Libras:



Figura 1 – As CMs.

Fonte: figura disponível em <http://www.cbsurdos.org.br/imagens/alfabeto2.jpg>. Acesso em 15 mar. 2013.

- *Movimento (M)*

Os sinais são construídos a partir de diferentes tipos de movimentos. Esses movimentos demonstram a direção de origem e destino de um sinal podendo ou não ser motivado pelo movimento de

uma pessoa, um objeto ou um animal. Abaixo é possível ver alguns exemplos de movimento trazidos na ilustração de Strobel e Fernandes (1998).

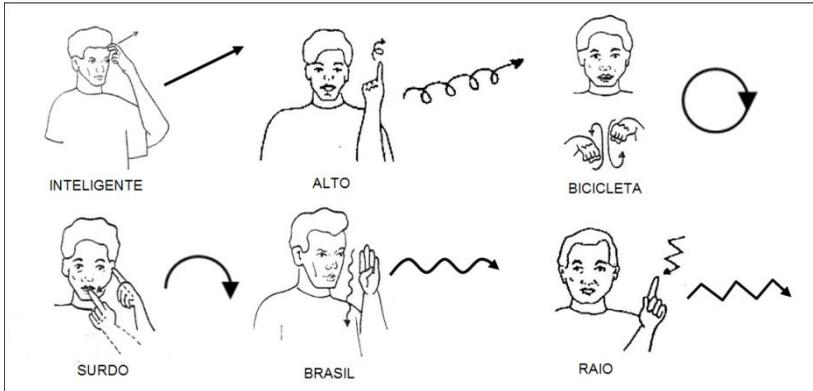


Figura 2 – Os tipos de Movimento.

Fonte: figuras extraídas do livro *Aspectos Lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais* de STROBEL e FERNANDES (1998).

- Ponto de Articulação (PA)

A função do ponto de articulação³ é estabelecer as marcações referenciais no espaço de sinalização ou então no corpo do sinalizante. É onde os sinais são realizados, ou seja, a disposição dos sinais, onde eles se localizam. Na figura abaixo é possível visualizar algumas das regiões do corpo (grifadas em vermelho) onde é possível dispor alguns pontos de articulação dos sinais:

³ *Ponto de Articulação* é também conhecido e empregado por alguns autores com a denominação *Locação* (L). Nesse estudo o termo empregado será *Ponto de Articulação* (PA).

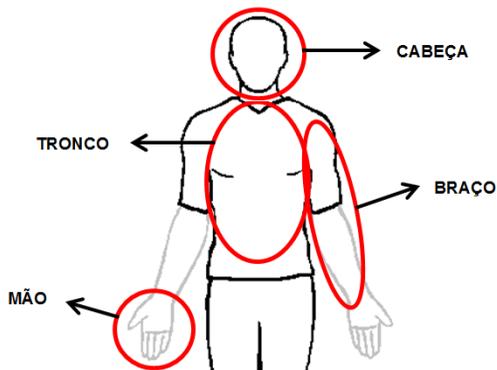


Figura 3 – Pontos de Articulação (PAs) mais frequentes.

Vale lembrar que os três principais parâmetros mencionados (CM, M e PA) são os parâmetros básicos das línguas de sinais e primeiramente identificados. Se acaso um dos três for excluído, torna-se impossível a formação de um sinal. Se apenas uma unidade mínima, por exemplo, um dos parâmetros apenas for sinalizado, dificilmente o sinal obterá um valor semântico. Para que um valor semântico no sinal seja identificado é importante que se tenha a combinação de dois e/ou, na maioria dos casos, três parâmetros. Nesse sentido, que esses três parâmetros foram denominados nessa investigação como parâmetros principais.

Battison (1974 e 1978) e alguns outros pesquisadores identificaram nas línguas sinalizadas mais dois parâmetros. Mais tarde, esses parâmetros foram considerados também como fatores determinantes para a formação dos sinais (QUADROS e KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010). Esses dois parâmetros são:

- *Orientação da Mão (Or)*

A orientação da mão corresponde a um componente imprescindível da formação dos sinais que está relacionado à disposição da palma da mão. A função deste parâmetro é de diferenciar os sinais conforme o direcionamento da mão. A mão na formação dos sinais pode, por exemplo, estar direcionada para cima e/ou para baixo, para dentro e/ou para fora, para a esquerda e/ou para a direita.

- *Expressões Não-Manuais (ENM)*

As expressões não-manuais, ou expressões faciais, estão relacionadas com fatores paralinguísticos. Esse parâmetro funciona a partir da ação de movimento de certas partes do rosto e/ou corpo, como: bochechas, cabeça, sobrancelhas, nariz, lábios, tronco e outras partes do corpo. São elementos necessários capazes de alterar o sentido de uma sentença ou item lexical. Por exemplo, na Libras, a sentença: EL@^HOMEM TER MOTO, sinalizada com as sobrancelhas levantadas para cima pode inferir uma interrogação. Já se for sinalizada com o movimento da cabeça de cima para baixo ou com uma expressão do rosto suavemente neutra, pode inferir uma afirmação. Esses elementos não manuais podem ser empregados para esclarecer ou intensificar o sentido de um sinal enunciado.

Esses dois últimos parâmetros citados são considerados secundários. Alguns sinais necessitam das ENM para afirmar o sentido de um enunciado, outros podem não precisar. Cabe lembrar que a orientação da mão (Or) assume um papel importante no sentido de composição dos sinais (verbos) com concordância⁴ e, de forma geral, todos esses parâmetros mencionados são gramaticalmente presente em quaisquer línguas de sinais.

2.1.3. Prosódia das Línguas de Sinais

De acordo com Leite T. A. (2008), os estudos tradicionais sugerem que a prosódia em línguas de sinais esteja relacionada com os sinais não-manuais. Vale pontuar que esse aspecto linguístico começa a receber uma atenção mais cuidadosa por parte dos linguistas por volta da década de 80. Tanto os elementos prosódicos das línguas de sinais quanto as expressões não-manuais são relacionadas com os elementos paralinguísticos. Esses elementos são importantes para construir o sentido da sentença e também apresentar o início ou o fim de uma expressão. Conforme o autor, umas das formas mais simples e diretas de identificação dos elementos prosódicos é a *pausa*. Leite, T. A., afirma que a pausa nas línguas orais equivale à ausência de vocalização e nas línguas de sinais é observada pelo momento em que as mãos retornam do espaço de sinalização para uma posição de repouso. (LEITE, T. A., 2008, p. 30). É importante entender a prosódia das línguas de sinais

⁴ O verbo DAR possui concordância, pois funciona a partir do direcionamento do sinal para seu destino de referência. O sinal PEGAR também precisa da orientação adequada de forma a esclarecer o lugar do objeto pegado. Mais exemplos, ver Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010).

como um dos aspectos fundamentais implicados no uso da língua em nível formal e/ou informal. Leite, T. A., afirma que:

“[...] manifestações de pausa nas LSs podem ser “mais complexas”, envolvendo períodos em que o falante suspende um sinal no ar, sem movimento, por um período relativamente prolongado de tempo. Nespor e Sandler (1999) acrescentam que essa manutenção da suspensão, em geral, envolve um relaxamento da configuração e localização das mãos (p. 17). O fator crucial, nesse sentido, seria a *ausência de movimento*, em contraposição à ausência de som nas LOs.” (LEITE, T. A., 2008, p. 30).

Como o autor observou em sua investigação, os elementos prosódicos são complexos e ricos. Esses elementos foram pesquisados e aprofundados na tese do autor e, nessa pesquisa, serão adotados para análise.

2.1.4. Léxico e Termos Técnicos nas Línguas de Sinais

Tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas faladas, costumam-se encontrar itens lexicais específicos, ou seja, jargões⁵ de determinadas áreas, sobretudo, em contextos mais técnicos e formais. Em situações não formais percebe-se também existir sinais específicos, sinais criados por grupos sociais mais restritos como gírias. Abaixo é possível visualizar dois exemplos de sinais específicos:

- a) Jargão ou gíria criada por um grupo de pessoas:



Figura 4 – O sinal soletrado “007”, realizado com ritmo mais rápido.

⁵ Jargão remete aos “termos de arte” ou “termos técnicos” usados por diferentes grupos profissionais. “Termos privados” ou “códigos/gírias” usados por diferentes grupos sociais. (BURKE e PORTER, 1997).

Fonte: figura extraída de *Existem gírias na língua de sinais dos surdos?*, de HIRATA (2010, p. 58)

O sinal mostrado na figura 4 remete a uma pessoa esperta, inteligente, sedutora, malandra ou com boa lábia. Os usuários, quando fora do contexto, podem não entender esse sinal empregado por um determinado sinalizante.

- b) Sinal específico ou jargão sinalizado no glossário do Curso Letras Libras:



Figura 5 – O sinal FONOLOGIA.

Fonte: as imagens capturadas do vídeo do glossário no Curso de Letras-Libras.⁶

Acesso disponível em: <

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/glossary/showentry.php?courseid=1&eid=536&displayformat=dictionary>>. Acesso em 15 mar. 2013.

O sinal da figura 5 corresponde a um termo técnico usado com frequência nos estudos linguísticos da Libras, sobretudo, no Curso de Letras Libras. De acordo com Oliveira e Weininger (2012), há um número significativo dos sinais específicos no curso de Letras Libras empregados e difundidos.

No relato descrito anteriormente no capítulo de introdução dessa pesquisa, no momento da oficina, foram usados pelo autor ministrante no momento da formação, alguns sinais específicos do Curso Letras Libras e muitas das pessoas que participavam do evento não os conheciam. São termos importantes, uma vez que possibilitam sustentar explicações científicas e teóricas sobre a gramática das línguas de sinais. Situações como essa normalmente podem acontecer em vários

⁶ Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/glossary/view.php?id=1340&mode=letter&hook=F&sortkey=&sortorder>. Acesso em 10. Fev. 2013.

lugares onde os profissionais e as pessoas se comunicam. Se o professor adotar uma estratégia didática de mostrar os sinais específicos e logo em seguida explicar tais conceitos, pode ser que seja uma solução possível para entaves e falhas de comunicação. Cabré (1993) afirma que “para especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional.” (1993 *apud* KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 17).

Há grupos de pesquisadores surdos e ouvintes fluentes em Libras que propõem o desenvolvimento e a produção de sinais e demais itens lexicais de uma respectiva área. Considera-se, por exemplo, o grupo de Fórum de Estudos Surdos na Área de Informática – FESAI⁷ criado por profissionais surdos que se reúnem e discutem a criação de sinais do campo da informática. Outro grupo é o de Terminologia da Política Brasileira (LIBRAS-Língua Portuguesa⁸) elaborado por profissionais tradutores e intérpretes que atuam em Brasília/DF. Em geral, no Brasil parecem ser poucos os grupos que desenvolvem a produção de sinais específicos de área. Contudo, há um aumento gradativo, embora ainda tímido, do número de profissionais fluentes em Libras de diversas áreas que desenvolvem esse tipo de trabalho e criação de glossários de determinadas áreas.

Com relação às formas dos usos lexicais e seus níveis de registros é possível observar a partir de exemplos trazidos nesse estudo nas ilustrações de sinalizações em língua de sinais americana. Conforme é possível observar, existem formas diferentes de pronúncia de um mesmo termo, ou seja, diferentes sinais com o mesmo significado podem variar dependendo do nível de registro em uso. De acordo com Cokely e Baker-Shenk (1980a, p. 35), na ASL o sinal DEAF tem duas formas diferentes de pronúncia, uma mais formal e outra mais informal. Nas figuras abaixo é possível perceber essa diferença:

⁷ Disponível em: <<http://www.feneis.org.br/rs/fesai/>>. Acesso em 10. fev. 2013.

⁸ Acesso disponível: <<http://www.politicaemlibras.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10. fev. 2013.

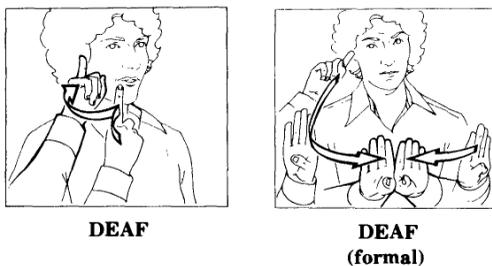


Figura 6 – O sinal DEAF (no registro mais informal) x o sinal DEAF (no registro mais formal).

Fonte: figura extraída de *American Sign Language: a Student Text American Sign Language Series: Units 1-9*, de Cokely e Baker-Shenk (1980a, p. 56)

A pesquisa de Lucas e Valli sobre ASL (2000, p. 179) também apresenta o mesmo exemplo da figura 6 mostrado por Cokely e Baker-Shenk (1980a). Segundo Lucas e Valli (2000), muitos pares de sinais têm o mesmo significado. Um sinal pode ser utilizado em contextos formais e outro em contextos informais. Às vezes, os sinais usados em contextos informais podem ser totalmente inaceitáveis em contextos formais e vice-versa.

As dimensões dos sinais podem ser influenciadas e/ou variadas pelos níveis de registros em uso. É possível observar na figura seguinte o exemplo de diferentes dimensões de um mesmo sinal:

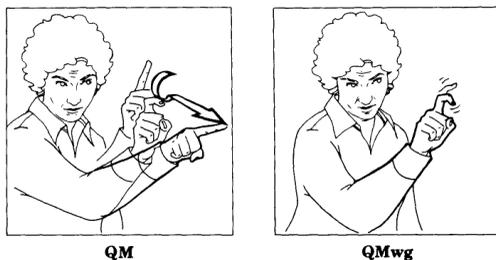


Figura 7 – Comparando os tamanhos do sinal entre formal e informal.

Fonte: figura extraída de *American Sign Language: a Student Text American Sign Language Series: Units 10-18*, de Baker-Shenk e Cokely (1981, p. 16)

Conforme a figura 7 o sinal QM e/ou o sinal QMwg em ASL significa interrogação, questionamento. De acordo com Baker-Shenk e Cokely (1981, p. 16), o sinal QM, muitas vezes, ocorre no final de uma

pergunta em um contexto mais formal, como uma reunião de negócios ou uma palestra, por exemplo, ao passo que o emprego do sinal QMwg varia e pode ser usado em contextos mais informais, como em uma conversa com um amigo. A diferença entre a dimensão dos sinais é evidente e pode depender da influência dos registros em uso.

Considera-se que em situações mais formais, como em um evento de palestra monológica, por exemplo, onde há um grande número de pessoas num auditório, o locutor-emissor surdo sabe que é preciso ampliar os tamanhos dos sinais para que sejam percebidos mais facilmente e de forma clara pelo público. Um exemplo relativo à essa questão é possível de ser trazido no intuito de poder esclarecer e se obter um entendimento melhor sobre isso usando a língua falada como relação. Uma palestra proferida por um ouvinte em língua falada sem o microfone (aparelho de amplificação sonora para grandes auditórios e/ou lugares amplos) pode não ser compreendida se o falante não fazer uso adequado de sua voz. Se o palestrante não souber impostar sua fala de forma clara e ter sua dicção bem articulada controlando bem o volume de sua entonação vocal no auditório poderá comprometer sua palestra. Sua voz precisará ser ouvida pelo público espectador e também precisará ser clara. No caso das línguas sinalizadas a sinalização também mercerá uma atenção especial. Mais considerações a esse respeito serão tecidas na subseção *Espaço de Sinalização*.

É importante observar alguns fatores com relação aos itens lexicais e os contextos sociais:

“A alegação do empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação sociolinguística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais na sociedade e, em especial, na educação. Entretanto, sabe-se que tais línguas desenvolvem itens lexicais apropriados a situações em que são usados. Na medida em que as línguas de sinais garantem maior aceitação, especialmente em círculos escolares, registra-se aumento no vocabulário denotando referentes técnicos. É interessante observar que em áreas consideradas atividades tradicionais para surdos nos Estados Unidos e no Canadá, tais como esportes, tipografia e impressão, há um extenso desenvolvimento lexical” (BATTISON, 1978 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 35)

Essa citação trazida acima pode estar relacionada com o relato da experiência profissional apresentada no início da redação dessa dissertação onde foi narrado sobre o uso de sinais específicos em uma oficina e a desconsideração dos sinais por parte do aluno participante.

Com relação à polissemia e itens lexicais, Nicoloso e Silva (2009, p. 82) percebem, a partir da sua atuação profissional e das reflexões inerentes aos enfrentamentos nas atividades de interpretação simultânea, que a polissemia na tradução da Libras para o português é muito maior que na tradução da língua portuguesa para a língua de sinais quando se trata de um discurso acadêmico formal. Essa pesquisa não pretende aprofundar a interpretação simultânea em especial, mas é possível considerar que a observação das autoras é interessante e merece ser explorada em trabalhos futuros com interfaces no tema.

Faz-se relevante trazer no final dessa seção as palavras de Nascimento (2008) as quais se tornam fundamentais para o contexto dessa pesquisa, uma vez que aponta as motivações da autora com sua investigação. Motivação essa implicada pelo ingresso das pessoas surdas brasileiras em cursos de nível superior de ensino. A autora considera:

“[...] não só o acesso ao conhecimento científico, mas também promove a necessidade de expansão terminológica da língua de sinais brasileira (LSB) para melhor compreensão desse conhecimento. Os repertórios terminográficos podem ser vistos como portais para o acesso dos surdos à informação científica e técnica, além de serem recursos eficientes e imprescindíveis para a aquisição da competência linguística, comunicativa e sociocultural dos surdos.” (NASCIMENTO, 2008, p. 26)

2.1.5. Línguas de Sinais e Línguas Oraís: relações no registro formal

Nos contextos mais formais, podemos perceber que a relação entre a Libras e o português é significativa. Um professor surdo, por exemplo, fluente em Libras como primeira língua (L1) e em português como segunda língua (L2), pode proferir uma palestra usando a apresentação de *PowerPoint* com textos escritos em português e a Libras como língua de seu discurso. Nesse caso, pode acontecer que a Libras possivelmente sofra influência do português considerando esse usado em seu registro formal.

Observa-se que aspectos da Libras em contextos mais formais são semelhantes a aspectos das línguas de sinais de outros países, como BSL (língua de sinais britânica), ASL e LSE (língua de sinais espanhola). Sobre o uso da BSL, de acordo com Sutton-Spence e Woll (1998, p. 201), a sinalização é influenciada pela língua inglesa usada como língua oral majoritária na Inglaterra e é vista com frequência em contextos mais formais. Já com relação à ASL, segundo Ross e Berkowitz (2008), o emprego da língua em contexto acadêmico fornece o ‘andaime’ para a alfabetização em ASL e a escrita do inglês, bem como a compreensão e ‘construção’ do conteúdo e conhecimento acadêmico⁹ (2008, p. 194). Acerca da LSE é possível considerar o que Baixauli (2001, p. 162) aponta entendendo que em contextos mais formais a sinalização sofre mais a influência do espanhol falado.

Sutton-Spence e Woll (1998, p. 58) observam que na comunidade usuária da BSL a sinalização é influenciada pela ordem das palavras do inglês. Quando o usuário está sinalizando durante a tradução de um texto, por exemplo, os apresentadores de TV – que fazem uso de um teleprompter, por exemplo – costumam seguir mais a ordem e estrutura gramatical do inglês do que em momentos onde estão sinalizando fora do estúdio e desse contexto formal.

Não se deve considerar, contudo, que as línguas de sinais precisem necessariamente das línguas faladas para que possam obter seu grau de formalidade. É preciso que as línguas de sinais busquem conhecer e adotar o universo do sistema linguístico, acadêmico, cultural e social para que possam desenvolver o *status* do seu próprio fenômeno linguístico. Com relação a isso, vale lembrar que há vários termos estrangeiros emprestados do português na Língua Brasileira de Sinais. Alguns deles foram assim realizados a partir de um processo histórico, adaptados de acordo com a gramática e incluídos no dicionário desta língua.

2.2. Formalidade nas Línguas

Os níveis de registros são incluídos no grande corpus da sociolinguística. Inicialmente, é importante considerar a visão sociolinguística de Bagno:

⁹ “Academic ASL provides the “scaffolding” for literacy in both ASL and written English as well as comprehension of academic content and “building” of academic knowledge” (ROSS e BERKOWITZ, 2008, p. 194).

“Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas.” (BAGNO, 2007, p. 130).

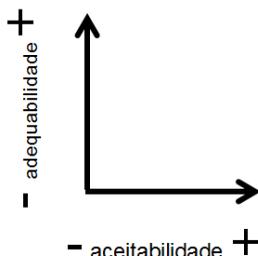
Segundo o autor (2007, p. 130), usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, conta com o equilíbrio entre a *adequabilidade* e a *aceitabilidade*. Ao falar, se escreve ou sinaliza. É preciso adequar-se à situação em que a língua é empregada para expressar-se. Se ocorrer de a situação ser mais formal, então se usa uma linguagem formal; se ocorrer de a situação ser mais informal, usa-se, portanto, uma linguagem informal consequentemente.

Leite M. Q. (1999, p. 100) aponta o comportamento de um locutor – sujeito investigado em sua pesquisa – e considera que ao saber estar sendo gravado o locutor elevou o grau de formalidade de seu discurso na dada situação (LEITE, M. Q, 1999, p. 100). Para Brait (1999):

“O grau de formalidade revela-se, entretanto, por meio de vários aspectos: há a preparação do ambiente, com a presença da documentadora, do gravador e do provável contato que antecedeu o encontro, um tema que não surge espontaneamente, mas é dado pela monitora dessa conversa e, ainda, a consciência por parte das protagonistas de que o objetivo do encontro, da perspectiva da instituição de pesquisa que o programou, é observar a linguagem de duas pessoas consideradas usuárias da norma culta.” (BRAIT, 1999, p. 201)

Labov (2008, p. 246) observa que os meios de comunicação de massa mostram que a seleção e os condicionamentos estilísticos, em geral, são expressivos, pois nesta situação onde os falantes estão sob a condição do ambiente em que monitoram a própria fala, consequentemente, o estilo torna-se mais formal do que a conversa face a face. Torna-se relevante, contudo, lembrar que sempre há diferentes níveis de registro numa única situação.

Nesse contexto, passa a ser importante tratar sobre o equilíbrio entre os dois eixos exemplificados por Bagno (2007), onde a *adequação* se baseia na *aceitabilidade* em que os interlocutores que fazem parte dessa relação estão presentes. Observa-se no exemplo do esquema proposto pelo autor:



Quadro 1 – O esquema equilibrado entre adequabilidade e aceitabilidade.

Fonte: quadro extraído de *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, de Bagno (2007, p. 130)

Deve-se entender que há recomendações e sugestões a serem consideradas, justamente, para se evitar situações de constrangimento e desagrado. De acordo com Bagno, “é totalmente inadequado, por exemplo, fazer uma palestra num congresso científico usando gírias, expressões marcadamente regionais, palavrões etc. A plateia dificilmente aceitará isso” (2007, p. 130-131). Por outro lado, segundo o autor, “é claro que se o objetivo do palestrante for precisamente chocar seus ouvintes, aquela linguagem será muito adequada” (2007, p. 130-131). Sobre o diálogo entre as pessoas com diferentes níveis de escolaridade, segundo Bagno “não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma terminologia altamente técnica e especializada, a menos que queira não se fazer entender” (2007, p. 130-131).

Além disso, existem riscos de prejuízos dos valores de formalidade ou informalidade. O que pode acontecer quando o usuário usa uma linguagem informal no contexto mais formal? Um exemplo que talvez possa responder a esta questão seria compartilhado por Leite M. Q. (1999) que afirma: “Então, a informalidade [...] causa uma sensação de proximidade e cumplicidade entre falante e ouvinte e parece tornar a informação irrelevante.” (LEITE M. Q., 1999, p. 96). Em situação contrária, de acordo com Preti (1998), o uso da linguagem mais formal em contexto informal, pode causar a “impressão de que [o locutor –

adendo meu] deseja ser admirado pela sua produção linguística, com estruturação sintática mais elaborada e vocabulário menos comum.” (PRETI, 1998, p. 83).

Para o autor:

“A variação de *uso* da linguagem pelo mesmo falante, ou seja, a dos *níveis de fala* ou *registro* poderia também ser chamada de **variedade estilística**, no sentido de que o usuário *escolhe*, de acordo com a *situação*, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias. Poderíamos, então, falar em um *estilo formal* e um *estilo coloquial* ou *informal*, e, nesse sentido, talvez seja mais fácil entender o conceito que estamos explicando de *registro* ou *nível de fala*” (PRETI, 2003, p. 39).

A denominação de *variedade estilística* pode ajudar nesse estudo a entender como descrever e identificar as formas de comunicação produzida pelos indivíduos em diferentes contextos sociais. É importante apontar ainda sobre a relação entre a oralidade e a escrita que é significativa e inseparável. Segundo Andrade:

“[...] oralidade e escrita são práticas e usos da língua com especificidades e condições distintas de realização, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos. Ambas possibilitam a criação de textos coesos e coerentes, permitindo a elaboração de exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais, entre outras” (ANDRADE, 2011, p. 51).

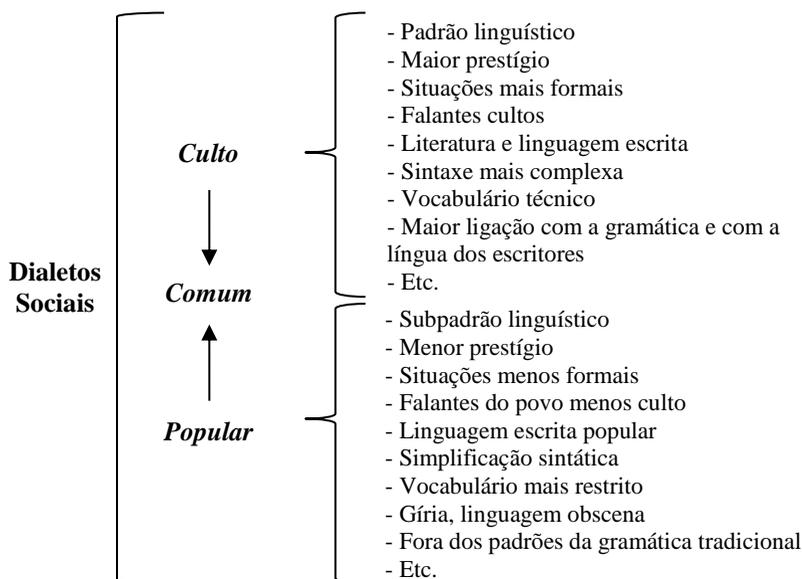
Pode-se entender ainda a possibilidade de justificar a seleção da sociedade sobre a forma de comunicação nas considerações de Leite, M. Q (1999):

“A norma implícita é correspondente à norma descritiva, que é o uso objetivo da língua. Já a norma explícita corresponde à norma prescritiva, que é o conjunto de regras extraídas de textos literários de escritores de prestígio na língua, com o objetivo de levar os usuários ao “bom uso” da língua.” (LEITE M. Q., 1999, p. 88-89).

2.3. Dialeto Social Culto e Popular

Os conceitos de *dialeto social culto* e *dialeto social popular* definidos por Preti (2003) são importantes para se entender como o caminho dessa pesquisa é traçado e vale destacar resumidamente as características dos níveis de registro. De acordo com Preti (2003, p. 35), o *dialeto social culto* se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada, normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem escrita, literária, muito mais conservadora, enquanto o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo.

Segue o seguinte quadro do esquema de Preti (2003) sobre os níveis de registros:



Quadro 2 – O esquema observado pelo autor sobre os níveis de registros.

Fonte: quadro extraído de *Sociolingüística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolingüístico*, de Preti (2003, p. 36)

Segundo Preti:

“É claro que essas características são flutuantes e tendem a evoluir, a modificar-se. Nota-se, por exemplo, um ingresso cada vez maior da gíria (e até linguagem obscena) na linguagem *comum*, bem como uma penetração sensível do vocabulário técnico na *linguagem popular*, o que torna as fronteiras desse processo de coexistência das duas variedades na língua (diglossia) decididamente fluída e mais difícil, portanto, para classificações rigorosas. Uma boa parcela das estruturas morfossintáticas, do vocabulário e das variantes fonológicas coexiste, conforme vimos por alto, nos dois dialetos (*padrão* e *subpadrão*) e cada vez mais a hipotética linguagem *comum* se amplia, tornando impossível uma triagem rigorosa entre *dialecto social culto* e *popular*.” (PRETI, 2003, p. 36-37)

De acordo com algumas inferências e com base no conhecimento empírico e relação com a comunidade surda, nota-se particularmente que alguns sinais especializados da área são em certos momentos levados à comunicação cotidiana entre os surdos, bem como sinais referidos à informática onde são empregados cotidianamente devido a habitual utilização de materiais tecnológicos (notebook, internet, Wi-Fi, DVD, etc.). Sugere-se, nesse sentido, que é preciso compreender os termos adequados para esses sinais, facilitando e enriquecendo então a conversação.

É possível perceber a diferença entre aspectos da informalidade e aspectos da formalidade exemplificados por Camacho (1978 e 2011), aspectos esses, mais comuns na situação de conversação ou comunicação:

	Informal	Formal
Estilo varia de acordo com o grau de reflexão do sujeito falante:	Grau mínimo de reflexão: Incluem-se os atos verbais imediatos, decorrentes do intercâmbio linguístico cotidiano, que se convencionam por <i>estilo informal</i> .	Grau máximo de reflexão: Incluem-se os atos verbais em que as informações contidas não são de expressão diária, mas o resultado de grande elaboração intelectual e com conteúdo rico e complexo – <i>estilo formal</i> .

Quadro 3 – Um grau mínimo de reflexão *versus* um grau máximo de reflexão definidos por Camacho (1978 *apud* PRETI, 2003, p. 40 e CAMACHO, 2011).

Destacam-se as observações de Preti (2003, p. 39) nesse contexto:

	Informal	Formal
	Menos tenso:	Mais tenso:
Comportamento linguístico	<i>A postura do locutor pode variar: relaxada, inesperada, emotiva, etc.; talvez menos preocupação de organizar gramaticalmente o discurso.</i> [grifo meu]	<i>A postura do locutor exige prudência (força consciente) e elaboração linguística e delimitação de expressões emotivas.</i> [grifo meu]

Quadro 4 – O mais tenso *versus* o menos tenso, Preti (2003).

Os exemplos de Preti (2003) nos quadros 3 e 4 também podem ser relacionados com as línguas de sinais. É possível perceber que o uso da linguagem mais tensa, ou mais formal, o corpo do locutor/emissor pode se tornar mais cansado fisicamente e mentalmente quando o discurso dura boa parte do tempo.

De acordo com o relato apontado por Quadros e Massuti: “quando eu estava dando uma palestra, após duas horas, percebi que estava cansada de sinalizar e, jamais, tinha tido esse sentimento em contextos informais, como em casa. Eu estava usando a língua de sinais formal sem intervalo. Eu me senti mental e fisicamente cansada.” (QUADROS e MASSUTTI, 2007, p. 253-254).

Entende-se que as considerações de Preti (2003) podem estar não apenas relacionadas às línguas orais, mas também a qualquer língua que seja usada por uma determinada comunidade, inclusive as línguas de sinais. Por isso, o esquema de Preti (2003) é nessa pesquisa adotado como um bom exemplo para se entender como são as características de níveis de registros e linguagens em uso.

2.4. Modelo de Análise de Koch & Oesterreicher

Kock e Oesterreicher (1985 e 1994) *apud* Weininger e Shield (2004), apresentam uma proposta de modelo de análise sobre os níveis de registros em qualquer evento de discurso, incluindo todos os gêneros textuais. Esse modelo implica num conjunto de elementos constitutivos

de qualquer forma de comunicação observando a modalidade escrita e/ou falada. Os resultados que se encontram a partir desse modelo correspondem a um conjunto de fatores de avaliação (nessa investigação, o uso desse modelo e os resultados a partir dos dados dessa pesquisa serão apresentados no capítulo de *Análise e Discussões de Dados*). Cabe lembrar que alguns fatores são determinados pelos participantes, outros são impostos pela situação.

Segue a tabela de categorias (e os respectivos fatores) com suas descrições:

	CATEGORIA	DESCRIÇÃO¹⁰
A.	Distância / Proximidade Local	<p>Possibilidade de adaptar os meios de comunicação à distância ou vice-versa, ou seja, quando o interlocutor está mais distante, é preciso falar mais alto, mas depois de certo limite, precisa ou diminuir a distância ou usar meios tecnológicos para superá-la.</p> <p>Obs.: A proximidade local é comum em contextos informais ao contrário de distância em contextos formais.</p>
B.	Distância / Proximidade Temporal	<p>A comunicação é síncrona ou assíncrona. Comunicação falada caracteriza-se pela sincronicidade, mas hoje há meios tecnológicos para permitir a troca de mensagens faladas superando distâncias de tempo, portanto, a comunicação assíncrona pode criar a necessidade de aumentar a redundância ou o grau de explicitação, pois pode ser que haja menos oportunidade de <i>feedbacks</i>.</p> <p>Obs.: A proximidade temporal ocorre na comunicação em tempo real ao contrário da distância que na comunicação gravada ou escrita registrada há pouco ou muito tempo.</p>
C.	Distância / Proximidade Cultural	<p>A comunicação é muito mais fácil se houver proximidade cultural enquanto a distância cultural dificulta a comunicação e a compreensão do tema tratado.</p>

¹⁰ Descrições demonstradas por Weininger e Shield (2004) com base em modelos de *proximidade* e *distanciamento* propostos por Kock e Oesterreicher (1985 e 1994).

		<p>Obs.: A proximidade cultural é como se compreende mais facilmente uma palestra com conteúdos da mesma área em que se atua ou estuda. Ao contrário da distância cultural, por exemplo, onde não se tem conhecimento de uma determinada área. É muito mais difícil, portanto, compreender os conteúdos dessa área que é totalmente diferente da área de atuação profissional.</p>
D.	Distância / Proximidade Referencial	<p>Os objetos e temas do discurso são concretos ou abstratos, presentes ou distantes. A comunicação varia escolher os elementos de referências, o grau de explicitação, a possibilidade de eclipse, o uso de elementos dêiticos, etc.</p> <p>Obs.: É possível que a proximidade referencial use com frequência os elementos mais concretos e dêiticos para que o discurso seja compreendido mais facilmente, enquanto que a distância referencial representa o discurso mais abstrato e usa menos elementos concretos e dêiticos.</p>
E.	Distância / Proximidade Social	<p>Este é um fator muito importante em relação às variedades linguísticas. O uso de linguagem depende do nível de registro onde se situam os interlocutores.</p> <p>Obs.: A proximidade social pode ser encontrada em uma situação entre amigos e pessoas conhecidas, enquanto que a distância social se verifica em situações de negócios profissionais, políticos e acadêmicos.</p>
F.	Distância / Proximidade Emocional	<p>A proximidade ou distância emocional, por exemplo, simpatia ou antipatia.</p> <p>Obs.: A proximidade emocional demonstra mais variações emocionais em comparação à distância emocional.</p>
G.	Grau de Integração / Distanciamento Situacional	<p>O grau de integração incentiva os participantes a se aproximarem mais da mesma situação enquanto o distanciamento situacional afasta os participantes da situação.</p>
H.		<p>O tema é divulgado ou discursado publicamente,</p>

	Grau de Publicidade / Privacidade	<p>enquanto que o outro é tratado particularmente por poucas pessoas.</p> <p>Obs.: O grau de publicidade representa mais a formalidade ou distanciamento em comparação com o grau de privacidade devido à questão de finalidade do discurso para o público ou pessoas em particular.</p>
I.	Grau de Familiaridade / Estranheza entre Participantes	<p>O grau de familiaridade envolve parentes, amigos e/ou pessoas que se conhecem bem. Ao contrário de estranheza entre participantes. Por exemplo, um paciente que se encontra com um médico. Ambos não se conhecem bem e conversam de forma mais polida.</p> <p>Obs.: O grau de familiaridade representa a informalidade ou proximidade comum nas situações informais ao contrário de estranheza entre participantes que costumam conversar de maneira formal ou polida.</p>
J.	Grau de Envolvimento / Distanciamento Emocional	<p>O tema ou jeito do discurso pode ou não provocar emoção no interlocutor.</p> <p>Obs.: O grau de envolvimento emocional se caracteriza pela narrativa literária cheia de ações emocionais, por exemplo. Ao contrário do distanciamento emocional, onde profissionais se concentram em tratar de negócios empresariais de forma mais fria e nada emocional.</p>
K.	Grau de Cooperação / Concorrência entre Interlocutores	<p>Um exemplo que corresponde ao grau de cooperação é quando um professor senta junto com o aluno para ajudá-lo a aprender a ler e a escrever. Ao contrário de grau de concorrência entre interlocutores, onde é possível estabelecer uma discussão de contradições e concorrência.</p> <p>Obs.: O grau de cooperação representa maior nível de proximidade ou informalidade em comparação com o grau de concorrência entre interlocutores.</p>
L.	Grau de Presença de Traços Monológicos / Dialógicos	<p>A comunicação dialógica tem mais estratégias retóricas do que o discurso monológico. O monólogo tende ao polo de distância enquanto o diálogo ao de proximidade. Mas pode acontecer</p>

		<p>que não necessariamente todos os diálogos exibem linguagem de proximidade.</p> <p>Obs.: Em geral, o diálogo permite mais a proximidade em comparação ao monólogo que causa o maior distanciamento.</p>
M.	Grau de Espontaneidade / Planejamento do Discurso	<p>Quanto mais planejamento representa, maior o nível de formalidade. O discurso mais formal exige uma preparação antecipada. Ao contrário do grau de espontaneidade comum em situações mais informais do discurso podendo não ser necessariamente planejado.</p>
N.	Grau de Subjetividade / Objetividade	<p>Esse fator tende ao polo de objetividade, na medida em que outros fatores (por exemplo: D, F, G, H, I, J, M e O) mostram maior grau de distância e vice-versa.</p> <p>Obs.: É possível perceber que a objetividade (distanciamento) representa textos mais afirmativos em comparação com a subjetividade (proximidade) que representam textos menos afirmativos ou mais indecisos (“achismos” e imaginação) ou textos ambíguos.</p>
O.	Grau de Fixação / Liberdade do Tema	<p>A linguagem de proximidade permite um maior grau de liberdade/mudança do tema de discurso ou conversação enquanto a linguagem de distanciamento focaliza a permanência (fixação) do tema de discurso ou conversação.</p>
P.	Grau de Formalidade / Informalidade	<p>Variedade estilística de comunicação adequada à situação. Por exemplo, uma conversação em família oportuniza maior grau de informalidade enquanto que uma comunicação em atividades profissionais representa maior grau de formalidade.</p>
Q.	Grau de Compartilhamento de Elementos Socioletais	<p>A comunicação varia os elementos socioletais. A comunicação técnica ou linguagem de jovens e adolescentes, por exemplo.</p> <p>Obs.: A comunicação altamente técnica representa distanciamento enquanto o conjunto de gírias ou linguajar jovem representa proximidade.</p>
R.		<p>A comunicação pode ser influenciada por valores</p>

	Grau de Compartilhamento de Valores	da comunidade. Por exemplo, os membros de uma mesma comunidade religiosa podem ter um grau maior de proximidade em sua comunicação. Obs.: Uma pessoa de valores culturais próprios participa de uma situação de outros valores. Ela pode acabar se sentindo distante nessa situação.
S.	Grau de Validade (provisória / definitiva)	A linguagem da distância pode representar a validade definitiva enquanto a linguagem de proximidade pode representar uma validade mais provisória, renegociável.
T.	Grau de Densidade de Informação / Redundância	A linguagem de distância caracteriza uma maior densidade de informação enquanto a linguagem de proximidade uma maior redundância.
U.	Correção Sintática / Ortográfica	A linguagem de proximidade tende a aceitar desvios das normas linguísticas, enquanto que a linguagem de distância tende a respeitar estas normas.
V.	Presença / Ausência de Elementos Não-verbais	Elementos não verbais permitem criar mais proximidade, enquanto que sua ausência gera uma distância maior. Obs.: Em comparação com as línguas de sinais, os gestos e mímicas podem gerar proximidade, pois a comunicação usada a partir desses elementos não-verbais possibilita a compreensão fácil. Os sinais das línguas de sinais representam o distanciamento, pois têm seu próprio sistema linguístico convencional.
W.	Grau de Processualidade / Reificação	A linguagem de distância (<i>reificação</i>) focaliza o discurso como um produto que deve ser usado, enquanto que a linguagem de proximidade (<i>processualidade</i>) funciona como processo de informação menos importante.
X.	Grau de Complexidade / Simplicidade	A linguagem de distância se torna mais complexa enquanto a linguagem de proximidade mais simples e acessível.
Y.		A distância hierárquica entre os interlocutores pode

	Grau de Distância / Proximidade Hierárquica	ser mostrada ou criada através da combinação de pessoas em uma comunidade. Obs.: Uma situação onde não há restrições convencionais para o tipo de comunicação, os indivíduos podem perceber um comportamento de conversação mais flexível. Em uma situação onde há restrições convencionais para a comunicação, é preciso uma adaptação ao comportamento da comunicação motivado pela situação.
Z.	Grau de Expressividade	A linguagem de proximidade se torna mais expressiva e a linguagem de distância menos expressiva. Porém, não automaticamente qualquer linguagem de distância é inexpressiva. Um romance, por exemplo, é bastante expressivo.

Quadro 5 – O modelo de análise sobre níveis de registros proposto por Kock & Oesterreicher (1985 e 1994 *apud* Weininger e Shield, 2004).

É interessante notar que as visões e compreensões dos diferentes autores dialogam entre si. No modelo proposto por Kock & Oesterreicher (K&O), por exemplo, os fatores C e E podem ser entendidos como relativos ao que Preti (1998) considera ao apontar sobre o “distanciamento social e cultural [...] que pode ser o objetivo do falante culto [...]” (PRETI, 1998, p. 83). Cabe destacar que os autores, enquanto linguistas e especialistas nos estudos sociolinguísticos, naturalmente compartilham de temáticas de estudos, discussões, visões e entendimentos sobre a área tratadas podendo ser considerados coparticipantes na construção dessa esfera do conhecimento, sobretudo, no que tange os níveis de registro das línguas.

De acordo com Weininger e Shield, (2004), no modelo de K&O as categorias isoladamente não indicam se o evento comunicativo é mais próximo ao polo de distância ou ao de proximidade, somente a partir da avaliação de todos os fatores (da lista) – com valor de 00 (proximidade) a 10 (distanciamento) no respectivo item e formando a média dos valores – que cada exemplo de uso da linguagem pode corresponder um ponto específico no contínuo entre os dois polos (proximidade e distanciamento). Vale considerar que a formalidade, nesse contexto, pode ser entendida como uma linguagem em grau de distanciamento que, por sua vez, pode existir em diferentes níveis, dependendo dos fatores implicados numa determinada situação comunicativa. O modelo de K&O usado como metodologia de análise dos dados dessa

investigação é especificado detalhadamente de acordo com a pesquisa no terceiro desse trabalho. Antes, porém, é importante compartilhar ainda nessa seção de embasamento teórico os cinco estilos de comunicação definidos por Joss (1961, 1967 e 1968).

2.5. Cinco Estilos de Comunicação

Vários são os pesquisadores que investigam sobre as variedades linguísticas nas línguas de sinais, dentre alguns: Zimmer (2000), Baixauli (2001), Quinto-Pozos e Mehta (2010), entre outros. Tais autores contribuem com importantes exemplos e definições e dialogam com de Joos (1961; 1967; 1968) sobre estilos de comunicação em determinadas situações.

De acordo com Joos (1968 *apud* ZIMMER, 2000, p. 430; 1967 *apud* BAIXAULI, 2001, p. 12-14; 1961 *apud* QUINTO-POZOS e MEHTA, 2010, p. 575), há cinco estilos de comunicação, a saber: *íntimo*, *informal* (causal), *consultivo*, *formal* e *hierático* (congelado). Esses, naturalmente, estão imbricados com diferentes situações. Abaixo são resumidos os cinco tipos de estilos mencionados:

Estilo	Definição (resumida)
<i>Íntimo</i>	Estilo de comunicação usado entre casais ou amigos muito próximos ou ainda entre familiares. O receptor ¹¹ , no caso, não precisa reconstruir a expressão ou declaração (se fosse necessário), mas somente entendê-la como é emitida uma vez que possui conhecimento e proximidade íntima com o emissor ¹² . De acordo com Joos (1967 <i>apud</i> BAIXAULI, 2001, p. 13), “este nível de intimidade permite inventar um vocabulário específico que é usado apenas em privacidade, a qual Joos chama o <i>jergão</i> .” (tradução nossa) ¹³ .

¹¹ Usa-se aqui o termo “receptor” para se referir à pessoa que recebe a mensagem tanto auditivamente (receptor ouvinte) como visualmente (receptor surdo).

¹² Usa-se o termo “emissor” nesse estudo para se referir à pessoa que emite a mensagem enquanto falante ou sinalizante.

¹³ Texto original: “Este nivel de intimidad permite que se invente un vocabulario particular que solo se utiliza en privado, el cual constituye lo que Joos denomina *jerga*.”

<i>Informal e/ou Casual</i>	Estilo de comunicação usado entre amigos e conhecidos. A intenção desse estilo promove a sensação informal e causal. As duas principais características deste estilo são as reticências e as gírias. É importante observar que neste estilo não há forte dependência da linguagem pessoal, ou seja, privada de cada um. (ZIMMER, 2000; BAIXAULI, 2001).
<i>Consultivo</i>	Estilo usado numa conversação diária entre pessoas estranhas ou que, porventura, não se conhecem muito bem. De acordo com Joos (1967 <i>apud</i> BAIXAULI, 2001, p. 12) as características desse tipo de comunicação referem-se ao fato de o emissor fornecer informações básicas e o receptor participar da interação recebendo as informações e dando <i>feedback</i> . Outra característica desse estilo, conforme o autor, é que na conversação não há mudança de assunto (sem algum tipo de aviso), pois ambos interlocutores assumem que a informação adicional a princípio não é conhecida e compartilhada, portanto, caso um dos interlocutores entrem em um novo tópico de conversa, faz-se necessário alertar e/ou orientar o receptor da mensagem.
<i>Formal</i>	Esse estilo difere-se do <i>Consultivo</i> , sobretudo em função da ausência de um <i>feedback</i> . O principal objetivo deste estilo é fornecer/transmitir a informação. A coesão é garantida por meio de informações prévias e cuidadosamente estruturada. Implica numa gramática sem reticências e elaborada de forma que pronúncia seja clara (BAIXAULI, 2001; ZIMMER, 2000).
<i>Hierático e/ou Congelado</i>	O estilo refere-se ao termo usado por Baixauli, 2001 (<i>Hierático</i>) ao termo usado por Zimmer, 2000; Quinto-Pozos e Mehta, 2010 (<i>Congelado</i> que, inglês é denominado <i>frozen</i>). É usado em texto impresso e recitação. Este estilo corresponde à literatura, poesia, aos textos religiosos, ou ainda, a formulações jurídicas. Portanto, é caracterizado por uma linguagem estereotipada e pode não ter necessidade de entonação (BAIXAULI, 2001; ZIMMER, 2000).

Entende-se que os cinco estilos definidos por Joos (1968) podem ser comparados à *variedade estilística* definida por Preti (2003), conforme o quadro 6 apresentado anteriormente. Nesse contexto, faz-se importante ainda tecer algumas considerações a respeito dos registros de formalidade e também algumas questões sobre a informalidade nas línguas de sinais.

2.6. (In)Formalidades nas Línguas de Sinais

Como já mencionado, no cenário brasileiro são poucas as pesquisas que abordam a respeito dos aspectos de formalidade e informalidade na Libras. Nesse sentido, nessa subseção considera-se importante buscar complementar as discussões sobre o tema compartilhando algumas pesquisas realizadas sobre variação de registros na língua de sinais americana (ASL) e língua de sinais espanhola (LSE) que poderão respaldar as discussões dessa investigação. Dentre algumas dessas pesquisas, pode-se citar os trabalhos desenvolvidos por Zimmer (1989 e 2000), Quinto-Pozos e Mehta (2010) em ASL e por Baixauli (2001) em LSE. É relevante, antes de apresentar alguns recortes de referência dessas pesquisas, trazer algumas citações sobre as pessoas surdas e sua língua em relação à formalidade em relação a outras questões pontuais, como Sutton-Spence (2008) compartilha a respeito da sinalização surda e o gênero poético:

“Utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo linguístico minoritário oprimido. Por muito tempo, a população surda foi levada a acreditar que o inglês era a língua a ser usada para situações formais e que a sinalização surda’ tinha um *status* baixo e deveria ser usada, apenas, em conversas sociais. Pessoas surdas e ouvintes achavam que a poesia deveria ser escrita apenas em inglês, devido ao *status* dessa língua. Referindo-se à Língua de Sinais Americana, Alec Ormsby afirmou que, antes dos anos 70, ‘não existia registro poético na ASL, porque o registro poético era socialmente inconcebível e, enquanto permanecesse socialmente inconcebível, seria linguisticamente inviável’ (1995, p. 119). O

mesmo é válido para a BSL. Entretanto, nos anos 70, surgiram algumas mudanças relacionadas à consideração da poesia em línguas de sinais não apenas como concebível, mas, também, como uma realidade”. (SUTTON-SPENCE, 2008, p. 329-330).

Entende-se, conforme as palavras da autora em sua explicitação que as pessoas surdas a partir do empoderamento de sua língua e dos novos gêneros de produção sinalizada, começam a verificar que o registro formal da língua sinalizada contribui para sua valorização. Nas palavras de Lucas e Valli (2000) com relação ao contato linguístico:

“[...] a ASL se torna mais valorizada, formal, plenamente reconhecida e utilizada como um instrumento legítimo para a comunicação em qualquer situação, que o resultado do contato linguístico na comunidade surda americana irá mudar sensivelmente.” (LUCAS e VALLI, 2000, p. 479)¹⁴

Entende-se que no cenário brasileiro, esse empoderamento e as políticas linguísticas também contribuem para o entendimento de que a formalidade da língua brasileira de sinais também implica na sua valorização e visibilidade. É notável que aos poucos as pessoas surdas vem construindo diferentes tipos de aplicações e usos da Libras na sociedade, uma vez que cada vez mais inserem-se em diferentes espaços sociais e, muitos, correspondem à contextos formais, seja em locais públicos ou privados. Embora esse uso seja crescente, percebe-se que ainda é necessário que os usuários da língua de sinais, bem como os interlocutores conscientizem-se das variedades do registro da língua e da necessidade e possibilidade de sua adequação nos diferentes contextos comunicativos.

Para McCleary (2008) “toda língua tem recursos que permitem que os falantes sejam mais *formais* quando falam ou mais *informais*.” (2008, p. 48). Esses recursos podem implicar no uso do vocabulário, as estruturas gramaticais, a morfologia, a própria pronúncia e entoação, o volume e a velocidade da fala/sinalização, etc. Leite M. Q. (1999, p. 95) pontua que esses recursos são importantes para se conceber os diferentes níveis de (in) formalidade. Nas palavras de Leite M. Q (1995)

¹⁴ Tradução nossa.

com relação à adaptação do discurso em língua de sinais em alguns casos “observa-se a utilização de um grau moderado de formalidade quanto ao tom e postura de voz e corpo”.

Diante dessas considerações, vale destacar um exemplo comparativo pertinente que pode influenciar no desenvolvimento e na difusão dos tipos de registro da Libras, no caso, do registro formal. Sabe-se que, em grande parte, as universidades brasileiras costumam adotar as recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para a normatização de textos acadêmicos e científicos registrados na língua portuguesa escrita. Entende-se que essa normatização, intrinsecamente, fortalece a formalidade acadêmica necessária e o padrão técnico no desenvolvimento das produções científicas. Já no caso da Libras essa normatização pode ser aplicada no seu registro em vídeo e entendida como uma proposta de orientação técnica nas produções acadêmicas e científicas desenvolvidas em língua de sinais. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a coordenação do professor Dr. Rodrigo Rosso Marques (professor surdo da universidade), existe atualmente um grupo de pesquisa que realiza discussões, investigações e propostas sobre modelos e normas técnicas aplicadas à Libras como registro de produções acadêmicas. O *Grupo de Pesquisa em Vídeo Registro em Libras*¹⁵ (VR-Libras) iniciou seus trabalhos no ano de 2011 e desde então vem desenvolvendo inúmeros encontros de discussão e experimentação sobre essas normas. Em 2012 teve a oportunidade de publicar as normas pesquisas, experimentadas e então definidas no grupo. Essa publicação foi realizada em Libras e pode ser acessada no próprio site¹⁶ do projeto que também contempla a primeira revista brasileira de vídeo registro em Libras.

Para explicitar melhor sobre esse projeto, vale compartilhar as palavras de Marques e Oliveira (2012, p. 1) que pontuam que “os pesquisadores do grupo buscam legitimar essa forma de registro mostrando que é possível padronizar a produção do gênero acadêmico em Libras.” Fazer parte desse projeto, participando desde as primeiras reuniões do grupo, contribuiu para que o pesquisador desse trabalho pudesse também lançar um olhar diferenciado e mais atento sobre a questão do registro formal das produções acadêmicas e a aplicação da

¹⁵ Ver artigo de *A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores*, de Marques e Oliveira, 2012.

¹⁶ Disponível em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>>. Acesso em 31/10/2012.

Libras nessas atividades. Entendendo ser passo fundamental para a disseminação e visibilidade da língua, entende-se que essa iniciativa vem a calhar com uma necessidade urgente de difusão das pesquisas em língua de sinais de modo que o público alvo sinalizante possa ter acesso às pesquisas em sua primeira língua e, conseqüentemente, contribuir para multiplicação das investigações e para o empoderamento não só das comunidades surdas acadêmicas, mas da comunidade surda brasileira em geral.

Marques e Oliveira (2012) consideram o vídeo registro em Libras como um sistema de registro através da modalidade sinalizada, ao invés da modalidade escrita em português, por exemplo. Essa ferramenta pode ser considerada como um meio de sistema de “escrita” da língua brasileira de sinais. No que diz respeito ao registro da língua, nesse contexto, vale destacar o que os autores consideram quando lembram que “há necessidade de sistematização e organização para evitar que ela [a língua – adendo meu] caia no informalismo” (MARQUES e OLIVEIRA, 2012, p. 6).

A iniciativa do projeto é abordada, portanto, nas diferentes áreas acadêmicas onde os usuários da língua de sinais podem produzir trabalhos e pesquisas científicas diretamente em Libras. Por essa razão, o projeto se propõe a construir uma normatização para as produções científicas realizadas, bem como atua a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) com suas recomendações relativas ao registro na língua portuguesa escrita no país. Vale lembrar, no entanto, que existe uma proposta já bastante difundida e reconhecida por algumas instituições de ensino de escrita da língua de sinais. Essa proposta refere-se ao sistema de escrita chamado *Sign Writing*¹⁷. Inúmeras pesquisas sobre essa proposta de escrita da língua de sinais já foram desenvolvidas no Brasil, incluindo a investigação da professora surda Marianne Rossi Stumpf da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Entende-se, nesse sentido, o vídeo registro e o *Sign Writing* como duas propostas perfeitamente possíveis e eficazes do registro da Libras no Brasil mesmo que envolvendo, naturalmente, sistemas, métodos e ferramentas diferentes de registro. Para explanar melhor, cabe esclarecer ao leitor que o vídeo registro visa a gravação da sinalização produzida em Libras e a ferramenta (suporte) de registro é feito através da filmagem, da gravação do vídeo captado. Naturalmente que esse tipo de registro implica numa série de fatores e necessidades técnicas. Já a

¹⁷ Ver tese de doutorado de Stumpf (2005).

escrita gráfica da língua de sinais mencionada, o *Sign Writing*, visa realizar o registro por meio da grafia (não alfabética), ou seja, de traços gráficos construídos por meio de diferentes símbolos que representam aspectos e parâmetros linguísticos, tais como: ponto de articulação, orientação da mão, movimento, contato, expressão facial, etc. Esses símbolos gráficos quando dispostos em uma composição vertical (ao contrário da escrita portuguesa horizontal) se assemelham a ideogramas ou pictogramas. Além dessas duas propostas de registro da língua de sinais, há ainda outras propostas gráficas ainda incipientes, não tão difundidas que, por hora, não serão mencionadas nessa dissertação.

Esses exemplos trazidos nos parágrafos anteriores foram compartilhados no intuito de se repensar sobre a possibilidade do registro da língua em sua forma escrita ou em forma de vídeo poder contribuir com as discussões relativas aos graus de formalidade das línguas de sinais, uma vez que a língua quando registrada (em contexto acadêmico ou outro similar) implica em aspectos formais de uso e aplicação da língua. É importante, contudo, abrir um breve parêntese para esclarecer ao leitor sobre os conceitos de *registro* mencionados. O *registro* da língua enquanto inscrição, marcação, fixação da linguagem de forma permanente em um determinado suporte obviamente difere-se do *registro* da língua enquanto variação da fala/sinalização em função da situação ou contexto em que o emissor encontra-se, seu estilo, sua forma de expressar-se.

2.6.1. Modelo de Registros em ASL pela Western Oregon University (WOU)

A proposta de classificação de registro na língua de sinais americana (ASL) nessa subseção compartilhada corresponde a um material complementar publicado pela universidade de Oregon (*Region X Interpreter Education Center de Western Oregon University*)¹⁸. De acordo com o material, muitos intérpretes trabalham principalmente em ambientes educacionais e/ou em contextos comunitários onde o registro adequado estabelecido é o *Consultivo* (já explicitado anteriormente).

Geralmente, nas aulas de ASL os alunos costumam ser apresentados por modelos de linguagem e materiais que tendem ao registro informal. Da mesma forma, os alunos de interpretação de ASL para inglês também costumam ser apresentados com modelos

¹⁸ Leitura disponível em: <<http://library.ncrtm.org/pdf/D315.0004.01B.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2012.

semelhantes de linguagem (informal) e materiais relativos a esse registro. Conforme o material, raramente esses alunos têm a oportunidade de ver, muito menos usar, as línguas em contextos formais. Poucos são os materiais que abordam os vários registros. São escassas as ferramentas de formação e qualificação disponíveis para formadores de intérprete e profissionais.

No entanto, o material produzido mencionado contempla a variação de registro com foco na interpretação e relaciona o uso da linguagem formal e também informal à atividade interpretativa. Sendo assim, os leitores (e os espectadores do vídeo complementar do material) podem observar modelos de sinalizantes surdos em registros informais e formais em ASL. O material também oferece aos leitores e espectadores oportunidades para praticar o a sinalização em registros formais e informais envolvendo o trabalho de interpretação de ASL para a língua inglesa.

Na tabela abaixo é possível visualizar o modelo de sinalização usado na língua de sinais americana correspondente ao registro formal e informal que é possível costurar com as demais referências teóricas trazidas nessa investigação.

PRODUÇÃO

FORMAL	INFORMAL
RITMO / VELOCIDADE Mais devagar	RITMO / VELOCIDADE Mais rápido
TAMANHO DO SINAL Maior	TAMANHO DO SINAL Menor
PARÂMETROS Articulados mais plenamente	PARÂMETROS Articulados menos plenamente
MOVIMENTO CORPORAL Reduzido	MOVIMENTO CORPORAL Não reduzido

Quadro 7 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU –
PRODUÇÃO

FONOLOGIA

FORMAL	INFORMAL
USO CONVENCIONAL DOS PARÂMETROS	USO FLEXÍVEL DOS PARÂMETROS
Localização, movimento, orientação de palma, configuração da mão, sinais não manuais.	Localização, movimento, orientação de palma, configuração da mão, sinais não manuais.
Nº DE MÃOS USADAS	Nº DE MÃOS USADAS
Maior quantidade de sinais com as duas mãos	Maior quantidade de sinais com uma mão somente
Quadro 8 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU – <i>FONOLOGIA</i>	

MORFOLOGIA

FORMAL	INFORMAL
CLASSIFICADORES	CLASSIFICADORES
Usados com menor frequência	Usados com maior frequência
ASPECTO TEMPORAL	ASPECTO TEMPORAL
Usado com menor frequência	Usado com maior frequência
SINAIS NÃO MANUAIS	SINAIS NÃO MANUAIS
Precisam acompanhar os sinais manuais	Podem ser usados na ausência de sinais manuais
Quadro 9 – Os modelos dos registros formais e informais por WOU – <i>MORFOLOGIA</i>	

Os quadros acima que apresentam as caracterizações dos modelos de sinalização formal e/ou informal em ASL observada por WOU são entendidas nessa pesquisa como fundamentais para se compreender os possíveis tipos de sinalização de acordo com o registro na língua de sinais americana. Porém, essas classificações ainda não podem ser entendidas de forma prescritiva na língua brasileira de sinais, uma vez que por hora ainda parecem não haver pesquisas que comprovem a aplicabilidade dessa classificação apresentada. Esse modelo é trazido nesse trabalho como mais uma possível metodologia de classificação de níveis e fatores que implicam na formalidade e informalidade nas línguas de sinais. A classificação usada para a coleta

dos dados nessa pesquisa – devidamente explicitado no capítulo de metodologia – foi empregada na busca de auxiliar na seleção dos aspectos a serem considerados para análise, bem como funcionando como base de algumas reflexões.

Na subseção abaixo é possível observar a definição dos recursos definidos nessa investigação para análise dos aspectos formais da Libras nos textos monológicos de gênero: edital. Esses recursos foram definidos com base em algumas classificações já realizadas em estudos mencionados anteriormente.

2.6.2. Recursos de (In)Formalidade das Línguas de Sinais

- **Espaço de Sinalização (ES)**

De acordo com Ferreira (2010, p. 215), o *espaço de sinalização* contém três eixos correspondentes aos três tipos de movimento no espaço: *frente/trás*, *esquerda/direita* e *cima/baixo*. É interessante observar a seguinte comparação considerada por Nascimento (2008):

“Sinais mais contidos, mais centrados no corpo do falante podem representar, por exemplo, o “falar baixo”, o inverso, “falar alto”, teria relação direta com sinais expandidos, articulados mais distantes do corpo. Essa mesma relação pode estar associada ao grau de formalidade do discurso.” (NASCIMENTO, 2008, p. 156).

Existem diferentes perspectivas sobre esta categoria em relação aos níveis de registros. No registro mais formal pode acontecer que o espaço de sinalização seja maior ou menor e no registro mais informal também, o uso do espaço de sinalização pode ser maior ou menor. Sugere-se que o principal motivo da diferença seja decorrente das características físicas e ambientais que podem ser responsáveis por influenciar os diferentes usos do espaço de sinalização. Alguns exemplos ilustrativos que podem ser entendidos e diferenciados quanto ao nível de formalidade e informalidade na sinalização que, comumente, acontecem na realidade dos usuários de Libras:

Exemplos de registro mais informal:

- I. Um casal se sinalizantes estão sentados juntos num banco de uma praça. Eles usam um pequeno espaço de sinalização para se comunicar devido à proximidade de seus corpos.
- II. Amigos sinalizantes se divertem e conversam em uma festa. Por consequência, eles utilizam o espaço de sinalização maior devido ao estímulo e envolvimento animado inerente ao clima de descontração, lazer e divertimento.

Exemplos de registro mais formal:

- I. Um sinalizante profere uma palestra num evento universitário onde a plateia é mista. O sinalizante poderá ampliar seu espaço de sinalização para que possa ser percebido facilmente por todo o público, sobretudo, o público sinalizante que poderá estar sentado em diferentes distâncias do palco onde está o palestrante.
- II. Num estúdio, um tradutor-ator sinalizante grava um texto acadêmico em Libras utilizando o espaço de sinalização mais restrito devido ao limite do enquadramento da filmagem.

Segundo Baixauli (2001, p. 157) nos registros mais formais a utilização do espaço de sinalização parece haver mais restrições do que nos registros mais informais, uma vez que quando impostas por um ambiente televisivo o limite e o controle do corpo do apresentador devido à posição de filmadora e a noção do limite do enquadramento se faz necessário. A pesquisa de Ross e Berkowitz (2008) sobre o uso da ASL acadêmica prevê que no registro mais formal o espaço de sinalização costuma ser maior (com base em teorias de alguns autores como Zimmer, 1989; 2000). Os dados da pesquisa não correspondem, contudo, à hipótese de Ross e Berkowitz (2008) devido às características de restrição no espaço de sinalização que pode existir, uma vez que as amostras da pesquisa desses autores foram filmadas em um estúdio de gravação e não concebidas em frente a uma plateia.

Percebe-se, nesse sentido, que o espaço de sinalização pode sempre variar, como foi possível observar nos exemplos ilustrativos anteriores. Cabe considerar que os conteúdos do tema tratado também podem influenciar o uso do espaço, talvez necessitando um uso de forma que os sinais sejam bem organizados, com pontos bem estabelecidos no espaço para referentes e personagens. Segundo Cokely e Baker-Shenk (1980b, p. 119), com relação ao bom uso de espaço de sinalização, entende-se ser o relativo ao que ajude o usuário saber onde

encontra as informações no momento em que usa os pontos previamente estabelecidos (Baixauli, 2001; Quinto-Pozos e Mehta, 2010).

Ao sinalizar um texto sem muitas personagens ou referências, no entanto, o sinalizante pode não precisar muito do espaço de sinalização amplo, ou seja, os sinais podem ser realizados no centro do espaço de sinalização, por exemplo, sem necessidade de uma expansão desse espaço quando não necessária a localização tão significativa de referentes. Nesse contexto, é importante que se esclareça que, os vídeos analisados nessa pesquisa se caracterizam pelo gênero de edital, portanto, subentende-se não haver muitas referências de personagens necessários para referenciação no espaço. Cabe ressaltar que esse aspecto, de definição de referentes no espaço de sinalização, não será abordado nessa investigação, mas naturalmente, poderá ser investigada em outra pesquisa futura com mais atenção.

- **Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE)**

Ainda não foram encontradas descrições teóricas sobre a *Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento*, visto que se trata de uma classificação cunhada nesse trabalho como categoria de análise de níveis de formalidade no gênero monológico (editais) baseada em recomendações diversas relativas ao cuidado que o sinalizante deve ter ao sinalizar num contexto de vídeo onde é preciso tomar cuidado para que sua mão ou braço saia do enquadramento da câmera durante a filmagem. As normas propostas pelo VR-Libras mencionado anteriormente, especificamente as recomendações de *Posição e Filmagem*¹⁹, são usadas como base de categorização de aspecto de formalidade nesse trabalho uma vez que não é recomendando o mover da mão (e dedos) ou do braço para fora do enquadramento da câmera. Outra recomendação que também contempla esse cuidado é a proposta de *Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* (2009, p. 22), material disponibilizado e publicado que aponta orientações para a sinalização da chamada de classificação indicativa em Libras em programas televisivos. Conforme o material, “o diretor de imagem deve estar atento ao enquadramento do intérprete de modo que seus braços e cotovelos não sejam cortados do quadro. O foco deve abranger toda a movimentação e gesticulação do intérprete”.

¹⁹ Explicação em Libras e disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/normas-de-publicacao/vii-posicao-e-filmagem/>. Acesso em 14/12/2012.

O passar da mão ou o braço para fora do enquadramento da câmera, nesse sentido, pode ser entendido com um fator modificador do valor de formalidade na língua de sinais no vídeo registro, isso porque a exibição da falha pode implicar numa não organização prévia da sinalização e no controle do uso do espaço de sinalização. É interessante observar que o grupo de discussões do VR-Libras vem discutido já algum tempo sobre essa questão, inclusive vem desenvolvendo discussões a respeito do possível comparativo que se pode fazer entre a sinalização mais restrita comportada dentro do enquadramento da câmera e a exigência de se alinhar o texto às margens (esquerda, direita, superior e inferior) do documento quando escrito na língua portuguesa como recomenda a ABNT.

Apesar de mais explicações e materiais de referência teórica que abordem sobre *Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento* (MDFE) não serem encontrados é importante ressaltar que nesse trabalho foram usadas como referências, portanto, as recomendações da VR-Libras e da *Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* que podem ser compreendidas como fatores que implicam na organização de espaço de sinalização, bem como no controle da sinalização em um nível mais restrito (quando se trata do discurso em vídeo registro). Um segundo fator que pode influenciar no registro formal da língua de sinais, além da MDFE, é a velocidade de sinalização (VS). A descrição desse pode ser observada abaixo.

- **Velocidade de Sinalização (VS)**

Para alguns autores, como Zimmer (2000); Quinto-Pozos e Mehta (2010), Baixauli (2001) e Cokely e Baker-Shenk (1980a), a *Velocidade de Sinalização* é uma das principais diferenças entre o discurso mais formal e informal na língua de sinais. Segundo esses autores, em contextos formais o usuário costuma produzir uma sinalização com baixa velocidade enquanto que em contextos informais a sinalização possui uma velocidade maior.

Cabe lembrar que uma das recomendações²⁰ do grupo de VR-Libras refere-se à necessidade de uma velocidade normal de sinalização, ou seja, nem muito rápida, mas também nem muito lenta. Uma velocidade adequada capaz de o discurso ser compreendido com clareza

²⁰ Disponível em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/normas-de-publicacao/ix-resumo/>> Acesso em 14/12/2012.

pelo leitor-espectador²¹. De acordo com Cokely e Baker-Shenk (1980b), a velocidade é uma questão essencial na habilidade do usuário sinalizante, pois quando não adequada à situação de comunicação ou finalidade de informação pode causar prejuízos de compreensão por parte dos interlocutores. Nas palavras dos autores (1980b, p. 119), “a velocidade muita lenta pode ser maçante e ininteligível e a velocidade muito rápida pode não ser clara e incompreensível”. Entende-se ser importante que o usuário obtenha a habilidade de variar e dosar a velocidade de sua sinalização de acordo com o contexto de uso da língua. Assim, a recomendação do VR-Libras dialoga com Cokely e Baker-Shenk (1980b) no que diz respeito às habilidades básicas definidas para o uso adequado do registro formal da língua de sinais. Um terceiro fator a ser observado e considerado importante para esse contexto de discussão é o uso das soletrações manuais.

- **Soletrações Manuais (SM)**

A soletração manual ou datilologia é considerada um aspecto linguístico das línguas de sinais e seu empregado é identificado em qualquer meio de comunicação. Sobre esse elemento linguístico, Ferreira aponta:

“[...] a LIBRAS desenvolveu um alfabeto manual que é constituído de Configurações de Mão constitutivas dos sinais, as quais representam as letras do alfabeto da língua portuguesa. Através da “datilologia” ou soletração digital, este alfabeto é utilizado para traduzir nomes próprios ou palavras para as quais não se encontram equivalentes prontos em LIBRAS [...]” (2010, p. 22).

Trata-se de um elemento fundamental e comumente empregado nas sinalizações de representação das palavras em português que não tenham um suporte item lexical único “correspondente” na língua de sinais. Também pode ser uma estratégia linguística utilizada para o interlocutor evitar uma possível ambiguidade do sinal enunciado, ou ainda para reforçar alguma afirmação do sentido desse sinal. Observa-se que a função da soletração manual em Libras se assemelha à da língua

²¹ Ver conceito de *leitor-espectador* em RIGO, 2012.

britânica de sinais (BSL)²². De acordo com Sutton-Spence (1994 *apud* BAIXAULI, 2001) e Sutton-Spence e Woll (1998) as funções da datilologia em BSL são:

- I. Apresentar uma palavra em inglês para a qual não há nenhum sinal equivalente na BSL.
- II. Resolver diferenças dialetais dentro da BSL (isto é, explicar um sinal regional que pode ser desconhecido pelo interlocutor).
- III. Acompanhar um novo conceito expressado em sinais. (ex.: “mouse de computador”)
- IV. Identificar um sinal quando introduzido pela primeira vez.
- V. Produzir eufemismos, ou seja, suavizar uma expressão ou ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais polida.

De acordo com Mulrooney (2002), na língua de sinais americana (ASL) a área em que as soletrações manuais costumam ser usadas com maior frequência corresponde à região do ombro (ou um pouco cima, ao lado do rosto) assim como ilustra a seguinte figura:

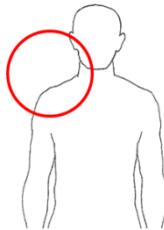


Figura 8 – A localização mais utilizada pela soletração manual.

Percebe-se uma discussão entre alguns sinalizantes usuários da língua brasileira de sinais quanto ao uso da datilologia em frente ao corpo. Por questões de visibilidade e clareza linguística, recomenda-se em alguns casos que a soletração manual em frente ao rosto seja evitada, pois quando realizada nesse espaço de locação ocorre um prejuízo em outro fator importante linguístico das línguas de sinais, que é as expressões não manuais, nesse caso, as expressões faciais. Entendendo a Libras como uma língua onde o canal visual é a via de comunicação e, portanto, sendo necessário um determinado ângulo de visibilidade entre o sinalizante e o interlocutor, é possível considerar nesse sentido que

²² BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica).

quando um elemento linguístico se sobrepõe a outro – quando a datilologia é realizada em frente ao rosto – a compreensão pode sair prejudicada uma vez que o interlocutor que está recebendo a mensagem sinalizada poderá não enxergar a expressão facial realizada, ou então, poderá atrapalhar-se no entendimento da soletração manual construída.

Alguns pesquisadores como Ross e Berkowitz (2008) que desenvolveram alguns trabalhos em ASL, assim como Napier (2010) pesquisadora da língua de sinais australiana (Auslan)²³ e Day (2000) da BSL, observaram que em situações mais formais as sinalizações costumam ter um maior número de soletrações manuais do que em momentos menos formais. Essas soletrações são usadas, sobretudo, para identificar termos técnicos empregados em determinada circunstância garantindo assim a compreensão plena do interlocutor sobre certos conceitos.

Um bom exemplo que pode ser compartilhado nesse sentido é um relato de um colega em uma das disciplinas cursadas no mestrado em 2011. Na oportunidade, ele compartilhou com os demais sobre sua decisão comunicativa relativa a um determinado momento na escola quando ainda bastante jovem. Comentou que um determinado dia havia faltado aula e que ao retornar, no dia seguinte, foi questionado pela professora sobre o motivo de sua ausência. Ele relata que, no momento, explicou a ela que era porque sua mãe estava com problemas de saúde. Quando a professora lhe questionou sobre o problema de sua mãe ele, sem jeito, respondeu utilizando a soletração manual, justamente na tentativa de ser mais discreto e polido. Ao soletrar V-A-G-I-N-A a professora compreendeu as circunstâncias e então manteve a discrição não lhe fazendo mais questionamentos.

Em aula muito foi discutido sobre esse fato se tratar ou não de um possível exemplo de estratégia do uso da soletração manual atrelada a uma necessidade de uso formal da língua. Apesar da existência do sinal em Libras correspondente à palavra soletrada é possível pensar sobre o fato de o colega, quando jovem, preferir soletrar o termo em português a usar o sinal devido para a professora. Seria quem sabe a soletração manual uma forma mais neutra e discreta de sinalização do que a realização do próprio sinal correspondente ao termo ‘vagina’? Talvez o sinal do termo pudesse chamar a atenção dos demais colegas da escola ou então pudesse expor muito a privacidade do problema da mãe do aluno? Esses questionamentos foram discutidos na oportunidade da disciplina e, pôde-se entender que isso tenha relação com o quinto

²³ *Australian Sign Language.*

item apontado por Sutton-Spence (1994) sobre a datilologia na BSL, ou seja, o uso do sinal como um eufemismo para neutralizar e suavizar a expressão. Nesse sentido, os itens apontados pela autora em BSL passam a ser importantes para futuras discussões mais aprofundadas a respeito do uso da datilologia como meio de uso formal da língua. Não só a soletração manual pode ser entendida como fator de implicação no registro de formalidade da língua de sinais, mas também a sua própria velocidade de execução. Nesse sentido, faz-se importante acrescentar a *Velocidade da Soletração Manual (VSM)* como mais um elemento possível de análise do registro formal da Libras.

- **Velocidade da Soletração Manual (VSM)**

É possível verificar a existência de algumas recomendações sobre como produzir a datilologia na língua brasileira de sinais. De acordo com Strobel e Fernandes (1998) é aconselhável que a soletração seja feita devagar, ou seja, de forma a formar a palavra com nitidez, letra por letra. As orientações do grupo de VR-Libras também recomendam uma soletração nítida e levemente pausada. Esse fator está intimamente relacionado com o elemento já descrito *Velocidade de Sinalização*, porém nesse estudo é desmembrado da classificação VS por ser algo relativo à datilologia em especial que pode implicar numa função diferente na sinalização bem como influenciar em outros aspectos de construção sintática e semântica do discurso.

Entende-se que em muitos casos que a velocidade das soletrações manuais pode ser um problema central para usuários sinalizantes uma vez que a datilologia ao ser realizada em alta velocidade pode fazer com que o interlocutor da comunicação não perceba e compreenda o termo a qual a soletração se refere. Infere-se que numa soletração muito rápida, maior atenção por parte do interlocutor seja necessária, assim como uma possível falha de entendimento venha acontecer. Essa atenção redobrada necessária pode influenciar na forma como a mensagem chega, pois uma vez que o receptor se esforça para compreender um determinado elemento do discurso especificamente, o fluxo de compreensão do texto proferido pode ficar comprometido fazendo com que o receptor perca sua linha de raciocínio ou gere um desgaste mental na compreensão de uma sinalização que poderia, naturalmente, ser sinalizada de forma mais clara e tranquila. Por outro lado, cabe ressaltar que em determinadas regiões do Brasil a soletração manual é bastante utilizada e incorporada ao sinalário da Libras. Essas incorporações são conhecidas como sinais

soletrados que, de fato, costumam ser realizados de forma um pouco mais rápida – e obviamente ritmada. Vale destacar que são poucas as pesquisas em âmbito nacional que abordam de forma aprofundada sobre esse tema em especial e, por isso, é preciso que se entenda que existem diferentes perspectivas e entendimentos sobre esse elemento linguístico.

É importante pontuar que a percepção visual da soletração manual pode ser mais complexa do que se pense e, nesse sentido, passa a merecer mais atenção independentemente do nível exigido de fluência linguística dos usuários. Destaca-se assim a relevância de o sinalizante atentar-se à realização de sua soletração manual nos diferentes discursos, sobretudo, nos contextos comunicacionais onde a compreensão mútua da informação é exigida e presente. Assim, vale refletir sobre o modo de construção da soletração no espaço de sinalização, bem como sua velocidade de produção uma vez que o modo como será empregada no discurso poderá implicar prejuízos ou eficácia na comunicação. Essas considerações podem dialogar com as observações de Cokely e Baker-Shenk (1980b) que apontam sobre a capacidade do sinalizante de variar a velocidade de sua sinalização conforme a situação (Zimmer, 2000; Cokely e Baker-Shenk, 1980a).

Apesar de que terem sido encontradas poucas referências sobre a VSM é possível entender com base nas considerações dos autores apresentados, bem como nas recomendações do VR-Libras, que a velocidade da soletração manual merece uma maior atenção no momento de produção textual em nível formal e que seja empregada de modo que seja percebida claramente pelos interlocutores.

- **Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND)**

De acordo com Quadros e Karnopp (2004) há restrições fonológicas básicas para a formação dos sinais. Segundo as autoras (2004, p. 78), essas restrições fonológicas classificam-se em três grupos:

- a) Sinais produzidos com uma mão;
- b) Sinais produzidos com duas mãos onde ambas são ativas; e
- c) Sinais produzidos com duas mãos onde a mão dominante é a ativa e a mão não-dominante é passiva, ou seja, funciona como mão de apoio.

Battison (1978 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 78-79) observa que há duas restrições fonológicas nos diferentes tipos de produção de sinais envolvendo as duas mãos:

- I. *Condição de Simetria*: caso as duas mãos se movam na produção de um sinal, então determinadas restrições aparecem, a saber: a CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica e o movimento deve ser simultâneo ou alternado.
- II. *Condição de Dominância*: se as mãos apresentam distintas CM, então a mão ativa (dominante) produz o movimento e a mão passiva (não-dominante) serve como apoio.

Quadros e Karnopp (2004, p. 79) afirmam que as restrições na formação de sinais ajustam-se no sistema de percepção visual e restringem a complexidade dos sinais para que eles sejam mais facilmente produzidos e percebidos permitindo assim uma maior previsibilidade na formação de sinais e um sistema com complexidade controlada.

Existem pesquisas que consideram as mudanças das restrições fonológicas desta categoria uma vez que podem ser influenciadas pelos registros formais ou informais onde os usuários se comunicam. Zimmer (2000), Liddell (2003), Baker-Shenk e Cokely (1980) observam que no registro informal a mão não-dominante costuma ser omitida. Já no registro formal o sinalizante tende a usar as duas mãos na sua sinalização. Observa-se na figura abaixo a ilustração do sinal PEOPLE em ASL. É possível verificar o comparativo ilustrado entre duas produções: um sinal composto pelas duas mãos e o outro com a omissão de uma das mãos, a mão dominante:

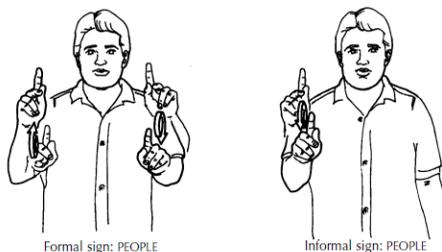


Figura 9 – O sinal PEOPLE de ASL usado por uma ou duas mãos dependendo de nível de registro.

Fonte: figura extraída de *Linguistics of American Sign Language: An Introduction*, de Valli & Lucas (2000, p. 179)

De acordo com Baker-Shenk e Cokely (1980) a mão não-dominante pode ser omitida, a menos que o significado do sinal fique evidente ou implique prejuízos, como bem foi possível observar na ilustração acima.

Abaixo é apresentado outro exemplo de omissão de mão não-dominante através da figura que apresenta a sinalização do sinal PRECISAR em Libras. Esse sinal pode ser entendido como um sinal possível de ser empregado e, naturalmente compreendido, sem a necessidade de utilização das duas mãos em sua execução.

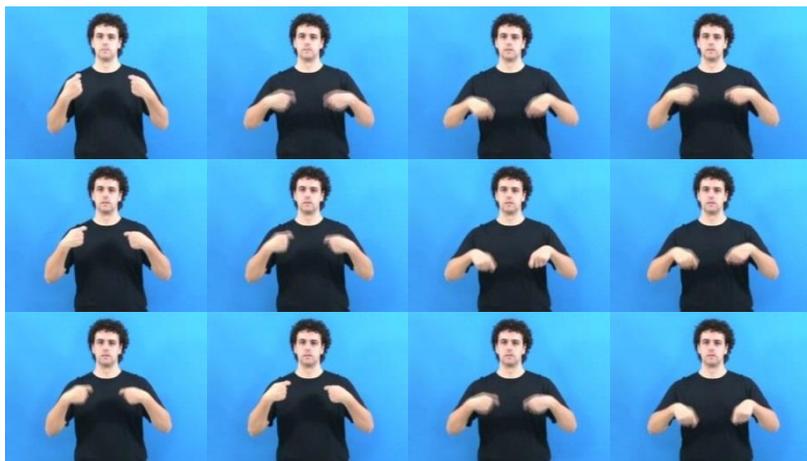


Figura 10 – O sinal PRECISAR com ambas as mãos.

A figura acima ilustra o sinal executado com ambas as mãos e correspondente à *forma de citação*²⁴ registrada nos dicionários de Libras.

Abaixo segue o exemplo do sinal de mesmo significado, porém com a omissão da mão não-dominante:

²⁴ Este conceito será explicado na subseção de *Parâmetros Totalmente Articulados* deste capítulo.



Figura 11 – o sinal PRECISAR com omissão de mão não-dominante.

Conforme a figura acima, embora o sinal PRECISAR seja apresentado por uma única mão, o significado pode ser naturalmente entendido. É possível considerar esse sinal como *forma de conversação*²⁵.

É importante observar, contudo, que isso não se aplica a qualquer sinal, isso porque existem vários sinais que precisam necessariamente das duas mãos articuladas (uma dominante e outra não-dominante ou ambas as mãos ativas) para esclarecer o significado do enunciado. Se uma das duas mãos necessárias do sinal for omitida, o enunciado nesses casos pode se tornar confuso ou ambíguo. Abaixo um exemplo de sinal que precisa da composição das duas mãos para tornar o significado claro e não ambíguo.

Observa-se a seguinte figura do sinal ESTUDAR em Libras:

²⁵ Este conceito também será melhor explicitado na subseção de *Parâmetros Totalmente Articulados*.



Figura 12 – O sinal ESTUDAR com ambas as mãos.

Conforme a figura acima o sinal ESTUDAR é formado por ambas as mãos e correspondente à *forma de citação* registrada nos dicionários de Libras.

Abaixo o mesmo sinal, mas com omissão de mão não-dominante:



Figura 13 – O sinal ESTUDAR com omissão de mão não-dominante.

Conforme a figura acima, é possível observar que a omissão da mão não-dominante de ESTUDAR pode tornar o sinal confuso e

ambíguo. Trata-se de um sinal formado pela CM em “B” de movimento (para cima e para baixo). Esse mesmo sinal assim produzido (sem a mão de apoio) pode ao mesmo tempo significar ESTUDAR, ou então ser entendido como conceito de PARA CIMA, ou ainda como advérbio MAIS. Também pode ser observado sob a perspectiva semântica do verbo PESAR ou EQUILIBRAR, entre tantos outros possíveis significados. Nesse sentido, considera-se que a omissão da mão de apoio nesse exemplo e em vários outros sinais pode comprometer o sentido do sinal e da composição sintática na qual ele pode estar inserido.

É possível ressaltar, por fim, conforme Zimmer (2000), Liddell (2003) e Baker-Shenk e Cokely (1980) que a sinalização com ambas as mãos produzidas pelos sinalizantes são usadas com maior frequência em contextos de produção formal das línguas de sinais.

- **Expressões Faciais (EF)**

De acordo com Quinto-Pozos e Mehta (2010), Baixauli (2001) e Day (2012), as expressões faciais mais exageradas são mais recorrentes nos contextos informais e, também, nas situações de narrativas literárias enquanto que nos contextos mais formais elas são consideradas menos exageradas, ou seja, mais discretas e equilibradas. Ladd (2003) relata que em ambiente religioso frequentado por americanos surdos existem determinadas regras que, naturalmente, são convencionadas no intuito de se empregar a sinalização mais adequada. Conforme o autor, a partir de suas considerações de investigação, o contexto religioso observado as expressões faciais são mais restritas e não tão exageradas uma vez que esse tipo de circunstância pode ser considerado como uma situação mais formal. De uso da língua americana de sinais (ASL).

Vale compartilhar, partindo das experiências empíricas e percepções particulares do pesquisador dessa investigação enquanto surdo nativo – membro da comunidade surda, usuário dos serviços de interpretação e tradutor-ator – que alguns sinalizantes, sobretudo os sinalizantes surdos, parecem se sentirem desconfortáveis diante sinalizações mais formais onde as expressões faciais são demasiadamente contidas. Reclamações a esse respeito já foram observadas e o descontentamento parece estar, sobretudo, ligado à falta do uso claro das estruturas sintáticas da Libras que decorrem justamente da ausência das EF.

Faz-se necessário pontuar que a ausência das EF pode gerar prejuízos para as sentenças sinalizadas, bem como comprometer a ordem lógica e de efeito semântico dos itens léxicos na língua. Ao

mesmo tempo, o excesso de EF (expressões exageradas) ou o uso de expressões alternadas inesperadamente e em desacordo com a intenção do discurso podem também gerar estranhamento. Nesses casos pode-se entender que o excesso de expressão facial ou o uso exagerado desse elemento pode interferir no valor de formalidade da sinalização, mas ao mesmo tempo sua ausência implica prejuízos gramaticais uma vez que as expressões não-manuais compõem os parâmetros básicos e essenciais da construção gramaticalmente adequada da língua.

Vale lembrar que as EF são também relevantes no sentido de estabelecer os aspectos prosódicos das línguas sinalizadas. O emprego desse recurso linguístico permite alterar o sentido de uma sentença e/ou ordem lexical, podendo transformar frases afirmativas em negativas, frases interrogativas em exclamativas e vice-versa. (QUADROS e KARNOPP, 2004). Além das EF outro elemento expressivo não-manual imprescindível a ser destacado nesse trabalho refere-se aos movimentos corporais do sinalizante. Sobre esse elemento, é possível observar algumas considerações traçadas na subseção abaixo.

- **Movimento Corporal (MC)**

Ladd (2003) relata que, assim como ocorre com as expressões faciais supramencionadas, no contexto religioso – em que os americanos surdos frequentam – há também normas estipuladas que determinam como o sinalizante deve se comportar e sinalizar no que diz respeito a sua postura corporal. Um dos exemplos observados pelo autor em seu trabalho é que a linguagem corporal empregada nesse tipo de contexto parece ser muito mais formal na sinalização e ao mesmo tempo na maneira de caminhar desses sinalizantes do que em outros contextos. Quinto-Pozos e Mehta (2010) de acordo com os dados de suas pesquisas também observam que nos contextos mais formais ocorre a redução dos movimentos corporais em comparação com sinalizações produzidas em contextos informais (no caso da investigação dos autores, os escolares).

Zimmer (2000) e Baixauli (2001) apontam que em situações onde estúdios ou ambientes de filmagens estão implicados é possível observar uma diminuição significativa do uso dos movimentos corporais dos sinalizantes em decorrência da influência de intimidação que os apetrechos técnicos podem causar diferentemente, por exemplo, das situações onde há grandes espaços para sinalização e não há filmadoras e demais aparelhagens do gênero por perto, tampouco recursos e ferramentas fisicamente próximos aos sinalizantes. Nesses casos onde há uma liberdade maior de sinalização, naturalmente, a possibilidade de

os sinalizantes produzirem movimentos corporais mais significativos é maior, pois não se sentem, a princípio, intimidados diretamente por nenhum tipo instrumento.

- **Classificadores (CL)**

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 93) os classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e/ou pessoas, ou ainda são empregados para descrever o tamanho e a forma desses elementos e sujeitos. Os classificadores são usados também como recurso linguístico estético e poético, sobretudo em textos sinalizados do gênero literário, como poesias, narrações, histórias infantis, contos, fábulas, etc. Os classificadores também são empregados na sinalização cotidiana entre sinalizantes conhecidos que estabelecem um tipo de sinalização mais informal.

Em registros mais formais também há a presença dos classificadores uma vez que são empregados nas línguas de sinais naturalmente como recursos linguísticos amplamente usados pelos usuários e constroem-se de acordo com a intenção e finalidade do sinalizante ou da influência do tema do texto/discurso. Muitos exemplos de uso poderiam ser ilustrados, um deles pode ser entendido numa conversa entre um mestre de obras e um engenheiro, ou então num contexto de ensino da língua de sinais onde o tópico abordado são os classificadores e assim por diante. Conforme Baixauli (2001), Quinto-Pozos e Mehta (2010) e WOU (2012), no entanto, os classificadores parecem ser menos recorrentes em contextos comunicacionais mais formais. Os classificadores, os demais elementos já mencionados, bem como o próximo fator a ser considerado (*Parâmetros Totalmente Articulados*) são questões que serão retomadas com mais explicitação conforme o transcorrer das páginas desse trabalho.

- **Parâmetros Totalmente Articulados (PTA)**

Entende-se nessa pesquisa os *Parâmetros Totalmente Articulados* como parâmetros linguísticos que correspondem aos aspectos fonológicos observados por Stokoe (1960) e Battison (1974, 1978) já descritos na subseção de *Fonologia das Línguas de Sinais* (QUADROS e KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010). Para se tecer algumas considerações sobre esse elemento, é possível observar

primeiramente a seguinte figura ilustrativa que apresenta o sinal FELIZ em Libras:

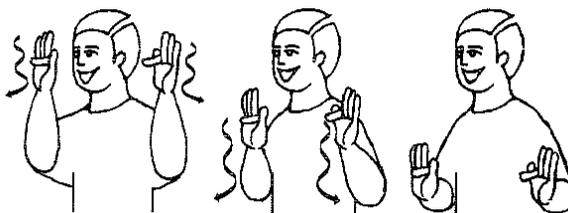


Figura 14 – O sinal FELIZ.

Fonte: figura extraída de *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe: Língua de Sinais Brasileira*, de Capovilla e Raphael (2001).

Conforme a figura o sinal é formado por todos os parâmetros, ou seja, formado pela configuração de mão (CM), pelo movimento (M), pelo ponto de articulação (PA), pelas expressões não-manuais (EFM) e pela orientação da mão (Or). Todos precisamente de acordo com os elementos fonológicos exigidos na língua. Caso um desses parâmetros fosse omitido, “esquecido” ou não articulado devidamente, o sinal poderia tornar-se ambíguo, inadequado gramaticalmente e/ou difícil de ser compreendido. Cabe destacar que o que se observa, obviamente, é que todos os sinais que costumam ser registrados nos dicionários²⁶ de Libras são ilustrados com os parâmetros devidamente adequados gramaticalmente.

Entende-se que a variação dos parâmetros articulados dos sinais pode influenciar os diferentes níveis de registro da língua. Entende-se que o uso dos sinais nos contextos mais formais costuma geralmente implicar numa organização da sinalização, ou seja, numa sinalização elaborada a partir de uma preocupação de informação claramente estruturada. Já nos contextos menos formais os sinais costumam ser empregados com reduções e restrições nos parâmetros, ou seja, eles não são efetivamente articulados na construção da sinalização. Um sinal, quando sinalizado informalmente – dependendo das circunstâncias – pode constituir-se insuficientemente articulado. Um exemplo de sinais

²⁶ Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe: Língua de Sinais Brasileira, de Capovilla e Raphael (2001); Dicionário de Libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>>, entre outros.

assim construídos são os alofones²⁷ que, embora no contexto e fluxo do discurso possam ser perfeitamente compreendidos, sua articulação não é integralmente construída.

Segundo Baker-Shenk e Cokely (1980) é possível observar a diferença das figuras correspondentes ao sinal KNOW em ASL:

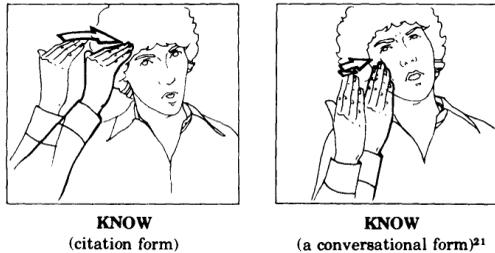


Figura 15 – O sinal KNOW de ASL – *forma de citação* e *forma de conversação*.

Fonte: figura extraída de *American Sign Language: A Teacher's Resource Text On Grammar and Culture*, de mesmos autores, 1980, p. 96.

Conforme a ilustração acima é possível verificar sinais referentes à *forma de citação*²⁸, ou seja, sinais comuns em situações formais e acadêmicas. Também é possível verificar sinais referentes à *forma de conversação*²⁹, isto é, sinais reduzidos encontrados com frequência em situações informais. De acordo com Zimmer (2000, p. 433) a sinalização formal é apresentada de forma mais clara e executada completamente. Baixauli (2001, p. 160) também afirma em sua pesquisa que no registro mais formal (partindo do contexto de registro da sinalização de uma sinalizante gravada num programa de TV) as informações transmitidas são mais explícitas e claras devido ao seu objetivo de fornecer a informação partindo de uma estrutura do discurso bem articulada e organizada, bem como planejada antecipadamente uma vez que é destinada ao público fora do contexto de gravação. De acordo

²⁷ Mais informações ver:

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf>. Acesso em 15 dez. 2012.

²⁸ Segundo Baker-Shenk e Cokely (1980) *forma de citação* refere-se a construção do sinal empregado igual ao sinal registrado em um dicionário.

²⁹ Segundo Baker-Shenk e Cokely (1980) a *forma de conversação* é a construção do sinal mais “flexível” podendo constituir-se um tanto diferente da forma apresentada num dicionário.

com Cokely e Baker-Shenk (1980a, p. 16) o sinalizante que quiser ser enfático e firme, naturalmente, fará uso de movimentos mais lentos e contidos, como bem foi possível observar nos apontamentos das subseções de VS e ES nesse capítulo.

De acordo com os dados da pesquisa de Liddell (2003, p. 205) no registro mais informal o sinalizante emprega o sinal NOW em ASL (quase imperceptível no registro dos dados de sua pesquisa) uma vez que o sinal – que é usado com duas mãos – foi empregado com uma única mão apenas e sem o movimento completo e a orientação de mão gramaticamente adequada, isto é, sem que os parâmetros de formação do sinal fossem integralmente executados e articulados. Este caso exposto na investigação de Liddell (2003) dialoga com as observações tecidas na subseção *Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante* já vista anteriormente.

Valli e Lucas (2000, p. 180) observam que a localização dos sinais pode variar dependendo do contexto social. Em contextos mais formais, o sinal KNOW em ASL pode ser realizado sobre a testa enquanto que em contextos mais informais o sinal pode ser realizado sobre o rosto ou no espaço de sinalização frente ao sinalizante (ou próximo ao nariz).

2.7. Considerações sobre a Revisão de Literatura

Além do número de exemplos e modelos encontrados e ilustrados ter sido significativo nesse trabalho é pertinente compartilhar, por fim, o que WOU sugere como modelo de sinalização formal e informal na língua de sinais americana. Esse modelo funciona como orientação para os usuários da ASL de modo que possam compreender adequadamente a forma de comunicação de acordo com a situação de seus discursos. Abaixo, segue os apontamentos de orientação: a) o ritmo e a velocidade de sinalização variam entre situações formais e informais; b) a sinalização pode ser realizada com os parâmetros mais ou menos articulados dependendo da exigência da situação comunicacional; c) o movimento do corpo varia nos contextos formais e informais; d) o emprego das mãos (uma ou as duas) é variável entre ambos os contextos; e) a frequência do uso de classificadores também varia entre os dois tipos de situação e f) o espaço de sinalização pode variar no registro formal e informal.

As considerações de Preti (2003), Bagno (2007), Joos (1961; 1967; 1968), Zimmer (2000), Baixauli (2001), Quinto-Pozos e Mehta (2010) e Cokely e Baker-Shenk (1980a; 1980b) e entre outros, foram

fundamentais para o entendimento do conceito de formalidade e informalidade nas línguas, bem como das características de variação de registros em línguas orais e sinalizadas. É possível relacionar, desse modo, as características das variedades de registros entre as duas modalidades de língua uma vez que se torna possível refletir sobre as particularidades presentes em ambas. Entende-se que essas características como observado são distintas em alguns aspectos e, ao mesmo tempo, semelhantes em outros, isso porque compartilham de um mesmo fenômeno de construção linguística histórica, cultural e social inerente das línguas naturais.

Todos os estudos, as discussões e as observações teóricas apresentadas nessa seção de revisão de literatura encontradas em pesquisas contribuíram para um melhor entendimento sobre o assunto com relação ao tema de formalidade nas línguas, principalmente, nas línguas de sinais. Apesar terem sido poucos os materiais teóricos encontrados sobre o assunto em línguas de sinais entende-se serem, por hora, suficientes para o embasamento da presente pesquisa e para a construção de saberes dessa investigação sobre o fenômeno dos níveis de registros nas línguas uma vez que permitem uma possível comparação e exploração dos aspectos de registro formal das línguas sinalizadas.

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da Pesquisa

Conforme a classificação de Gil (2010) pode-se considerar que essa pesquisa se caracteriza como um estudo documental em função de envolver um tipo de material investigativo baseado em editais de processos seletivos publicados. Também se caracteriza como uma pesquisa descritiva, pois implica um trabalho descritivo, sistemático e detalhado dos aspectos de formalidade presentes nas sinalizações dos editais observados. Já com relação ao tratamento dos dados a abordagem adotada foi a quantitativa que corresponde à quantificação de ocorrências dos aspectos de formalidade classificados para análise das sinalizações selecionadas. As quantificações foram realizadas a partir do método de observação sistemática dos vídeos selecionados onde o pesquisador pode atribuir valores de frequência e recorrência dos aspectos de formalidade definidos. Vale considerar que as fontes documentais desse estudo diferem-se das tradicionais apontadas por Gil (2010, p. 66) uma vez que novas ferramentas e suportes de informação passam a permitir o acesso a documentos em novos formatos como, por exemplo, documentos disponíveis em sítios eletrônicos hospedados na rede de internet e possíveis de serem acessados e difundidos publicamente.

3.2. Descrição do Corpus

O corpus dessa pesquisa é constituído por documentos disponibilizados em vídeo com gravações de textos monológicos sinalizados em Libras que correspondem a traduções de editais de concursos e processos seletivos (exame de vestibular). A fonte de coleta desses documentos em formato audiovisual foram sites de instituições públicas. Todos os vídeos selecionados são do mesmo gênero textual – editais – embora não tratem do mesmo tipo de evento sendo o conteúdo de seus textos, naturalmente, diferentes entre si. Cabe pontuar que essas ferramentas audiovisuais são recursos pertinentes que permitem o acesso das pessoas surdas às informações correspondentes aos editais publicados em língua portuguesa o que, por sua vez, oportuniza o conhecimento das normativas do documento por parte dos surdos em sua língua materna.

Em função de o número de editais publicados em Libras ser restrito, a seleção dos vídeos se deu a partir da disponibilidade de documentos desse tipo de gênero textual em especial em sites de instituições com a devida divulgação e tradução. Foram adotados critérios de tempo aproximado dos recortes dos vídeos selecionados e esses recortes foram ordenados em partes, a saber: 1, 2 e 3; 4 e 5; 8, 9, 10 e 11. As partes selecionadas possuem duração variável de 15 a 20 minutos.

É importante que se esclareça de antemão que essa investigação não busca avaliar o emprego dos elementos sintáticos na sinalização em Libras, mas sim foca-se na identificação e quantificação de indicadores de formalidade aplicados na língua brasileira de sinais – com base na classificação dos aspectos já revisados no capítulo de embasamento teórico dessa dissertação – bem como, nas possíveis relações entre esses indicadores buscando compreender de que forma eles aparecem em textos monológicos sinalizados quando o gênero textual se trata de editais traduzidos para Libras.

Os editais selecionados correspondem a publicações de três diferentes instituições públicas, a saber: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e Universidade Federal de Goiás (UFG). A escolha pelas três instituições permitiu uma variedade de fontes de extração de dados.

Considerou-se nesse estudo o gênero de edital enquanto tipo textual de caráter impessoal pautados em documentos legais e, portanto, constituídos a partir de uma perspectiva de distanciamento estabelecido entre a instituição e o candidato. Entende-se esse caráter impessoal e de distanciamento como características de discursos formais – como já foi possível identificar nas referências teóricas apresentadas anteriormente, sobretudo, conforme as considerações de Joos (1968); Zimmer (2000); Baixauli (2001) e Quinto-Pozos e Mehta (2010) – e, dessa forma, os editais selecionados para essa investigação podem ser compreendidos como textos adequados para a análise prevista nesse trabalho.

Abaixo é possível visualizar uma tabela elaborada com a descrição dos editais selecionados e demais informações a respeito. Na primeira coluna observa-se o tema do edital, ou seja, o evento (concurso, processo seletivo ou exame de proficiência) correspondente, no caso três editais de vestibulares e dois do processo de exame de proficiência em Libras. Na segunda coluna é possível observar o ano de publicação do edital, enquanto que na terceira coluna é apresentada a instituição que produziu o material e sua publicação. Na coluna seguinte foi estipulada uma nomenclatura pelo próprio autor dessa pesquisa para cada edital

selecionado denominando cada vídeo para posterior análise e referências facilitadas. Por último, na quinta coluna os tradutores-atores (TAs) são ordenados e também identificados por um algarismo de numeração (de 01 a 05).

Tema	Ano	Instituição	Nomenclatura	Tradutor-ator
PROLIBRAS	2007	UFSC	EP2007UFSC ³⁰	TA-1
Vestibular	2010	UFSC	EV2010UFSC-A ³¹	TA-2
Vestibular	2010	UFSC	EV2010UFSC-B ³²	TA-3
PROLIBRAS	2012	INES	EP2012INES ³³	TA-4
Vestibular	2013	UFG	EV2013UFG ³⁴	TA-5

Tabela 1 – A identificação de dados dos vídeos analisados.

Cabe compartilhar o fato de que o edital referente ao exame Vestibular 2010 da Universidade Federal de Santa Catarina, além dos dois tradutores-atores (TA-2 e TA-3) analisados nessa investigação, contou também com mais uma tradutora-atriz na oportunidade de tradução do documento e sua publicação. Optou-se, contudo, por desconsiderar a sinalização dessa terceira TA, uma vez que na seleção dos vídeos tentou-se buscar uma padronização de gênero dos sinalizantes visando evitar vieses de marcações de gênero o que implicaria em discussões que não fazem parte do escopo desse trabalho. Entende-se que essa questão sobre possíveis marcações de gênero na sinalização é algo discutível e, inclusive já pesquisado em algumas esferas que dialogam com essa temática (em interpretações envolvendo

³⁰ Disponível em <<http://www.prolibras.ufsc.br/2007/edital.html>>. Acesso em 04 mar. 2013.

³¹ Disponível em <<http://www.vestibular2010.ufsc.br/libras/index.php?s=edital>>. Acesso em 10 jan. 2012.

³² Disponível em <<http://www.vestibular2010.ufsc.br/libras/index.php?s=edital>>. Acesso em 10 jan. 2012.

³³ Disponível em <<http://www.prolibras.ufsc.br/edital.html>>. Acesso em 04 mar. 2013.

³⁴ Disponível em <http://www.vestibular.ufg.br/2013/ps2013_1/site/index.php/editais/32-informativo-do-edital-em-libras-online>. Acesso em 04 mar. 2013.

línguas de sinais, por exemplo)³⁵. Contudo, essa investigação não aprofundará esse assunto, embora, trabalhos futuros possam se debruçar sobre a questão e aprofundar uma leitura sobre indicadores de formalidade entre sinalizantes de diferentes gêneros.

Os editais foram selecionados também a partir da disponibilidade dos vídeos e nível de proficiência do tradutor-ator, de modo que fatores complicadores como diferenças entre sinalizantes surdos e sinalizantes ouvintes não foram empregados como critério de seleção ou exclusão de material investigativo. Com relação a esse aspecto, assim como a questão de gênero, outras pesquisas poderão ser aprofundadas de modo a levantar dados sobre um possível contrastivo de indicadores de formalidade presente em sinalizações de surdos e sinalizações de ouvintes. Por hora, essa investigação também não se debruçará sobre esse aspecto em específico, mas naturalmente poderá servir de suporte inicial para outras pesquisas que visarão aprofundar esse tema. Com relação às diferenças de sinalizantes cabe compartilhar ainda que existem pesquisas que abordam sobre o assunto, tanto em cenário nacional como internacional e referem-se a diferentes contextos de produção e/ou tradução/interpretação de língua de sinais.

Como mencionado, os vídeos foram separados em partes com durações de tempo aproximadas. Abaixo é possível observar na tabela a descrição detalhada das partes dos vídeos selecionados para análise.

Edital	Partes Analisadas:	Duração Total das Partes:
EP2007UFSC	3	18m26s
EV2010UFSC-A	4, 5 e 6	19m39s
EV2010UFSC-B	7, 8, 9 e 10	16m49s
EP2012INES	4	18m38s
EV2013UFG	10 e 11	14m33s

Tabela 2 – A descrição de dados dos vídeos analisados.

Para fins de melhor visualização abaixo segue algumas imagens ilustrativas da fonte de onde os editais foram extraídos. A primeira imagem refere-se ao layout do sítio eletrônico onde o edital do exame

³⁵ Ver: NICOLOSO, S. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira*. Dissertação de Mestrado – PGET / UFSC, 2010.

Prolibras 2007 – organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – esteve hospedado. Já a segunda imagem corresponde ao layout da página do edital do Vestibular da mesma instituição foi publicado, no ano de 2010. Em seguida é possível visualizar a ilustração referente ao site onde o edital do exame Prolibras realizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi publicado, em 2012. Por fim, a última imagem corresponde ao exame de Vestibular organizado pela Universidade Federal de Goiás também com seu respectivo edital publicado em Libras.



Figura 16 – O edital de Prolibras 2007 – UFSC.

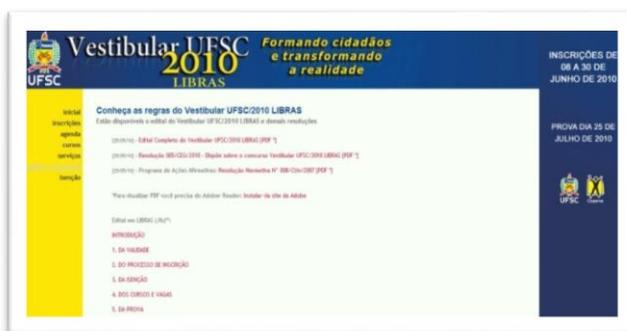


Figura 17 – O edital de Vestibular 2010 – UFSC.



Figura 18 – O edital de ProLibras 2012 – INES.



Figura 19 – O edital de Vestibular 2013 – UFG.

Nessa pesquisa são apresentadas imagens capturadas em frames dos vídeos com ilustrações de alguns recortes das sinalizações dos tradutores-atores (TAs). Essas imagens são usadas explicitamente nessa dissertação para que seja possível observar de forma clara os indicadores de formalidade identificados, bem como porque pesquisas como essa que envolvem línguas de sinais em seu escopo (línguas visuais), naturalmente, precisam fazer uso de ferramentas e estratégias que contemplem meios visuais de ilustração e demonstração de dados e fontes de extração. Outra questão importante de se considerar com relação aos recortes obtidos dos vídeos selecionados diz respeito às imagens dos tradutores-atores usadas nesse trabalho. Esses sujeitos não tiveram seus rostos distorcidos para possível preservação de suas imagens, uma vez que essas estão vinculadas aos editais, entendido como documento público disponibilizado em rede de livre acesso, que

também estão, por sua vez, sob a responsabilidade da respectiva instituição. Para efeitos de resguardo, cabe compartilhar o que Gomes aponta: “sua notoriedade, o cargo que desempenha, a exigência de política ou de justiça, finalidades científicas, didáticas ou culturais, ou quando a reprodução da imagem vier enquadrada na de lugares públicos ou de fatos de interesse público, ou que em público haja decorrido.” (GOMES, 1996, p. 156). Em função de os vídeos selecionados se enquadrarem na categoria de documentos de caráter público, portanto, não foram exigidos e necessários encaminhamentos de termos de consentimento a respeito do uso e/ou direitos de imagens.

3.3. Ferramentas de Suporte de Pesquisa

Para o tratamento dos dados foram realizadas observações sistemáticas dos vídeos e posterior análise dos indicadores quantificados. Como ferramentas de apoio metodológico, foram usados alguns suportes (*softwares*), a saber:

- I. *ELAN (EUDICO Language Annotator:)* O ELAN, já bastante conhecido entre os pesquisadores na área das línguas de sinais, foi nesse trabalho a principal ferramenta de suporte empregada. Esse *software* foi desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística (Max Planck Institute for Psycholinguistics). De acordo com McCleary *et. al.* (2010, p. 276) as características e vantagens de utilização dessa ferramenta são: i) ser um *software* especificamente desenvolvido para descrição e análise linguísticas multimodais; ii) ser uma ferramenta amplamente utilizada por pesquisadores de línguas de sinais; iii) estar disponível gratuitamente para uso; iv) ser compatível com microcomputadores de quaisquer marca; v) possibilitar o uso de arquivos de vídeo e áudio ao mesmo tempo, o que é importante para transcrição e análise de interação bimodal surdo-ouvinte, bem como para os estudos da gestualidade das línguas. Abaixo, é possível visualizar uma figura que ilustra um dos layouts da ferramenta:



Figura 20 – A imagem capturada do programa *ELAN*.

Vale considerar que o *ELAN* apresenta-se como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento das pesquisas linguísticas das línguas de sinais, sobretudo das que possuem em seu corpus de análise material audiovisual. A ferramenta implica em transcrições. McCleary aponta que “a transcrição exige do pesquisador uma observação minuciosa e contínua dos dados ‘crus’, disciplinando o trabalho de análise de tal maneira que o pesquisador passa progressivamente a enxergar aspectos linguísticos que até então lhe passavam despercebidos” (2010, p. 266). Esse *software* possui recursos perfeitamente adequados e essenciais para o labor dessa investigação, uma vez que permite automaticamente o acesso aos dados quantitativos das ocorrências de indicadores de formalidade identificados nos vídeos.

Além do *ELAN* outras ferramentas também foram usadas como suporte na construção e extração dos dados nessa investigação:

II. Programa de edição de imagem e vídeo – *Corel VideoStudio Pro X5*, *Corel PaintShop Photo Pro X3* e *FreeStudio / Free Vídeo to JPG*. Sobre esses editores observam-se as seguintes descrições técnicas resumidas:

- a) *Corel VideoStudio Pro X5* é um programa de edição audiovisual possível de ser usado para ferramentas de corte, fusão, união de recortes de vídeo. Nesse caso, os editais selecionados foram editados de modo que pudessem ser analisados detalhadamente a partir do uso dessas ferramentas de edição.
- b) *Corel PaintShop Photo Pro X3* é um programa de edição de imagens que contempla ações de corte, fusão e união de imagens capturadas, bem como imagens ilustrativas

empregadas nessa dissertação como exemplos. O uso desse suporte é retomado na subseção Espaço de Sinalização nesse capítulo.

- c) *FreeStudio / Free Vídeo to JPG* é um programa de conversão de vídeo para imagem. Esse programa foi necessário uma vez que os vídeos precisaram ser ilustrados em frames e, portanto, os recortes foram convertidos em imagens sequenciais. Essas imagens ilustradas frame a frame auxiliaram na visualização de alguns exemplos apresentados nesse trabalho e foram elaboradas em uma ilustração linear e sequencial dos sinais.

3.4. Modelo de Análise de Koch & Oesterreicher

Esta pesquisa adota dois modelos de análise: i) a proposta de Koch & Oesterreicher³⁶ cuja função, como já vista, é a de identificação do grau de proximidade e distanciamento de qualquer ato comunicativo, uma vez que é possível a partir desse modelo a identificação dos indicadores de formalidade nos editais sinalizados pelos TAs e ii) a classificação elaborada pelo pesquisador dos aspectos de formalidade das línguas de sinais com base nas referências compartilhadas pelos vários autores apresentados que abordam sobre o tema. Esses aspectos também são chamados nessa pesquisa de elementos de formalidade presente nas sinalizações, são eles: *Espaço de Sinalização* (ES); *Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento* (MDFE); *Velocidade de Sinalização* (VS); *Soletrações Manuais* (SM); *Velocidade de Soletrações Manuais* (VSM), *Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante* (SOMND) *Expressões Faciais* (EF); *Movimentos Corporais* (MC), *Classificadores* (CL) e *Parâmetros Totalmente Articulados* (PTA).

Com relação ao primeiro modelo de análise, a proposta de Koch & Oesterreicher (1985 e 1994) é possível considerar que se trata de um modelo bastante adequado e eficaz uma vez que possibilita uma apresentação clara dos níveis de proximidade e distanciamento em qualquer evento do discurso sendo o nível maior de distanciamento ligado ao modo mais formal e o nível maior de proximidade ao modo mais informal.

A justificativa da escolha desse modelo proposto por Koch & Oesterreicher (1985 e 1994), cabe ressaltar, deve-se também aos

³⁶ Koch & Oesterreicher (1985 e 1994) - modelo traduzido e recitado por Weininger e Shield (2004).

resultados efetivos encontrados em outros experimentos desenvolvidos por Silva, Oliveira e Weininger (2011)³⁷ e por Silva, Leite e Weininger (2011)³⁸ onde esse mesmo modelo foi aplicado. No primeiro experimento o material investigativo contemplou textos monológicos sinalizados (edital) – assim como a presente investigação –, já no segundo os textos observados também foram monológicos e sinalizados, porém o tipo textual pautou-se num gênero discursivo de divulgação de eventos. Em ambos os experimentos realizados, pôde-se observar um consenso por parte dos avaliadores que estipularam valores de formalidade para os vídeos observados. Essa padronização encontrada nos resultados influenciou, portanto, para que o modelo fosse empregado nessa investigação, uma vez que os resultados obtidos nos outros trabalhos realizados com esse mesmo modelo aplicado estiveram em conformidade, além de terem sido esclarecedores e confiáveis.

Retomando as considerações de Weininger e Shield (2004) é importante considerar que as categorias estipuladas no modelo de Koch & Oesterreicher (1985 e 1994), quando isoladas, não permitem indicar se o ato comunicativo é mais próximo ao polo de distanciamento ou ao de proximidade. Somente através da avaliação de todos os fatores da lista proposta pelos autores (lista já apresentada no capítulo de *Revisão de Literatura*) é possível indicar o grau de formalidade ou informalidade sendo, no modelo, estipulado a gradação entre o valor de 00, ou seja, grau máximo de proximidade e 10, isto é, grau máximo de distanciamento. O modelo permite um posicionamento da linguagem em algum ponto específico do contínuo que apresenta de modo que esse contínuo se finda em dois polos limites: polo máximo de proximidade e polo máximo de distanciamento.

Abaixo o seguinte exemplo de tabela a ser preenchida é apresentado e está baseada no modelo de Koch & Oesterreicher (1985 e 1994):

	Categoria	Participante Analisado				
		TA-1	TA-2	TA-3	TA-4	TA-5
A.	Distância / Proximidade Local					

³⁷ Pesquisa apresentada no 18º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada – InPLA, em São Paulo/SP.

³⁸ Pesquisa apresentada no Simpósio Internacional Linguagens e Culturas – Homenagem aos 40 anos dos programas de Pós-Graduação em Linguística, Literatura e Inglês da UFSC em Florianópolis/SC.

B.	Distância / Proximidade Temporal					
C.	Distância / Proximidade Cultural					
...						

Tabela 3 – O exemplo da tabela do modelo de K&O que a pesquisa usará.

Para fins de observação do conjunto total dos aspectos elencados na lista e a média dos resultados dos valores estabelecidos de acordo com cada tradutor-ator a seguinte tabela foi elaborada:

	TA-1	TA-2	TA-3	TA-4	TA-5
Resultado - Média Final					

Tabela 4 – O exemplo da tabela de resultado médio de todos os valores por TA que a pesquisa usará.

As respectivas médias finais encontradas e ilustradas nas tabelas foram empregadas como base para as discussões e diálogos tecidos sobre os indicadores de formalidade presentes nas sinalizações dos editais selecionados, bem como para análise do grau de distanciamento e/ou proximidade do uso da língua nos textos monológicos investigados.

Como mencionado, além da proposta de Koch & Oesterreicher (1985 e 1994) aplicada nessa investigação, outro modelo de análise foi empregado. Esse modelo, como mencionado, foi elaborado pelo autor desse trabalho com base em aspectos (também chamado de elementos) linguísticos e extralinguísticos das línguas de sinais que contenham indícios de formalidade. A escolha desses aspectos para classificação e elaboração do modelo foi embasada nas considerações tecidas pelos autores usados como base teórica nessa pesquisa. A classificação desses elementos e suas respectivas descrições abaixo são apresentadas.

3.5. Classificação e Descrição dos Aspectos de Formalidade

3.5.1. Espaço de Sinalização (ES)

O aspecto de ES foi empregado para análise nessa pesquisa sendo ordenado em duas partes: i) a primeira parte serviu para identificar o tamanho do corpo do tradutor-ator exposto no vídeo usando uma figura que será denominada aqui como *corpo-modelo*; ii) a outra parte serviu para quantificar o número de maior ocorrência do uso do ES por parte dos tradutores-atores, sendo que a estratégia empregada para

essa quantificação pautou-se numa marcação (quadro vermelho) compreendendo o espaço superior e inferior e a lateralidade da esquerda e direita. Essa marcação foi usada para identificar o ES restringido pelo TA.

As imagens capturadas dos espaços empregados pelos tradutores-atores foram ilustradas a partir do quadro delineado representando a dimensão dos limites de uso desses espaços. Esse mesmo quadro serviu de suporte para um comparativo feito com a imagem do *corpo-modelo* que foi sobreposto às imagens dos sinalizantes e comparado aos diferentes tamanhos de enquadramentos gerados nas sinalizações.

Abaixo segue a ilustração do *corpo-modelo* empregado com o quadro de delimitação do ES:

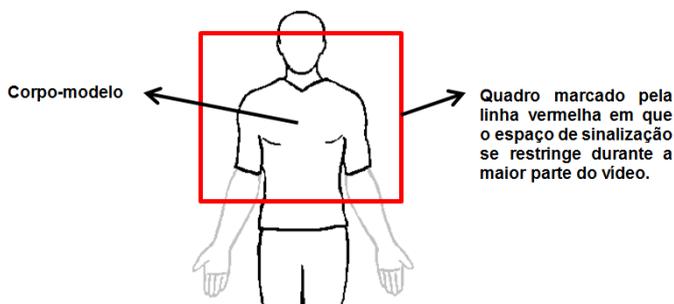


Figura 21 – O corpo-modelo e o quadro do espaço de sinalização.

Os enquadramentos dos vídeos selecionados para análise são vários e diferentes, portanto, observou-se que os corpos dos sinalizantes nesse sentido variaram quanto ao tamanho. Dessa forma, foi empregada a seguinte estratégia de observação e extração de dados: primeiramente identificou-se o quadro do ES na imagem capturada e, logo, aplicou-se essa imagem em sobreposição ao quadro vermelho identificado no *corpo-modelo* tentando-se manter a equivalência de tamanho e correspondência de mesma posição de ombros dos corpos dos tradutores-atores. Por último, o mesmo quadro de ilustração do ES foi copiado e colado na outra imagem. Essa estratégia metodológica desenvolvida visando uma padronização de extração dos dados referentes ao aspecto de ES pode ser vista detalhadamente na figura ilustrativa abaixo:

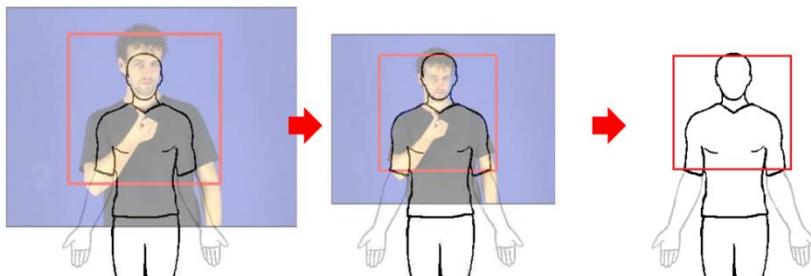


Figura 22 – Os passos da aplicação do ES ao corpo-modelo.

Os resultados encontrados a partir desse aspecto observado foram dialogados com os apontamentos teóricos compartilhados de modo que foi possível estabelecer uma quantificação de uso dos ES empregados pelos tradutores-atores e estabelecer uma classificação de uso mais expansivo (maior) e menos expansivo (menor) do espaço na sinalização.

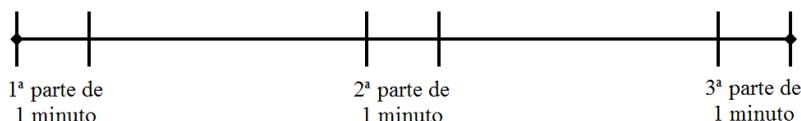
3.5.2. Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE)

Utilizou-se o *software* ELAN – descrito anteriormente – para identificar e quantificar o número de ocorrências de MDFE ocorridas nas sinalizações dos TAs. Empregou-se uma tabela de apresentação no intuito de mostrar as direções de mão que ultrapassaram o enquadramento das câmeras dos vídeos dos editais. Cabe esclarecer que as ocorrências foram quantificadas somente nos casos em que a mão dominante ultrapassou o enquadramento do vídeo. Foram empregadas ainda tabelas com os resultados da contagem de ocorrências desse aspecto, bem como o valor em porcentagem do tempo em que esses aspectos ocorreram num comparativo com o tempo total do recorte do vídeo. Os resultados referentes ao aspecto de MDFE também foram dialogados e embasados nas referências trazidas nesse trabalho.

3.5.3. Velocidade de Sinalização (VS)

Com relação ao aspecto de VS pode-se destacar que a metodologia usada foi baseada numa análise de variação da velocidade de sinalização empregada pelos tradutores-atores. Nesse aspecto, os recortes dos vídeos selecionados foram desmembrados em três partes para melhor serem analisados: uma parte inicial, uma segunda parte

intermediária e uma terceira parte final. Observa-se na figura abaixo uma ilustração que exemplifica esse desmembramento do vídeo:



O critério de desmembramento em três partes se justifica pela preocupação do pesquisador em melhorar a visualização do material investigativo de modo que três partes distintas possam contemplar e significar um todo do vídeo. Buscou-se ainda um equilíbrio, ou melhor, uma estimativa variável de início, meio e fim das filmagens de modo que as análises pudessem contemplar três momentos de fluxo e sequência de sinalização, sem necessariamente concentrar os recortes só no começo, só no meio ou só no fim da filmagem.

Cada parte do vídeo foi recortada de modo que fosse constituída pela duração de 1 minuto de sinalização, além disso, cabe destacar que só são considerados os sinais efetivamente produzidos, ou seja, em realização. Nesse caso, excluem-se, portanto, os efeitos de edição de vídeo (*fade-in*, *fade-out*), pausas e soletrações manuais que ocorrem durante a sinalização. Esses fatores não foram considerados na velocidade de sinalização (VS). Para fins de medir a duração do sinal correspondente em relação à sua velocidade foi estipulada a seguinte fórmula:

$$DMSP = \frac{60}{QS}$$

Legenda:

DMSP = Duração Média do Sinal por Parte

60 = Segundos do Vídeo (parte recortada)

QS = Quantidade de Sinais (durante 1 minuto)

A partir dos resultados obtidos relativos à VS empregada pelos tradutores-atores, utilizou-se ainda uma segunda fórmula no intuito de se encontrar a média total do tempo das sinalizações correspondentes às três partes dos vídeos. Assim, estabeleceu-se:

$$DMS - F = \frac{DMSP1 + DMSP2 + DMSP3}{3}$$

Legenda:

DMS – F = Duração Média do Sinal – Final

DMSP1 = Duração Média do Sinal Parte 1

DMSP2 = Duração Média do Sinal Parte 2

DMSP3 = Duração Média do Sinal Parte 3

Vale pontuar a importância do *software* ELAN na observação e quantificações desse aspecto em essencial, uma vez que esse programa permite o somatório dos dados automaticamente o que facilita o trabalho do pesquisador e otimiza o tempo de labor investigativo. Além de tabelas empregadas com a exposição dos resultados das respectivas contagens, foram usados gráficos (tipo linha) para melhor visualizar as possibilidades de equilíbrio ou variação do emprego de VS nas sinalizações dos TAs. Da mesma forma que os aspectos anteriores, os resultados referentes a VS foram dialogados com algumas referências.

3.5.4. Soletrações Manuais (SM)

Esse aspecto foi calculado a partir da quantidade de SM produzidas pelos TAs. É importante observar que a quantificação nesse caso não considerou a soletração de números (sinais numerais), apenas a soletração de termos da língua portuguesa. Na quantificação e observação desse aspecto também foi empregado o *corpo-modelo* para ilustração da área de soletração manual (SM) e o espaço mais recorrente de uso por parte dos tradutores-atores também foi observado. Foram usadas tabelas ilustrativas de apresentação da quantificação com a respectiva contagem e porcentagem do tempo de ocorrências em comparação com o tempo do vídeo. Os tradutores-atores que alcançaram a maior porcentagem e os que alcançaram a menor foram considerados e apresentados, assim como a área de SM usada com maior frequência.

3.5.5. Velocidade de Soletrações Manuais (VSM)

O aspecto de VSM, por ser um elemento complexo de verificação, implicou uma atenção especial. Assim, criou-se uma fórmula para medir o tempo de duração das respectivas soletrações manuais empregadas nos vídeos pelos sinalizantes. A fórmula usada para calcular a média foi:

$$DMAM = \frac{DSM}{QASM}$$

Legenda:

DMAM = Duração Média do Alfabeto Manual

DSM = Duração Total da Soletração Manual

QASM = Quantidade de Alfabetos (configuração) por Soletração Manual

Após o cálculo realizado, foram somadas todas as médias de duração do uso do alfabeto manual (configurações) e calculou-se, a partir disso, o resultado final. Nesse aspecto observado, o uso do ELAN foi novamente crucial, uma vez que foi possível disponibilizar de forma automática – no transcorrer das transcrições em que os dados começam a aparecer e ser oferecidos – o tempo de duração total de cada anotação. As tabelas correspondentes à esse aspecto analisado foram apresentadas contemplando à media do tempo de soletração manual e identificando os tradutores-atores que atingiram maior e menor velocidade de sinalização. Assim como nos aspectos anteriores, os resultados encontrados foram tratados de modo a embasar considerações dialogadas com as referências usadas como base nesse trabalho.

3.5.6. Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND)

Com relação ao aspecto SOMND aponta-se que esse foi calculado a partir do número de ocorrências, ou seja, a quantidade de sinais em que a mão não-dominante foi omitida na sinalização. Faz-se relevante compartilhar que nessa investigação utilizou-se como referência (de sinal com ou sem mão não-dominante) os sinais ilustrados em Capovilla e Raphael (2001)³⁹, uma vez entendendo se tratar de um dicionário amplamente usado no contexto acadêmico e na esfera dos estudos e práticas que envolvem a língua brasileira de sinais, bem como em função de ser aqui compreendido como uma ferramenta terminológica básica com uma classificação significativa de sinais ilustrados. Para apresentação dos dados, esse aspecto observado também contou com tabelas ilustrativas contemplando o somatório de ocorrências e o valor em porcentagem dessas ocorrências em relação ao tempo de vídeo gravado. Foram identificados também os tradutores-

³⁹ Usamos o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira*, de CAPOVILLA e RAPHAEL (2001).

atores que alcançaram o maior número de usos de sinais com omissão de mão não-dominante sendo os resultados dialogados com as considerações teóricas tecidas.

3.5.7. Expressões Faciais (EF)

O aspecto de EF foi calculado a partir da quantidade de ocorrências em que esse recurso foi empregado. Nesse caso, considerou-se o uso de EF exageradas, isto é, expressões mais intensas. Observam-se os seguintes exemplos nas figuras abaixo que ilustram um comparativo de EF normais e EF intensas ou exageradamente expressivas:

EF	
Expressão Facial considerada <i>normal</i>	Expressão Facial considerada <i>intensa</i>
	

Tabela 5 – Os exemplos de EF *normais* e *intensas*.

Para esse aspecto também foram apresentadas tabelas de contagem e porcentagem do tempo de ocorrência de uso das EF em relação ao tempo de vídeo. Foram identificados, assim, os tradutores-atores que empregaram mais e menos EF. Os resultados desse aspecto foram apresentados de modo que foi possível tecer algumas considerações pertinentes a respeito corroborando com as reflexões dos autores usados como referência nessa pesquisa.

3.5.8. Movimento Corporal (MC)

O aspecto correspondente ao movimento do corpo do sinalizante, isto é, o MC foi observado e quantificado a partir do número de ocorrências de movimentos corporais realizados de forma expansiva. O critério de avaliação com relação os tipos de movimentos corporais, no que se refere a movimentos menos ou mais expansivos, foi feito a partir de uma linha de corte marcada verticalmente no centro do vídeo de modo a partir a imagem do copo do sinalizante em duas partes. A quantificação pautou-se na ocorrência do movimento corporal definido pela saída da posição do pescoço da linha demarcada. Para melhor compreensão acerca dessa metodologia adotada, vale observar a ilustração abaixo:

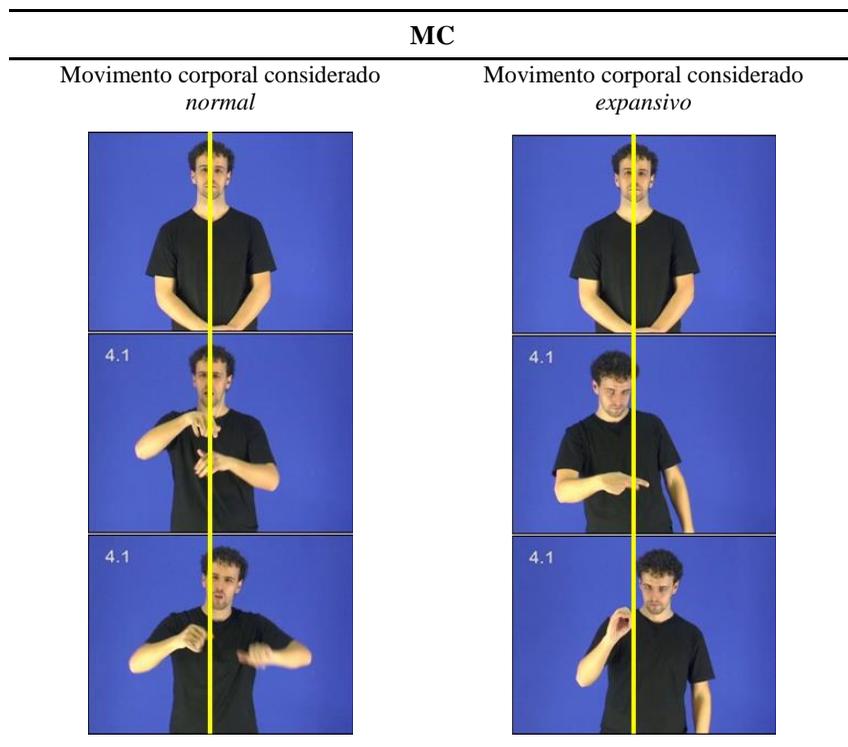


Tabela 6 – Os exemplos de MC *normais* e *expansivos*.

Nesse aspecto, seguindo a mesma metodologia adotada nos demais aspectos, as quantificações foram ilustradas em tabelas, bem

como em valores de porcentagem calculados a partir do tempo do vídeo. Também foram apresentados os tradutores-atores destaques nesse aspecto e as considerações descritas em consonância com as referências teóricas.

3.5.9. Classificadores (CL)

O aspecto relativo ao uso de Classificadores (CL) nas sinalizações dos tradutores-atores foi calculado conforme a quantidade de ocorrências produzidas pelos sinalizantes. As tabelas com a contagem e porcentagem do tempo de ocorrências em relação ao tempo do vídeo foram apresentadas e os TAs identificados quanto ao alcance de maior e menor porcentagem de uso de Classificadores. Mais uma vez os resultados encontrados foram dialogados com as considerações teóricas trazidas acerca desse aspecto.

3.5.10. Parâmetros Totalmente Articulados (PTA)

O aspecto de PTA foi calculado nas observações a partir da quantidade de ocorrências de sinais compostos sem seus parâmetros totalmente articulados. Nesse último aspecto, seguindo a metodologia dos demais mencionados até aqui, utilizou-se de tabelas ilustrativas para a apresentação dos dados quantificados, bem como para a apresentação dos valores em porcentagem em relação ao tempo do vídeo e uso de sinais com PTA. Foram também novamente identificados os TAs que atingiram a maior e a menor porcentagem de ocorrência desse aspecto em específico. Os resultados encontrados foram comparados e dialogados com os apontamentos teóricos.

Por fim, após a apresentação dos resultados de cada aspecto, coube destacar nessa dissertação os elementos que, a princípio, pareceram apresentar indicadores de formalidade. Diante disso, foi possível fazer um breve resumo dos resultados mais proeminentes desse estudo e, assim, esboçar uma proposta de classificação de sinalização na Libras entendida como formal.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Resultados a partir do Modelo de Koch & Oesterreicher

O modelo proposto por Koch e Oesterreicher (1985 e 1994) aplicados nessa investigação contribuiu para a construção de uma análise acerca do grau de proximidade e distanciamento das sinalizações observadas. Os resultados encontrados a partir dos vídeos observados são apresentados na tabela abaixo seguindo o modelo a ser preenchido exposto anteriormente, no capítulo metodológico desse trabalho.

	Categoria	Participante Analisado				
		TA-1	TA-2	TA-3	TA-4	TA-5
A.	Distância / Proximidade Local	10	10	10	10	10
B.	Distância / Proximidade Temporal	10	10	10	10	10
C.	Distância / Proximidade Cultural	05	02	05	07	08
D.	Distância / Proximidade Referencial	08	04	06	03	10
E.	Distância / Proximidade Social	08	05	07	10	10
F.	Distância / Proximidade Emocional	08	03	08	06	10
G.	Grau de Integração / Distanciamento Situacional	09	07	09	09	10
H.	Grau de Publicidade / Privacidade	10	09	09	10	10
I.	Grau Familiaridade / Estranheza entre Participantes	09	04	08	08	09
J.	Grau de Envolvimento / Distanciamento Emocional	09	03	07	08	10
K.	Grau de Cooperação / Concorrência entre Interlocutores	10	05	09	10	10
L.	Grau de Presença de Traços Monológicos / Dialógicos	10	10	10	10	10
M.	Grau de Espontaneidade / Planejamento do Discurso	08	06	08	09	10
N.	Grau de Subjetividade / Objetividade	09	07	09	09	09
O.	Grau de Fixação / Liberdade do Tema	10	06	09	10	10
P.	Grau de Formalidade / Informalidade	09	03	06	06	09
Q.	Grau de Compartilhamento de Elementos Societais	06	08	09	08	10
R.	Grau de Compartilhamento de Valores	05	02	05	08	08
S.	Grau de Validade (provisória / definitiva)	10	04	07	10	10
T.	Grau de Densidade de Informação / Redundância	08	05	06	08	08
U.	Correção Sintática / Ortográfica	10	04	06	10	09
V.	Presença / Ausência de Elementos Não-	10	08	10	08	10

Verbais						
W.	Grau de Processualidade / Reificação	09	07	09	09	09
X.	Grau de Complexidade / Simplicidade	06	05	06	06	09
Y.	Grau de Distância / Proximidade Hierárquica	09	06	09	09	09
Z.	Grau de Expressividade	08	03	06	06	09
Média do Resultado Final:		8,57	5,61	7,8	8,34	9,46

Tabela 7 – A tabela do modelo de K&O preenchido com os valores de proximidade e distanciamento.

Conforme a tabela 7, é possível perceber as variações dos aspectos empregados entre os tradutores-atores. Na primeira coluna da tabela é possível observar a listagem das categorias analisadas de A até Z que, por sua vez, estão associadas aos resultados da segunda coluna que se subdivide em cinco subcolunas, cada uma correspondente a cada tradutor-ator (TA-1, TA-2, TA-3, TA-4 e TA-5). Já no gráfico abaixo é possível observar a média final dos resultados encontrados a partir do modelo de Koch e Oesterreicher (1985 e 1994).

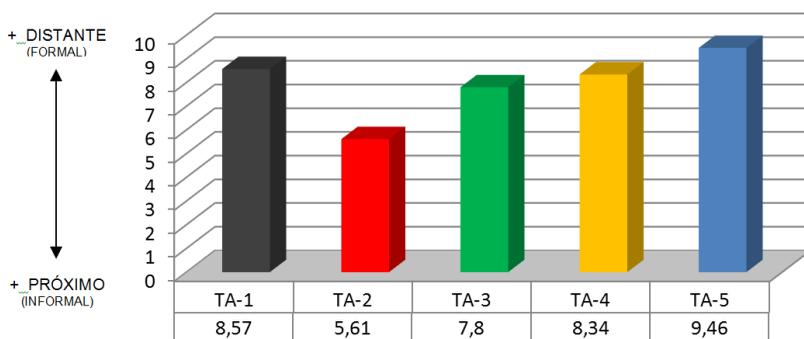


Gráfico 1 – média do resultado final conforme o modelo de K&O.

Conforme o gráfico 1, observa-se que grau de formalidade do TA-2 difere-se significativamente do grau de formalidade dos demais TAs. Os tradutores-atores TA-1, TA-3, TA-4 e TA-5 possuem, por sua vez, um valor de variação muito próximo. Destacam-se os valores de gradação do contínuo (mais e menos formal): o número 0 corresponde o grau máximo de proximidade (informalidade) e o número 10 o grau máximo de distanciamento (formalidade).

De acordo com as quantificações realizadas a partir do modelo proposto por Koch e Oesterreicher (1985 e 1994) é possível entender que o TA-5 alcançou um valor de 9,46 graus na escala, ou seja, um valor

próximo ao grau máximo de formalidade (valor 10). Entende-se que isso corresponda a um maior grau de distanciamento do sinalizante com o leitor-espectador do edital sinalizado o que, ao contrário, não acontece com o TA-2 que registrou 5,61 graus na mesma escala implicando, nesse sentido, um menor grau de distanciamento (formalidade) da sinalização.

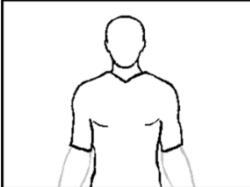
Além dos resultados encontrados a partir da proposta de Koch e Oesterreicher (1985 e 1994) e a média dos resultados acerca dos graus de proximidade e distanciamento, verificou-se resultados pertinentes no que diz respeito ao outro modelo adotado de classificação nesse estudo. O modelo elaborado pelo pesquisador contendo os diferentes aspectos (elementos) linguísticos e extralinguísticos.

4.2. Classificação dos Aspectos de Formalidade - Dados e Discussão dos Resultados

4.2.1. Espaço de Sinalização (ES)

A identificação do uso do ES foi realizada em duas etapas como já visto: a primeira envolvendo um delineamento dos corpos dos tradutores-atores de modo a comprar entre si os respectivos tamanhos corporais em relação aos enquadramentos feitos da câmera na filmagem e a outra etapa realizada para comparar os espaços de sinalizações usados com maior frequência pelos TAs.

I) Abaixo é possível visualizar uma tabela elaborada com os resultados das dimensões corporais dos tradutores-atores em relação ao enquadramento dos respectivos vídeos.

Corpo Exposto	Descrição
	<p><i>TA-1: Aproximadamente 3 cm de distância da parte inferior do tronco foram cortados e deixados de forma do enquadramento. A distância entre o limite da cabeça do TA-1 e a linha superior do enquadramento da câmera mede um valor aproximado entre 5 a 10 cm.</i></p>

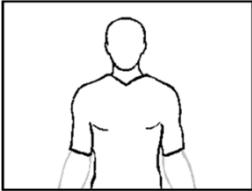
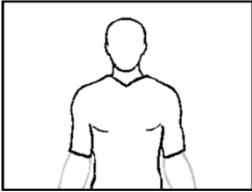
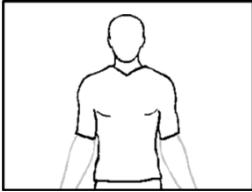
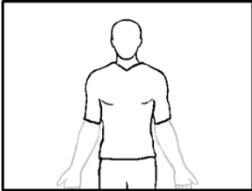
	<p>TA-2: Aproximadamente 4 cm de distância da parte inferior do tronco foram excluído do enquadramento. A distância entre o limite da cabeça do TA-2 e a linha superior do enquadramento da câmera mede um valor aproximado entre 5 a 10 cm também.</p>
	<p>TA-3: Aproximadamente 4 cm de distância da parte inferior do tronco foram deixados de fora do enquadramento. A distância entre o limite da cabeça e a linha superior do enquadramento da câmera mede um valor aproximado entre 5 a 10 cm.</p>
	<p>TA-4: O tronco todo está exposto no enquadramento do TA-4. A extremidade inferior do tronco corresponde ao limite inferior do enquadramento da câmera. A distância entre o limite da cabeça e a linha superior do enquadramento mede um valor aproximado entre 10 a 15 cm.</p>
	<p>TA-5: O tronco está todo exposto no enquadramento do TA-5 incluindo uma parte da calça do sinalizante. A distância entre o limite da cabeça e a linha superior do enquadramento mede um valor aproximado entre 15 a 20 cm.</p>

Tabela 8 – Tamanhos de corpos dos TAs expostos nos vídeos.

Nota-se que os enquadramentos dos tradutores-atores TA-4 e TA-5 possuem maior ângulo de captura de imagem em comparação aos demais sujeitos analisados. Subentende-se nesses casos que os respectivos corpos dos tradutores-atores citados tenham sido posicionados longe da câmera, ao contrário dos demais TAs que, possivelmente, foram gravados mais próximos à filmadora. Nota-se também que o enquadramento dos vídeos dos tradutores-atores TA-1, TA-4 e TA-5 são mais estendidos horizontalmente se comparado aos demais. Todos os vídeos observados possuem enquadramentos de vídeo que não correspondem às orientações de enquadramento mínimo recomendado pela VR-Libras.

II) Abaixo é possível observar nas figuras os ES utilizados pelos sujeitos. Esses aspectos são apresentados e destacados pelo quadro vermelho que indica o local de concentração de uso.

Obs.:

 = Linha vermelha: delimitação do ES usado com maior frequência pelos TAs.

II.I.) TA-1



Figura 23 – O espaço de sinalização usado pelo TA-1 durante a maior parte do vídeo.

Conforme a figura acima é possível observar que o tradutor-ator TA-1 ocupou, durante sua sinalização, um ES mais restrito não ultrapassando o enquadramento do vídeo.

II.II.) TA-2

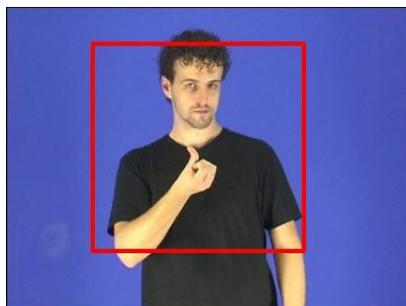


Figura 24 – O espaço de sinalização usado pelo TA-2 durante a maior parte do vídeo.

Conforme a ilustração referente ao TA-2 nota-se que nesse caso o ES ocupado foi maior do que o enquadramento do vídeo. Observa-se

ainda, de acordo com a análise desse aspecto, que o TA-2 estendeu com frequência seus movimentos de sinais para fora do limite de enquadramento o que tornou o uso do ES mais amplo.

II.III.) TA-3



Figura 25 – O espaço de sinalização usado pelo TA-3 durante a maior parte do vídeo.

Também no caso do tradutor-ator TA-3 observa-se que o sinalizante ocupou um ES maior do que o enquadramento do vídeo.

II.IV.) TA-4



Figura 26 – O espaço de sinalização usado pelo TA-4 durante a maior parte do vídeo.

Já o tradutor-ator TA-4 ocupou um ES menor do que o espaço capturado pelo enquadramento do vídeo. Nota-se, de acordo com as análises deste aspecto em especial, que foi esse mesmo tradutor-ator, o TA-4, que mais reduziu os movimentos dos sinais restringindo significativamente o uso do ES.

II.V.) TA-5



Figura 27 – O espaço de sinalização usado pelo TA-5 durante a maior parte do vídeo.

Por último, conforme é possível observar na figura acima, o TA-5 também ocupou um ES menor do que o espaço empregado para o enquadramento do vídeo.

Observam-se as variações entre os diferentes e/ou semelhantes espaços de sinalização usados com maior e menor frequência pelos tradutores-atores. Nas figuras é possível visualizar os ES ocupados por eles em relação ao *corpo-modelo*:

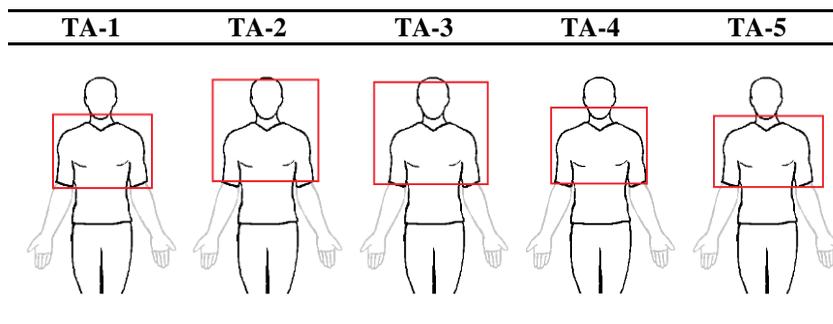


Tabela 9 – Confronto entre os espaços de sinalizações usados com frequência nos vídeos dos editais.

Na maior parte dos vídeos analisados percebeu-se o uso do ES em formato limitado a um quadrado, ou seja, restrito entre a linha horizontal – até aproximadamente 03 cm de distância – e a posição dos antebraços em linha vertical (de cima para baixo) até o começo da boca do peito e/ou começo do abdômen.

Observou-se que a maioria dos TAs restringiu significativamente o espaço de sinalização. O resultado desta categoria

corresponde, assim, à base de afirmações de alguns autores sobre a restrição de espaço de sinalização imposta pelo ambiente de estúdio⁴⁰.

4.2.2. Mão(s) e Dedo(s) Fora do Enquadramento (MDFE)

Como foi considerado na subseção específica do capítulo de *Revisão de Literatura*, sugere-se que a produção de vídeos em Libras siga algumas normatizações, como no caso as do VR-Libras e *Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* em que, ambas recomendam evitar ultrapassar a mão e/ou o braço do enquadramento do vídeo. Sabe-se, entretanto, que esse controle parece ser um tanto quanto complexo, pois como o enquadramento no vídeo costuma ser restrito, o sinalizante pode sofrer influências e, portanto, ter suas mãos e/ou dedos ultrapassadas do enquadramento. Porém, caso o sinalizante possua prática e/ou experiência de uma sinalização mais restrita e de controle e exploração não tão expansiva do espaço de sinalização, naturalmente, poderá construir sua sinalização de acordo com qualquer enquadramento estipulado implicando aí um nível de organização desse espaço, mais adequado e formal. Além disso, cabe pontuar que o sinalizante pode contar com possíveis ferramentas de suporte e apoio mantendo um controle espacial, uma vez que esses suportes podem auxiliar e fazê-lo evitar com que suas mãos e/ou dedos ultrapassem o enquadramento. Esses suportes de apoio podem ser inúmeros, por exemplo, a própria presença de um monitor próximo ao chão – diante do tradutor-ator para lhe mostrar como usar o espaço de sinalização.

Nos resultados encontrados, observa-se que a maioria dos TAs cometeu ocorrências de MDFE, contudo, esses resultados apresentam variações. A seguinte tabela ilustra a classificação de uso entre os tradutores-atores nesse aspecto:

Tradutor-Ator	Mãos Fora do Enquadramento	Mãos e Palmas Fora do Enquadramento	Dedos Fora do Enquadramento	Ocorrências Duração Total
TA-1	05	-	05	1,6 seg.
TA-2	20	07	13	6,2 seg.
TA-3	14	07	07	4,6 seg.
TA-4	-	-	-	-
TA-5	01	-	01	0,4 seg.

Tabela 10 – Quantidade de mão e/ou dedo(s) fora de enquadramento.

⁴⁰ Ver na subseção específica do capítulo de *Revisão de Literatura*.

Conforme a tabela 10, é possível verificar que o TA-1 e o TA-5 só ultrapassaram o(s) dedo(s) do enquadramento, enquanto que o TA-3 e, especialmente o TA-2, ultrapassaram mais significativamente o enquadramento, incluindo a mão e os dedos. O gráfico abaixo é apresentado para ilustrar o valor de porcentagem relativo ao tempo de ocorrências de MDFE em relação ao tempo dos vídeos:

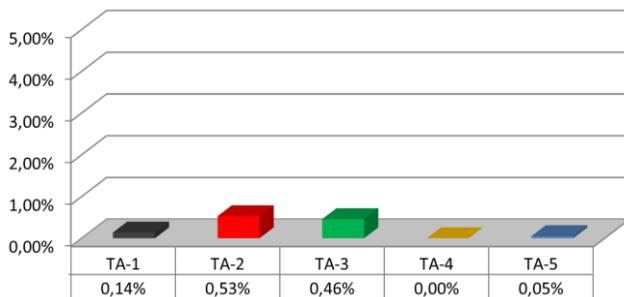


Gráfico 2 – Valor de % do tempo de ocorrências de MDEF em relação ao tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 2, a maioria dos TAs possui ocorrências de MDFE, mas observa-se, no entanto, que cada TA atingiu um total menor (0,6%) de tempo de ocorrência em relação ao tempo do respectivo vídeo com a sinalização gravada. É possível perceber que a porcentagem de ocorrências de MDFE alcançada por cada TA é baixa nos vídeos dos editais analisados. Numa futura pesquisa, seria interessante usar esses dados para comparar com os dados da mesma categoria coletados a partir de situações consideradas mais informais.

É importante considerar que, se os vídeos fossem assistidos normalmente, ou seja, sem um programa de apoio para visualização mais pausada e detalhada, não seria possível identificar essas ocorrências. Nesse sentido, o *software* ELAN foi uma ferramenta muito eficaz para identificar minuciosamente essas ocorrências.

Abaixo são apresentados os direcionamentos de mão(s) e dedo(s) dos tradutores-atores que ultrapassaram o enquadramento:

Direcionamento	TA-1	TA-2	TA-3	TA-5
↑	-	 55% (11 ocorrências)	 14% (02 ocorrências)	 100% (01 ocorrência)
→	-	-	-	-
↓	 100% (05 ocorrências)	 5% (01 ocorrência)	 79% (11 ocorrências)	-
←	-	 40% (08 ocorrências)	 7% (01 ocorrência)	-

Tabela 11 – Direcionamentos de Mão(s) e/ou Dedo(s) fora do Enquadramento.

Conforme a tabela 11, partindo da visualização das imagens capturadas no momento de ocorrência das MDFE, é possível observar que não há ocorrências desse aspecto nos vídeos das sinalizações do tradutor-ator TA-4, uma vez que sua sinalização foi restrita e restringiu-se dentro do enquadramento durante todo o tempo de gravação do vídeo. De acordo com os dados de análise desta categoria, é interessante perceber que não existem ocorrências relativas ao direcionamento de MDFE para a lateralidade esquerda.

A comparação entre os ES empregados em seus limites e concentração de usos pode ser visualizada a partir das ilustrações que seguem abaixo:

Obs.:

 = Quadro com linhas que marcam o espaço onde a sinalização do TA se concentrou e restringiu-se.

a) TA-1

Figura 28 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-1.

Conforme a figura 28, observa-se que o tradutor-ator TA-1 ocupou um espaço de sinalização menor do que o enquadramento do vídeo e que possuiu apenas um único direcionamento de MDFE (para baixo).

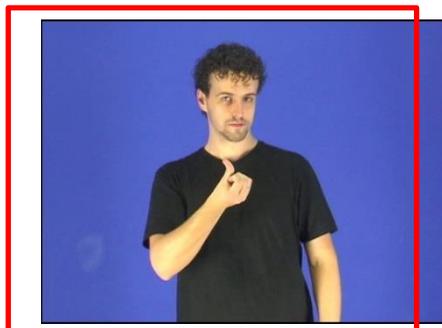
b) TA-2

Figura 29 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-2.

Conforme a figura 29, nota-se que na sinalização do TA-2 ocorreram três diferentes direcionamentos de MDFE, tornando o espaço de sinalização maior do que o enquadramento do vídeo. Percebe-se, de acordo com a análise desta categoria, que o TA-2 estendeu com frequência os movimentos dos sinais realizados, o que tornou o espaço de sinalização mais amplo do que dos outros TAs.

c) TA-3



Figura 30 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-3.

Conforme aponta a figura 30, nota-se que na sinalização do TA-3 ocorreram três diferentes direcionamentos de MDFE, tornando também nesse caso o espaço de sinalização maior do que o enquadramento do vídeo.

d) TA-4



Figura 31 – O espaço máximo de sinalização ocupado pelo TA-4.

Conforme a figura 31, é possível verificar que a sinalização do TA-4 ocupou o espaço de sinalização menor do que o enquadramento do vídeo. De acordo com a análise desse aspecto, o TA-4 foi o tradutor-ator que mais reduziu os movimentos na sinalização, portanto, houve uma diminuição significativa do espaço de sinalização.

e) TA-5



Figura 32 – O espaço máximo de sinalização empregado pelo TA-5.

Conforme a figura 32, é possível observar que a sinalização do TA-5 ocupou o espaço de sinalização menor do que o enquadramento do vídeo e que o aspecto de MDFE aconteceu apenas em um direcionamento, para cima.

Considera-se diante esses apontamentos com relação ao enquadramento restrito em relação ao tamanho do corpo dos TAs que as ocorrências de MDFE implicaram o uso de um espaço de sinalização mais amplo. Nesse sentido, um enquadramento que contemple esse espaço mais estendido pode fazer com que o corpo do sinalizante no vídeo acabe ficando menor, uma vez que ele estará focalizado dentro de um ângulo mais distante da câmera filmadora. Vale considerar que, dependendo do distanciamento do tradutor-ator na imagem do vídeo gravado, prejuízos com relação à leitura e visualização por parte do leitor-espectador (tais como desconforto de leitura, ruídos visuais, etc.) podem ocorrer. Nesse sentido é compreende a importância de um trabalho em conjunto desenvolvido por profissionais envolvendo tradutores-atores, equipe técnica em geral (cinegráfiata, editor, etc.), revisores e consultores sinalizantes. Há que se considerar que inúmeros fatores estão implicados na produção de um vídeo que envolve a gravação de uma sinalização, uma vez que o vídeo sendo um recurso de registro audiovisual carrega consigo elementos semióticos que geralmente estarão associados aos signos verbais visuais produzidos a partir da língua de sinais, por sua vez também visual. Os campos de estudo que compartilham saberes sobre a linguagem audiovisual, cinematográfica e semiótica, começam gradativamente serem visitados e transitados pelos pesquisadores dos estudos envolvendo línguas sinalizadas, uma vez que o vídeo enquanto registro da língua de sinais engloba necessariamente todos esses aspectos sobre a visualidade de

ferramentas em interface com a visualidade da língua. Nesse trabalho essas questões não serão aprofundadas, embora se trate de um tema urgente a ser discutido e necessário dentro dos estudos das línguas de sinais que, pode contribuir para futuros desdobramentos de investigação.

4.2.3. Velocidade de Sinalização (VS)

Como foi compartilhado no capítulo da *Revisão de Literatura*, a VS pode ser entendida como uma das diferenças mais significativas entre o uso da língua em nível de registro formal e de registro informal. Abaixo, os resultados com relação a esse aspecto observado nas análises são apresentados. A seguinte tabela explicita o número de ocorrências de sinais (quantidade de sinais) produzidos por minuto.

Quantidade de Sinais Produzidos / 01 minuto				
Tradutores-Atores	1ª parte	2ª parte	3ª parte	Média
TA-1	78	80	76	78
TA-2	89	99	102	96
TA-3	82	77	94	84
TA-4	65	60	72	65
TA-5	67	69	68	68

Tabela 12 – Quantidade de sinais por 01 minuto.

Conforme é possível observar na tabela acima, o TA-2 registrou a maior ocorrência de uso de sinais por minuto de sinalização (do respectivo recorte do vídeo), isso significa que o tradutor-ator realizou a sinalização com maior grau de velocidade dentre os demais TAs. Já o TA-4 foi o sinalizante que produziu a língua em menor velocidade, sendo a velocidade dos seus sinais realizados menor que a velocidade dos demais tradutores-atores. Na tabela seguinte é apresentada a duração média de cada sinal realizado por cada tradutor-ator conforme o recorte (parte) do vídeo selecionado:

Média Individual de Duração do Sinal (por parte de vídeo)				
Tradutores-Atores	1ª parte	2ª parte	3ª parte	Média Final
TA-1	0,76 seg.	0,75 seg.	0,78 seg.	0,76 seg.
TA-2	0,67 seg.	0,6 seg.	0,58 seg.	0,62 seg.

TA-3	0,73 seg.	0,77 seg.	0,63 seg.	0,71 seg.
TA-4	0,92 seg.	1 seg.	0,83 seg.	0,91 seg.
TA-5	0,89 seg.	0,86 seg.	0,88 seg.	0,8 seg.
Média Geral de Duração do Sinal:				0,76 seg.

Tabela 13 – Média de duração do sinal (por parte de vídeo / 01 minuto).

Na tabela abaixo é possível visualizar um comparativo entre as médias de duração de produção dos sinais usados pelos tradutores-atores. Na segunda coluna da tabela (na visualização da esquerda para a direita) é possível observar quais os TAs que obtiveram a média individual inferior a média geral durações de sinal. Já na terceira coluna (na visualização também da esquerda para a direita) observa-se os TAs que obtiveram a média individual igual ou superior à média geral de duração do sinal. Assim, tem-se:

Tradutores-Atores	Inferior à Média Geral de Duração do Sinal	Igual ou Superior à Média Geral de Duração do Sinal
TA-1		✓
TA-2	✓	
TA-3	✓	
TA-4		✓
TA-5		✓

Tabela 14 – Comparativo das Médias dos TAs.

Conforme a tabela 14, é possível entender os resultados dos dados deste aspecto da seguinte forma: o TA-3, sobretudo o TA-2, apresentaram uma sinalização com maior grau de velocidade (um valor maior do que o valor da média calculada) enquanto que o TA-1, o TA-4 e o TA-5 apresentaram sinalizações com menor grau de velocidade (um valor menor do que a média calculada). Nota-se, assim, que a maioria dos TAs realizou uma sinalização razoavelmente mais lenta. O gráfico abaixo é apresentado no intuito de ilustrar de outra forma a variação dos pontos de VS atingidos pelos TAs:

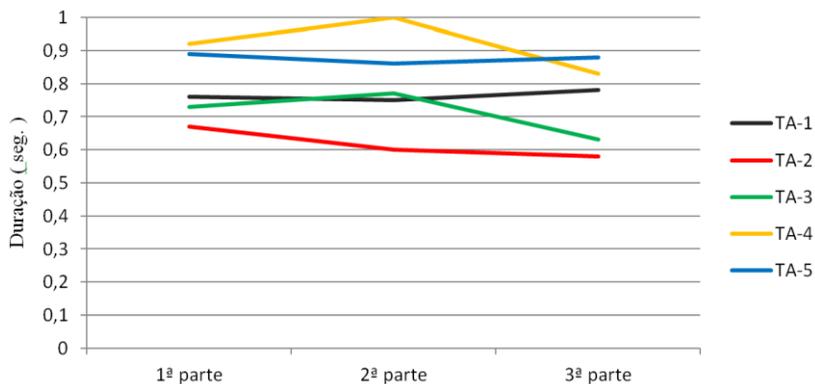


Gráfico 3 – Variação da VS entre os TAs.

Conforme é possível visualizar no gráfico 3, os tradutores-atores TA-1 e TA-5 obtiveram maior estabilidade no emprego de VS em comparação aos demais TAs. É importante pontuar que, ao assistir as sinalizações dos vídeos de forma geral, é um tanto mais difícil perceber qual a sinalização é a mais rápida ou a menos rápida independentemente da parte observada (parte inicial, parte do meio ou parte final). Nesse sentido, o uso do *software* ELAN foi significativamente importante e eficaz, uma vez que permitiu a identificação minuciosa e precisa dessas nuances de sinalização e velocidade.

Abaixo segue mais outro gráfico que ilustra a média de duração dos sinais no conjunto das três partes:

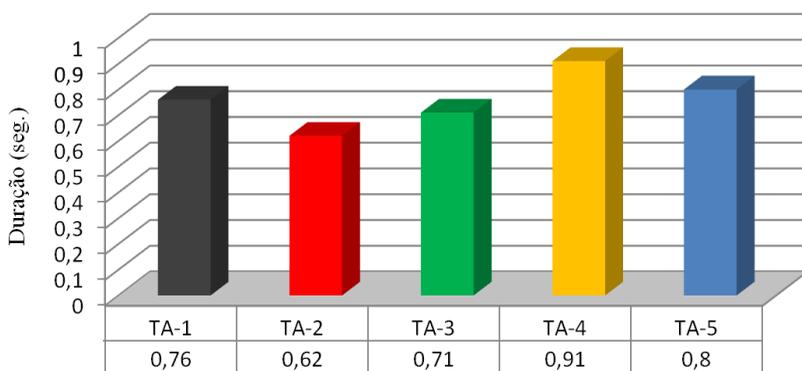


Gráfico 4 – Média de duração do sinal no conjunto das três partes.

É possível perceber acima que o TA-2 realizou a sinalização com a menor média de duração de execução dos sinais (0,62 segundos por sinal), isso implica dizer que a produção da sinalização com o maior grau de velocidade chega nesse caso a quase dois sinais realizados por segundo. Já o tradutor-ator TA-4 obteve a maior média de duração do sinal (sendo 0,9 segundos por sinal) o que se leva a considerar que trata-se do sinalizante que obteve o menor grau de velocidade de sinalização sendo cada sinal executado quase com um segundo de duração.

É importante observar que nenhum dos TAs realizou uma sinalização com grau de velocidade muito maior do que a média calculada. Alguns tradutores-atores realizaram sinalizações com um grau um tanto maior de velocidade, apenas um pouco maior do que a média calculada. Cabe pontuar que sinalizações produzidas nessa média de velocidade permitem uma leitura inteligível e uma compreensão clara do discurso por parte do leitor-espectador. Relembrando Cokely e Baker-Shenk (1980b, p. 119), “a velocidade muita lenta pode ser chata e ininteligível e a velocidade muito rápida pode não ser clara e ininteligível”.

De acordo com os dados da presente pesquisa, houve uma variação de velocidades entre os TAs e suas respectivas sinalizações analisadas e, mesmo com essa variação, cabe destacar que todas as produções foram perfeitamente compreensíveis.

De acordo com os dados referentes a esse aspecto, é interessante retomar que todos os TAs nos vídeos dos editais analisados realizaram suas respectivas sinalizações dentro de um dado tempo com duração de sinal variável entre 0,62 e 0,91 segundos. A maioria dos TAs, contudo, realizou suas sinalizações com menor grau de velocidade que o valor da média. O TA-3 e, especialmente o TA-2, por sua vez, realizaram suas sinalizações com grau maior de velocidade que o valor da média de todas as sinalizações juntas.

4.2.4. Soletrações Manuais (SM)

Foram encontradas ocorrências significativas de SM nas sinalizações. Esse aspecto corresponde aos maiores valores (de duração de ocorrências) identificados comparando com os demais aspectos. Abaixo, segue a seguinte tabela compreendendo o número e a duração de ocorrências de Soletrações Manuais:

Tradutores- Atores	Ocorrências de SM	Duração Total de Ocorrências
TA-1	68	3m06s
TA-2	61	2m21s
TA-3	44	1m11s
TA-4	61	1m45s
TA-5	56	2m56s

Tabela 15 – Número e duração de ocorrências de SM.

Conforme a tabela 15, é possível perceber que o número de ocorrências de SM é menor e menos variável do que a duração de ocorrências de SM entre os TAs. Isso indica que há uma possível variação de velocidade de SM o que será, na próxima subseção, considerado. O gráfico abaixo traz os resultados em porcentagem do tempo de ocorrências de SM em comparação com o tempo do vídeo:

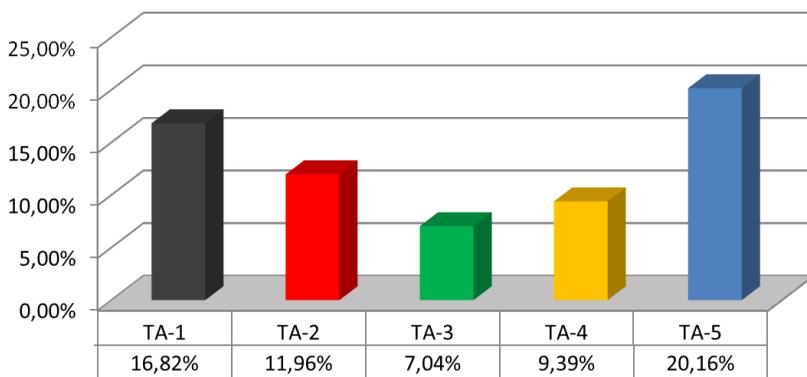


Gráfico 5 – Valor em % do tempo de ocorrências de SM em comparação ao tempo do vídeo.

É possível perceber diante da ilustração acima que os tradutores-atores TA-1 e TA-5 realizaram as SMs com maior duração de tempo. Entende-se, portanto, que eles realizaram SM com menor grau de velocidade. Para considerar mais precisamente essa observação, na próxima subseção os resultados de VSM serão retomados.

Cabe destacar que as soletrações observadas dos TAs sempre foram realizadas inteiramente, ou seja, os tradutores-atores em nenhum momento omitiram alguma configuração de mão necessária na respectiva soletração. Entende-se que seja um indício de organização e

preocupação com a clareza da sinalização por parte dos tradutores-atores, o que implica considerar indicativos de uso da língua em seu uso mais formal. Pode-se considerar que esse indicador corresponda ao item II das observações de Sutton-Spence e Woll (1998) já mencionadas acerca da datilologia empregada em sinalizações cuja explicitação de determinado termo da língua oral a partir do alfabeto manual faz-se necessária. Entende-se que em editais muitos dos termos empregados nesse tipo de texto são bastante específicos, que talvez ainda não tenha um suposto item lexical único correspondente na língua de sinais implicando aí o uso da soletração manual.

Nas figuras da tabela abaixo é possível observar as áreas de concentração de uso das Soletrações Manuais empregadas pelos tradutores-atores observados. A marcação circular em vermelho em composição à ilustração do *corpo-modelo* indica o espaço de sinalização onde as SM se concentraram:

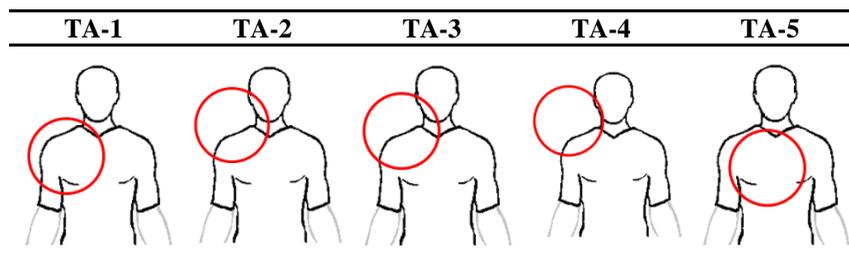


Tabela 16 – Área de concentração de SM empregadas pelos TAs.

Interessante observar que a área de SM usada com maior frequência pela maioria dos TAs corresponde à área acima do ombro direito, ao lado do rosto. Entende-se que esse resultado esteja relacionado justamente à localização de soletração manual observada por Mulrooney (2002) como apresentado no exemplo ilustrativo no capítulo de *Revisão de Literatura* já visto nessa dissertação. Entende-se ainda diante dos resultados observados que todos os TAs parecem indicar um tipo de padrão de formalidade no emprego das Soletrações Manuais, uma vez que a área de realização desse aspecto é praticamente uniforme entre todas as sinalizações dos tradutores-atores investigados nessa pesquisa. Cabe apontar, diante desses resultados, que cada TA utiliza cerca de 98% da mesma área de realização das soletrações durante suas respectivas sinalizações.

É interessante ressaltar que a porcentagem de ocorrências desse aspecto analisado é superior a dos demais aspectos categorizados para

observação nesse trabalho, isso talvez decorra da influência do próprio texto do edital originalmente produzido em português e traduzido para Libras, uma vez que pode existir aí uma influência significativa de ocorrências de termos necessários de serem soletrados no texto original.

4.2.5. Velocidade de Soletrações Manuais (VSM)

O aspecto de Velocidade de Soletrações Manuais (VSM) difere-se do aspecto supramencionado. O processo de análise empregado, contudo, se deu de forma semelhante. Abaixo é possível visualizar a tabela que apresenta a média de duração das CM das soletrações empregadas pelos tradutores-atores em suas respectivas sinalizações:

Média de Duração das CM da Soletração	
Tradutores- Atores	Média
TA-1	0,40 seg.
TA-2	0,31 seg.
TA-3	0,23 seg.
TA-4	0,30 seg.
TA-5	0,47 seg.
Média Geral de Duração das CM da SM:	0,34 seg.

Tabela 17 – Duração média das CM da SM.

Nota-se que a média mais significativa de uso das CM (alfabeto manual) nas soletrações foi a do tradutor-ator TA-5 e a média menor foi a do tradutor-ator TA-2. Em seguida, segue a tabela com o comparativo entre a média de duração das CM nas SM (alfabeto manual) por tradutor-ator e a média geral de duração das CM nas SM.

Tradutores- Atores	Inferior à Média Geral de Duração das CM nas SM	Igual ou Superior à Média Geral de Duração das CM nas SM
TA-1		✓
TA-2	✓	
TA-3	✓	
TA-4	✓	
TA-5		✓

Tabela 18 – Comparativo entre a média individual de duração das CM nas SM e a média geral.

Observa-se que a maioria dos TAs realizaram a SM com maior grau de velocidade que a média. Abaixo é apresentado o seguinte gráfico de variação das médias de duração das CM nas SM entre os TAs:

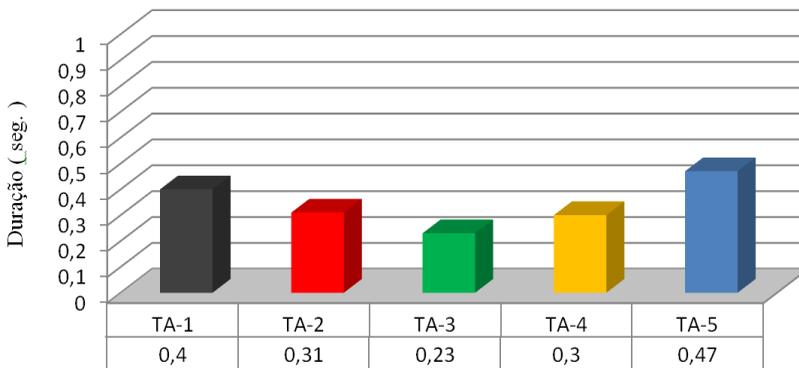


Gráfico 6 – Média de Duração das CM nas SM.

Conforme o gráfico 6, é possível perceber que o TA-1 e TA-5 realizaram SM com menor grau de velocidade, ao passo que o TA-3 realizou com maior grau. O resultado desta subseção, portanto confirma o que foi percebido também na tabela 15 e no gráfico 5 da subseção anterior.

De acordo com os dados desse aspecto é interessante observar que, na maioria dos casos, a SM realizada pela primeira vez na sinalização foi construída mais devagar, logo, a mesma soletração passou a ser sinalizada de forma um tanto mais rápida. Como Cokely e Baker-Shenk (1980b) observam, o sinalizante possui a capacidade de variar a velocidade da soletração adequando-se a cada contexto adequadamente a cada situação lembrando que em situações mais formais os usuários produzem uma sinalização mais lenta (Zimmer, 2000; Cokely e Baker-Shenk, 1980a). Como já pontuado, segundo os autores, tanto as soletrações quanto as sinalizações com alta velocidade podem tornar o discurso menos claro e ininteligível, portanto é fundamental que o sinalizante escolha a velocidade das soletrações manuais de forma adequada para que os leitores-espectadores possam compreender e perceber de forma clara e eficaz a sinalização proferida.

4.2.6. Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante (SOMND)

O resultado desse aspecto mostrou uma recorrência de sinais com omissão de mão não-dominante. A seguinte tabela apresenta o número e a duração de ocorrências:

Tradutores- Atores	Ocorrências	Duração Total de Ocorrências
TA-1	08	04,7 seg.
TA-2	01	0,5 seg.
TA-3	05	02,5 seg.
TA-4	04	04,6 seg.
TA-5	-	-

Tabela 19 – Número e duração de ocorrências de SOMND.

Conforme a tabela 19, é possível notar que o tradutor-ator TA-1 registrou quase o dobro do número de ocorrências que os demais tradutores-atores. Já o tradutor-ator TA-4 registrou maior duração de ocorrência em relação aos demais, enquanto que os tradutores-atores TA-2 e TA-3 registraram menor duração. Não houve ocorrências por parte do TA-5.

Abaixo segue a tabela com a listagem dos sinais (transcritos aqui em glosas – sistema de representação de sinais baseado em termos supostamente correspondentes da língua portuguesa) que tiveram a omissão da mão não-dominante:

Tradutores- Atores	Sinais com Omissão de Mão Não-Dominante
TA-1	02 sinais: PRECISAR; 01 sinal: ERRAR; 01 sinal: RESPONSÁVEL; 01 sinal: EXPLICAR; 01 sinal: RECLAMAR; 01sinal: PESSOA e 01 sinal: PODER.
TA-2	01 sinal: PRECISAR
TA-3	04 sinais: PRECISAR e 01 sinal: INFORMAR
TA-4	02 sinais: LIBRAS; 01 sinal: PROIBIR e 01 sinal: QUERER
TA-5	-

Tabela 20 – Sinais com omissão de mão não-dominante.

Conforme a tabela 20, percebe-se que embora a maioria dos tradutores-atores tenha realizado o sinal PRECISAR com omissão da mão não-dominante, o significado do enunciado no contexto não foi prejudicado. Apresenta-se abaixo o seguinte gráfico (do tipo *pizza*) que ilustra a porcentagem num comparativo de SOMND entre a *condição de simetria* e a *condição de dominância*:

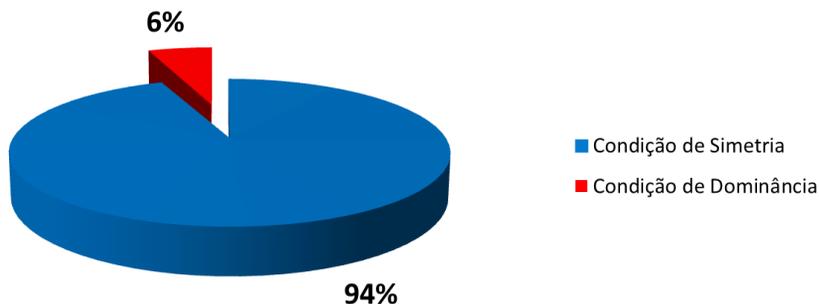


Gráfico 7 – Porcentagem no comparativo de SOMND entre: condição de simetria e dominância.

É interessante observar que a *condição de simetria* alcançou um percentual de 94% de SOMND, enquanto que a *condição de dominância* atingiu apenas 6%. Entende-se que os sinais, de *condição de simetria*, formados por ambas as mãos com mesma CM, podem estar mais propensos a omissão de uma mão (não-dominante ou mão ativa) em comparação aos demais sinais de *condição de dominância* formados por ambas as mãos com distinção de CM.

No gráfico abaixo é apresentada a porcentagem relativa ao tempo de ocorrências de SOMND em relação ao tempo de duração do recorte do vídeo:

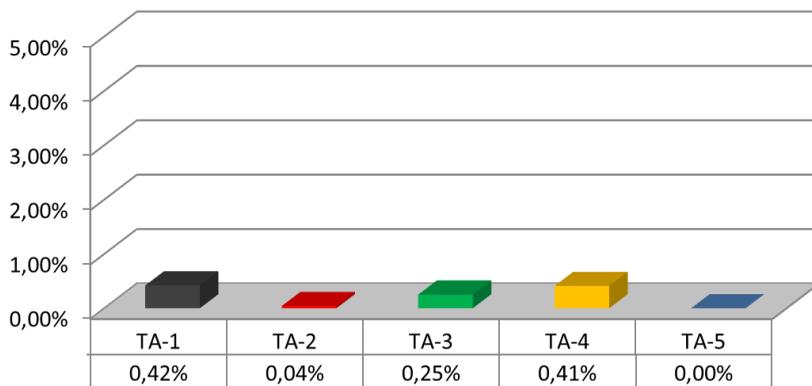


Gráfico 8 – % do tempo de ocorrências de SOMND em comparação com o tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 8, percebe-se que a porcentagem do tempo de ocorrências de SOMND por cada TA é inferior à metade de 1% em comparação ao tempo do vídeo. Cabe pontuar que o resultado desse aspecto em especial está entre as menores porcentagens encontradas em comparação aos outros aspectos já mencionados. De acordo com os dados relativos a esse aspecto, cabe destacar que foi possível identificar alguns sinais que podem ser realizados com apenas uma das mãos. Os tradutores-atores, no entanto, produziram suas sinalizações empregando ambas as mãos para apresentarem esses sinais em especial. Apenas para fins de detalhamento, os sinais que foram empregados com as duas mãos foram: JÁ; CERTO; QUE e NADA. Bem como Zimmer (2000), Liddell (2003), Baker-Shenk e Cokely (1980) observam, no registro mais formal o sinalizante tende a usar as duas mãos para que a sinalização possa ser considerada mais precisa e adequada.

Considera-se relevante apontar que o TA-3 realizou o sinal DEPOIS com uma única mão. De acordo com dicionários de referência empregados comumente em cenário nacional (os já mencionados nessa pesquisa), o sinal DEPOIS pode ser formado por uma única mão, contudo existe outro sinal para esse mesmo termo ainda muito empregado pelas comunidades surdas que é formado com a composição das duas mãos. Nesse sentido, esse sinal não foi empregado na tabela de resultados justamente por implicar questões acerca de variações linguísticas, bem como por ainda não ser possível encontrar e definir uma forma padronizada de sinalização do termo na Libras.

Considera-se que a análise desta categoria em especial merece uma atenção mais cuidadosa, justamente por envolver questões de

variações linguísticas e regionalismos. É importante levar em consideração que em alguns estados do país os usuários sinalizantes possam usar o sinal de DEPOIS com ambas as mãos, já em outros estados pode acontecer de os sinalizantes usarem o mesmo sinal com o emprego de apenas uma das mãos. Propõe-se, por isso, adotar aqui os dois dicionários de Libras mencionados, uma vez que se trata de materiais mais influentes e frequentemente empregados como referência de modo que são entendidos como suficientes para sustentar as análises tecidas sobre esse aspecto.

É importante considerar ainda que a omissão de mão-dominante pode ser muitas vezes uma questão de necessidade ou ainda pode assumir a função de ajudar a esclarecer uma possível relação entre sinais marcados no espaço de sinalização. Um exemplo que pôde ser usado para ilustrar essa consideração é o apresentado na imagem a seguir. Um dos tradutores-atores, em determinado momento da sua sinalização produziu o sinal IDENTIDADE empregando ambas as mãos – uma dominante (com dedos fechados e polegar aberto) sobre a outra, a não-dominante (mão com CM em “B” e polegar aberto). Em seguida, a mão não-dominante desse mesmo sinal permaneceu fixa no espaço pelo sinalizante sendo que a mão dominante alterou a configuração de modo a representar um novo sinal, o sinal de PRECISAR. No caso a ação PRECISAR estava relacionada com o substantivo IDENTIDADE, portanto, a mão não-dominante empregada nos dois sinais simplesmente manteve-se realizada pelo tradutor-ator no transcorrer da mudança de configuração de mão e locação da outra mão, a mão dominante. A relação entre os sinais marcados no espaço de sinalização, portanto, torna-se nesse caso, sequencial. Abaixo é possível observar o sinal PRECISAR com omissão da mão não-dominante.





Figura 33 – Imagens capturados durante o SOMND.

Conforme a figura 33, é possível notar que na sentença sinalizada pelo TA-1 – IDENTIDADE PRECISAR AUTENTICAR⁴¹ o primeiro sinal foi empregado com ambas as mãos e o segundo com a mão não-dominante omitida, embora o sentido dos sinais e sua estrutura sintática não tenham tido prejuízos semânticos.

Entende-se o sinal PRECISAR como um item lexical que pode ser incorporado com o emprego de apenas uma das mãos na sinalização, uma vez que a ausência de uma não altera o significado do termo. Vale lembrar que alguns autores, como Baker-Shenk e Cokely (1980) e Lucas e Valli (2000), observam que nos contextos mais formais as sinalizações tendem a apresentar sinais com *forma de citação*, e nos contextos menos formais, sinais com a *forma de conversação*. Vale pontuar que, conforme os dois dicionários empregados nesse trabalho como referência e anteriormente citados, o sinal PRECISAR está grafado com ambas as mãos.

De acordo com os dados desse aspecto é possível considerar que nas sinalizações analisadas há a presença de SOMND, mas é interessante perceber também que a porcentagem do tempo de ocorrências por cada TA é muito baixa, com menos de 0,5% do tempo de ocorrências em comparação ao tempo do recorte do vídeo.

4.2.7. Expressões Faciais (EF)

As expressões não-manuais, ou seja, as Expressões Faciais são recursos imprescindíveis na gramática da Libras, uma vez que são responsáveis por esclarecer o sentido das sentenças na língua (afirmar,

⁴¹ Tradução nossa para o português: “A cópia do documento do RG deve ser autenticada”.

negar, interrogar, exclamar, etc.) como foi visto no capítulo de *Revisão de Literatura* dessa dissertação.

Abaixo é possível visualizar uma tabela ilustrativa que apresenta as ocorrências de Expressões Faciais empregadas pelos tradutores-atores de forma mais expressiva, ou seja, mais intensa. É possível observar também, na mesma tabela, o total de duração em relação ao tempo do vídeo do emprego desses aspectos por parte dos sinalizantes.

Tradutores-Atores	Ocorrências de EF Intensas	Duração Total de Ocorrências
TA-1	09	19s
TA-2	27	43s
TA-3	15	23s
TA-4	14	23s
TA-5	02	01,6 seg.

Tabela 21 – Número e duração de ocorrências de EF.

Conforme a tabela 21, nota-se que todos os TAs registraram ocorrências de EF intensas, porém entre si os resultados variaram. No gráfico seguinte é possível observar a porcentagem relativa ao tempo das ocorrências do aspecto em comparação ao tempo do vídeo:

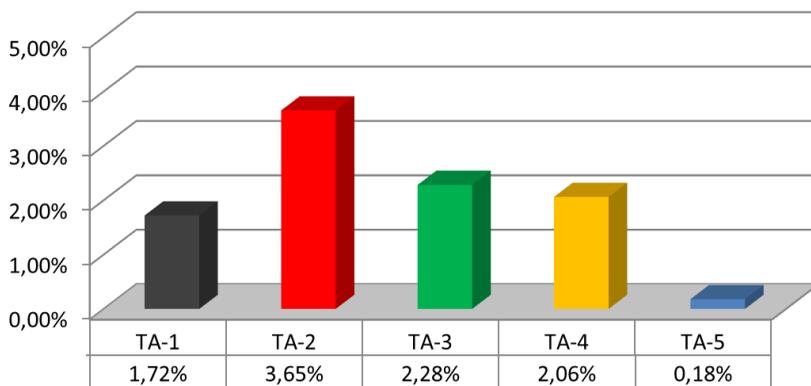


Gráfico 9 – Valor em % do tempo de ocorrências de EF em comparação ao tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 9, é interessante perceber que o TA-2 atingiu 3,65%. Esse valor percentual parece ser alto em comparação aos

demais tradutores-atores. O TA-5, por sua vez, atingiu apenas 0,18%. Já as porcentagens entre os TA-1, TA-3 e TA-4 não foram muito significativas. Vale lembrar que, segundo Quinto-Pozos e Mehta (2010), Baixauli (2001) e Ladd (2003), nos contextos mais formais não há ocorrências de expressões faciais exageradas, isto é, o nível de expressões faciais costuma ser equilibrado e estável, bem como a sinalização realizada de forma polida, diferentemente do que acontece nos contextos mais informais onde ocorre o emprego de muitas expressões faciais com variações de intensidade significativas. Essas expressões faciais exageradas, cabe lembrar, implicam em emoções facilmente demonstradas pelo emissor e pelo receptor.

Observa-se nesse contexto que os editais analisados nessa pesquisa não possuem conteúdos relativos a questões que envolvam aspectos de linguagem emotiva, portanto, parece seguir a estabilidade e o equilíbrio intencional do gênero do discurso monológico e informativo do edital, numa perspectiva de divulgação dos conteúdos de forma neutra, impessoal e séria. Bem como Leite M. Q. (1999) observa, a sensação de proximidade entre o emissor e o receptor parece tornar a informação irrelevante, por isso infere-se que as equipes de produção dos vídeos possivelmente se preocupem com a qualidade das informações presentes nos editais e nas suas respectivas traduções de modo que os leitores-espectadores percebam a relevância nos conteúdos.

De acordo com os resultados das análises dessa categoria é possível considerar por fim que a porcentagem do tempo de ocorrências de cada TA não ultrapassou de 3,65% do tempo de ocorrências em comparação ao tempo relativo aos vídeos.

4.2.8. Movimento Corporal (MC)

Ressalta-se que a análise desta categoria em especial foi mais trabalhosa devido à atenção necessariamente redobrada de identificação das ocorrências com o uso do *software* ELAN. Segue a tabela com o número e a duração de ocorrências de MC:

Tradutores-Atores	Ocorrências de MC Intensos	Duração Total de Ocorrências
TA-1	40	1m03s
TA-2	284	4m36s
TA-3	87	47s
TA-4	32	33s

TA-5	21	16s
-------------	----	-----

Tabela 22 – Número e duração de ocorrências de MC intensos.

Conforme a tabela 22, é interessante pontuar que o TA-2 registrou um número significativamente alto de ocorrências de MC em comparação aos demais tradutores-atores. Abaixo, é possível visualizar no gráfico ilustrativo a porcentagem do tempo de ocorrências de MC intensos em comparação ao tempo dos vídeos:

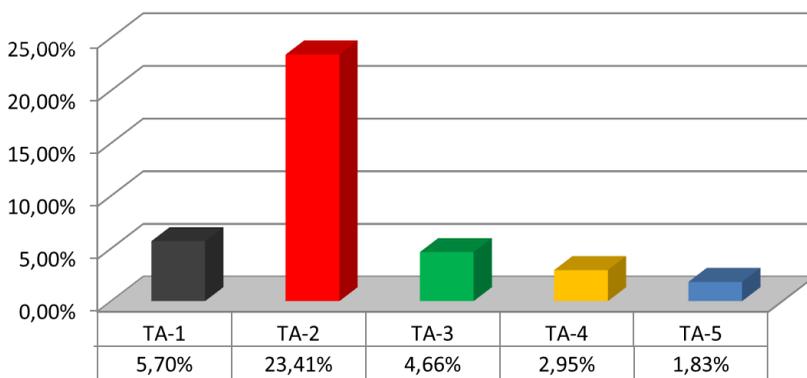


Gráfico 10 – Valor em % do tempo de ocorrências de MC intensos em comparação com o tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 10, a porcentagem referente ao tempo de ocorrências de MC gerada pelo TA-2 é superior às porcentagens dos demais TAs, ao passo que a porcentagem do tempo de ocorrências de MC realizados pelo TA-2 é quase que 13 vezes maior do que a porcentagem mínima verificada nas demais sinalizações incluindo, sobretudo, a sinalização do tradutor-ator TA-5 que foi o sinalizante que menos empregou MC. O sinalizante TA-1 alcançou um percentual um pouco além dos 5% verificados no último sinalizante, ou seja, um valor total de 5,7% de ocorrências. Nota-se que a maioria das sinalizações dos TAs atingiram menos de 5% do tempo de ocorrências de MC em comparação ao tempo dos vídeos.

Entende-se nesse contexto que o excesso de movimentos corporais pode vir a afetar a estabilização do discurso na Libras, bem como ser responsável por ampliar o espaço de sinalização, assim como ocorreu na sinalização do TA-2. De acordo com os dados do aspecto de ES, houve um indício de uso de maior espaço de sinalização e movimento corporal intenso. Esse resultado pode levar ao entendimento

de que excesso de movimento corporal pode implicar na ampliação do espaço de sinalização.

Como foi revisado no capítulo de referências teóricas desse estudo, Baixauli (2001), Zimmer (2000) e Quinto-Pozos e Mehta (2010) observam que nos contextos mais formais e, principalmente nos estúdios de gravação, é frequente a apresentação de uma menor taxa de ocorrências de movimentos corporais intensos em comparação a contextos mais informais ou em contextos sociais em que ocorrem narrativas literárias. Os resultados obtidos com relação a esse aspecto, portanto podem estar relacionados às observações dos autores referidos.

4.2.9. Classificadores (CL)

Os Classificadores são elementos significativamente presentes nas línguas de sinais, como já visto. De acordo com os dados dessa pesquisa observou-se pouca ocorrência de CL.

A tabela sobre o número e a duração de ocorrências de CL é apresentada a seguir:

Tradutores-Atores	Ocorrências de CL	Duração Total de Ocorrências
TA-1	04	05s
TA-2	05	16s
TA-3	-	-
TA-4	14	20s
TA-5	-	-

Tabela 23 – Número e duração de ocorrências de CL.

Conforme a tabela 23, é interessante pontuar que o sinalizante TA-4 registrou um número de ocorrências de classificadores (CL) três vezes maior do que os sinalizantes TA-1 e TA-2. O TA-2, por sua vez, registrou a segunda maior ocorrência de uso de CL dentre todos os demais TAs analisados. Nota-se que não há ocorrência de CL nas sinalizações do TA-3 e do TA-5.

Abaixo é apresentada a seguinte tabela com a transcrição de CL usados pelos TAs:

Tradutores- Atores	Transcrição de CL usados pelos Sinalizantes
TA-1	<ul style="list-style-type: none"> - descrição do movimento (andar) de pessoa em direção à sala; - descrição do movimento (andar) de pessoa em direção a outro lugar; - incorporação do susto da pessoa ao ser descoberta pelo fiscal após colar na prova; - incorporação da pessoa que recusa entregar a prova quando o horário de prova acaba;
TA-2	<ul style="list-style-type: none"> - incorporação da pessoa que chega atrasada e justifica seu atraso ao fiscal; - descrição da forma do objeto – caneta esferográfica; - descrição dos óculos escuros (óculos de sol); - descrição da forma do objeto – caneta esferográfica; - incorporação da pessoa que tenta corrigir sua resposta no cartão-resposta;
TA-3	Não há ocorrências.
TA-4	<ul style="list-style-type: none"> - descrição do congestionamento de veículos; - descrição da forma do objeto – cartão de identidade; - descrição da forma do objeto – cartão de identidade; - descrição da forma do objeto – cartão de identidade; - descrição das carteiras espalhadas na sala; - descrição das carteiras espalhadas na sala; - incorporação da pessoa que tenta consultar os materiais didáticos durante a prova; - descrição da forma do objeto – fone de ouvido; - descrição das cadeiras espalhadas na sala; - descrevendo as cadeiras espalhadas pela sala; - descrevendo as cadeiras espalhadas pela sala; - incorporação da pessoa que recusa entregar a prova quando o horário da prova acaba; - descrição do movimento (andar) da pessoa perturbada em direção à sala; - descrição das paredes do estúdio;
TA-5	Não há ocorrências.

Tabela 24 – Transcrições dos CL empregados.

Conforme é possível notar na tabela 24, o TA-4 houve uma repetição significativa do mesmo CL. Para melhor visualização desses dados, foi construído mais um gráfico do tipo *coluna* a fim de se

apresentarem os valores percentuais relativos ao tempo de ocorrências de CL em um comparativo ao tempo total dos vídeos analisados:

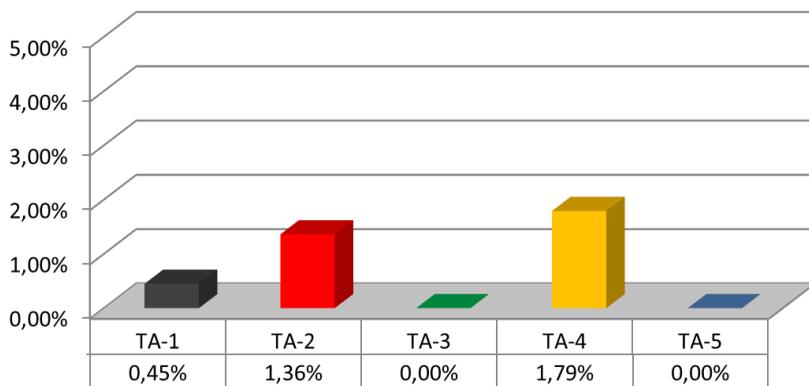


Gráfico 11 – Valor em % do tempo de ocorrências de CL em comparação ao tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 11, nota-se que os tradutores-atores (com exceção apenas do TA-3 e do TA-5) atingiram o máximo de 1,79% de tempo de ocorrências de CL. De acordo com os dados, entende-se que a porcentagem do tempo de ocorrências em cada sinalização parece ser relativamente baixa, isto é, trata-se de um resultado que não ultrapassa do percentual de 1,79% do tempo de ocorrências desse recurso. Como foi observado, percebe-se que pelo fato de os vídeos dos editais serem considerados distantes e impessoais, não há indícios significativos de implicações de uso de classificadores decorrentes de possíveis conteúdos que pudessem vir a provocar o emprego desse recurso.

Assim como já foi mencionado nesse estudo, é possível entender que o uso dos CL nas línguas de sinais esteja fortemente relacionado a sinalizações de textos de gêneros literário, isso por conta dos conteúdos ricos em personagens, ações e relações de objetos que naturalmente envolvem uma narrativa, uma poesia, um conto e demais textos literários. É possível refletir, nesse contexto, sobre a taxa de uso possível de classificadores em textos literários, bem como em contextos mais informais levando em consideração que, nessa pesquisa, o foco não foi indicadores de informalidade, mas de formalidade o que leva a entender que a inexpressividade de CL nas traduções sinalizadas de editais de fato podem ser entendidas como uma implicação do gênero textual edital que, por sua vez, não permite por conta de sua limitação

criativa e função textual a riqueza de sinais descritivos e imagéticos na sinalização.

4.2.10. Parâmetros Totalmente Articulados (PTA)

Observou-se que a maioria das sinalizações analisadas não compreende sinais sem seus parâmetros totalmente articulados. Nesse contexto, é possível detalhar esses resultados através da tabela ilustrada abaixo sobre o número e a duração de sinais sem seus PTA:

Tradutores-Atores	Ocorrências de Sinais sem PTA	Duração Total de Ocorrências
TA-1	-	-
TA-2	2	0,9 seg.
TA-3	-	-
TA-4	-	-
TA-5	-	-

Tabela 25 – Número e duração de ocorrências de PTA.

Conforme a tabela 25, nota-se que o TA-2 foi o único sinalizante dos editais analisados que não articulou totalmente os parâmetros de alguns dos sinais empregados durante a sinalização. O gráfico ilustrativo abaixo apresenta a porcentagem do tempo de ocorrências de sinais sem PTA em comparação ao tempo dos vídeos analisados:

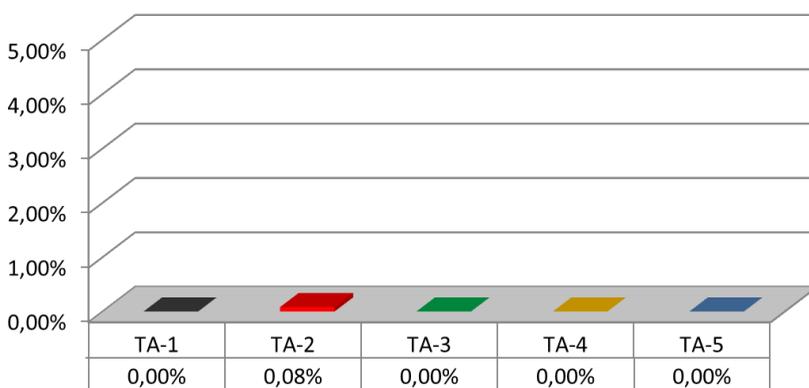


Gráfico 12 – Valor em % do tempo de ocorrências dos sinais sem PTA em comparação ao tempo do vídeo.

Conforme o gráfico 12, nota-se que 0,08% somente dos sinais sem de PTA foram registrados pelo TA-2. Com isso, é possível inferir sobre a adequação gramatical da sinalização da maioria dos sinalizantes, bem como a implicação desses dados ao entendê-los como sinalizações correspondentes ao registro formal da língua de sinais. Cabe pontuar que vários autores afirmam que nas situações mais formais exige o discurso planejado antecipadamente e com o grau máximo de reflexão – conceito definido por Camacho (1978, 2011) considerado no capítulo de *Revisão de Literatura*.

A porcentagem do tempo de sinalização adequada à gramática da língua em comparação ao tempo do vídeo é a seguir apresentada pelo gráfico:

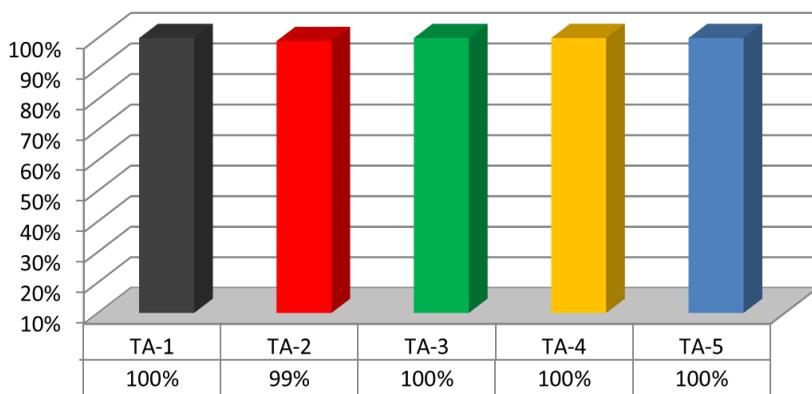


Gráfico 13 – Valor em % do tempo de sinalização adequada à gramática da língua em comparação ao tempo do vídeo.

De acordo com o gráfico acima observa-se que todos os TAs atingiram um valor que corresponde, no mínimo, a 99% do tempo de sinalização adequada à gramática em comparação ao tempo do vídeo. Entende-se que esse resultado pode ser um indício de que se trata de textos mais bem planejados. De acordo com os dados da pesquisa, cabe pontuar, por fim, que o resultado desse aspecto é relativamente baixo, isto é, não ultrapassa 0,08% do tempo de ocorrências de erros de PTA em comparação ao tempo do vídeo. Assim, entende-se ser um dado significativo nesse estudo, pois os quatro dos cinco tradutores não registraram ocorrências de erros de PTA. É possível dialogar esse resultado com as observações teóricas de vários autores, entre eles Preti (2003), Camacho (1978, 2011), Koch e Oesterreicher (1985 e 1994 *apud* Weininger e Shield, 2004), Joos (1968 *apud* ZIMMER, 2000, p. 430;

1967 *apud* BAIXAULI, 2001, p. 12-14; 1961 *apud* QUINTO-POZOS e MEHTA, 2010, p. 575), Zimmer (2000), Baixauli (2001), que observam que nas situações mais formais, os discursos acabam sendo sempre mais planejados implicando em cuidados e preparações prévias do discurso.

Entende-se, portanto, que os tradutores-atores analisados nesse estudo parecem se preocupar com a elaboração antecipada do discurso antes de fornecer as informações do edital. Infere-se que as chances de apresentação de discursos gramaticamente organizados e claros são maiores e que estão, portanto, atrelados ao registro formal da língua de sinais.

4.3. Algumas Conclusões

Para concluir esse capítulo de *Análise e Discussão dos Resultados*, procurou-se elaborar um panorama geral baseado nos resultados encontrados mais proeminentes e significativos e já discutidos até então, uma vez que é possível elaborar esse panorama como um possível modelo de sinalização pautado em indicadores de formalidade e podendo ser destinado à elaboração de vídeos de registro de sinalizações de editais posteriormente. Cabe destacar que esse panorama esteve embasado nas considerações trazidas nesse estudo e abarca vários dos autores mencionados nessa investigação que serviram como fundamentação para as análises e relações dos dados e resultados encontrados. A seguir, observa-se o quadro desse panorama com as respectivas descrições por aspecto analisado:

Aspecto	Descrição
ES	O ES caracteriza-se como uso mais restrito e limitado dentro de um determinado enquadramento que possibilita a visualização da sinalização da maior parte do vídeo. Com relação aos resultados obtidos nesse estudo, é possível observar na seguinte figura como o espaço de sinalização foi usado com maior frequência pelos tradutores-atores:

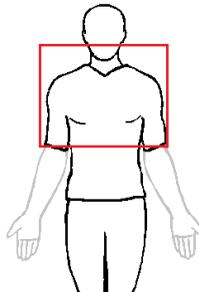


Figura 34 – ES usado com mais frequência.

Conforme a figura 34 entende-se que ES nos ambientes de estúdio pode considerado mais contido do que o espaço usado em sinalizações realizadas em ambientes que não sejam estúdios. O ES pode ser influenciado pelas características do contexto e do registro.

- MDFE** Considera-se ser um tanto complexo se evitar totalmente ocorrências de MDFE. De acordo com o resultado dessa pesquisa, como os TAs são filmados nos vídeos dos editais que foram considerados mais formais, é interessante perceber que eles registraram menos de 1% do tempo de ocorrências de MDFE em comparação ao tempo do vídeo. Se o registro fosse de mais de 5% do tempo de ocorrências de MDFE em comparação ao tempo do vídeo, poderia tornar-se então o discurso menos organizado, desconsiderando o valor de formalidade principalmente nos gêneros textuais como o edital, texto de trabalho escolar, texto científico, etc. por meio de vídeos, lembrando que esse valor de 5% é aqui tomado como percentual hipotético mencionado para fins de ilustração de reflexão.
- VS** Segundo vários autores, o cuidado de VS é muito importante nas situações mais formais, pois, a sinalização com alto índice de VS pode tornar o discurso menos claro e ininteligível. De acordo com o resultado desta pesquisa, a maioria de TAs registrou o mínimo de 0,75 segundos de duração média de cada sinal durante toda a sinalização.
- SM** Segundo os autores trazidos nessa investigação, as SM são usadas com mais frequência nas situações mais formais do que nas situações mais informais. É importante observar que não existem normas e obrigações para se usar as SM com mais frequência nas situações formais. Observa-se ainda que o uso de SM pode depender dos conteúdos do texto a ser sinalizado, bem como das situações profissionais (trabalhos acadêmicos, palestras
-

e pesquisas científicas, etc.) que são ricas de termos técnicos e científicos podendo, nesse sentido, implicar num aumento do uso de SMs, empréstimos linguísticos, entre outros, por exemplo.

VSM O cuidado com a velocidade de soletração manual é tão importante quanto o da própria VS. É crucial que o sinalizante escolha uma velocidade de SM adequada para que os leitores-espectadores possam compreender e perceber bem a sinalização a ser lida-assistida. Vale lembrar que a situação mais formal tem maior preocupação com o discurso planejado e claro no desígnio de permitir ao público compreensão e boa percepção visual do texto e a cadência controlada da sinalização da soletração manual. De acordo com os resultados desse aspecto, a maioria dos TAs registrou o mínimo de 0,31 segundos como média de duração de cada alfabeto manual empregado na sinalização.

SOMND Os SOMND podem ser estratégicos, justamente, para permitir relacionar os sinais marcados no espaço de sinalização. Há cuidados, porém, que devem ser tomados a fim de evitar ambiguidade; isso porque muitos sinais com omissão de mão não-dominante podem tornar-se confusos e/ou ambíguos. É importante observar que, segundo alguns autores, nas situações mais formais o sinalizante tende a usar ambas as mãos para demonstrar a sinalização firme o que foi percebido nos resultados dessa categoria.

EF As expressões faciais são recursos imprescindíveis em qualquer discurso sinalizado, mas é importante observar que nas situações mais formais demonstra certo padrão de entonação, isto é, o sinalizante usa as expressões faciais de forma mais contida e equilibrada, adequada gramaticalmente. Segundo vários autores revisados nesse estudo, há maior taxa de ocorrências de EF intensas e alteradas nas situações menos formais.

MC O movimento do corpo deve ser levado em consideração e repensado para que possa ser empregado adequadamente na situação formal. Assim como vários autores observam, nas situações mais formais exigem certas posturas de discurso. A postura pode ser responsável por demonstrar o valor do discurso. Caso não haja postura, o discurso poderia se tornar irrelevante e ser prejudicado.

CL Entende-se que o uso dos classificadores (CL) pode depender do próprio conteúdo do texto a ser sinalizado. Normalmente, nas Libras os textos de gênero literário são mais ricos em CL, performances corporais, expressões faciais, e descritores imagéticos. É possível considerar, contudo, que nos textos

acadêmicos onde há mais fatores de formalidade, há um uso inexpressivo desse recurso linguístico se comparação a textos cotidianos e/ou textos de discursos mais informais. Não é possível afirmar, no entanto, que não existam ocorrências de CL em discursos de situações mais formais, pois como a modalidade das línguas de sinais é espaço-visual e também implica em questões culturais surdas, há de se levar em conta as experiências visuais do sujeito surdo sinalizante e sujeito surdo leitor-espectador.

PTA É interessante observar que, de acordo com o resultado dessa categoria, todos os TAs cumpriram o mínimo percentual de 99% da sinalização com os PTA, exceto os SOMND. Infere-se considerar, assim, que os vídeos dos editais parecem ser mais formais, portanto, as sinalizações de todos os TAs são entendidas como adequadas à gramática da língua. Segundo vários autores trazidos nesse estudo, comunicações em situações mais formais cumprem maior prestígio e parecem estar adequadas gramaticalmente.

Quadro 10 – O modelo de sinalização formal para os vídeos dos editais.

Cabe esclarecer que as considerações compartilhadas no quadro 10 não se tratam de regras ou normas prescritivas designadas como supostas orientações de como se sinalizar textos de gênero monológico (no caso, editais) a partir de registro formal, mas sim a construção de um panorama geral sobre os resultados encontrados nas análises realizadas nesse estudo de forma a construir um possível modelo gerado como consequência dos resultados observados nessa pesquisa.

De acordo com a Recomendação nº 001, de 15 de julho de 2010, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), vinculado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República⁴², “os editais deverão ser disponibilizados e operacionalizados de forma bilíngue, com vídeo em Língua Brasileira de Sinais – Libras”. Nesse sentido, compreende-se a relevância desse tipo de texto sinalizado como meio de acessibilidade informacional das pessoas surdas usuárias da língua de sinais. Igualmente, entende-se a importância desse estudo realizado com foco nesse gênero textual, uma vez que veio contribuir para uma descrição das sinalizações desse tipo

⁴² Acesso disponível: http://csjonline.web.br.com/PDF/Recomendacao_Concurso_Publico_Surdos.pdf. Acesso em: 15 fev. 2013.

de texto e auxiliar para a compreensão e identificação dos possíveis indicadores de formalidade presente nesse gênero textual.

Entende-se que organizações, instituições e demais órgãos que deliberam e realizam exames de proficiência, concursos públicos e demais processos seletivos vinculados a ações que demandem publicações de editais, devem seguir essas determinações legais supramencionadas, sobretudo as exigências referentes à acessibilidade das pessoas surdas usuárias da Libras – possíveis candidatos desses concursos e processos seletivos – às informações contidas nos documentos formalizados sob forma de editais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa não buscou transferir de forma inflexível os resultados das análises aos leitores e usuários da língua de sinais. Trata-se de um tema novo na área dos estudos linguísticos das línguas de sinais, sobretudo dos estudos linguísticos da Libras. Entende-se a necessidade pela busca de novos conhecimentos e novos saberes sobre o tema, bem como meios de se investigar questões sociolinguísticas relacionadas às línguas de sinais no Brasil. Também se entende a necessidade de se discutir e repensar sobre os registros nas línguas sinalizadas, os possíveis indicadores de formalidade presentes nos diferentes discursos e diversos gêneros textuais que a Libras compreende.

De acordo com Ferreira (2010, p. 195) a Libras “é usada pelos surdos brasileiros de diferentes idades e classes sociais, que se reúnem em determinados locais com fins de conversação e comunicação”. Isso implica dizer que há uma necessidade de interação linguística que acaba criando, conforme a autora, “um tipo de hierarquia diferente dentro da comunidade surda, principalmente reduzindo a relevância da distância social”. Nessa comunidade, conforme Ferreira aponta, “o poder e a intimidade são os fatos relevantes para a criação de grupos e subgrupos, e estas duas variáveis neutralizam o efeito da distância social na estrutura da interação linguística” (FERREIRA, 2010, p. 195).

Nesse contexto, é relevante considerar que as lutas dos surdos são incansáveis e intermináveis. Já se tornam fatores comuns na trajetória histórica das comunidades, o que geram manifestações contra problemas, preconceitos e barreiras sociais. O poder e a intimidade que observa Ferreira (2010), em tempo, se tornam de alguma forma inseparáveis, de modo que permitem constituir grupos da comunidade surda e, portanto, somar forças e lutar por oportunidades trocando experiências e discussões acerca do mundo e da qualidade de suas vidas. Esse diálogo fortalecedor entre os agentes dessas discussões transformam-se em identidades bastante familiares entre si, estabelecem uma relação de compartilhamento mútuo de identidade, cultura e língua; de mundo, enfim. Essas relações implicam numa redução de conversações e relações menos informais, sendo essa informalidade, um meio possível para proximidade dos surdos.

Em contrapartida, essas relações podem alcançar novos domínios, novos espaços onde outras formas de compartilhamento de mundo, de identidade, de cultura, língua, etc. estão implicadas. Depois

da oficialização da Libras pela Lei nº 10.436 de 2002 e do Decreto nº 5.626 de 2005 a transformação dessas relações em vários espaços gradualmente começou a mudar, isso porque as pessoas surdas e os demais usuários da língua de sinais, iniciaram um movimento de inserção nos mais diversos espaços sociais, nos mais distintos lugares públicos da sociedade brasileira. A conquista desses espaços implicou a crescente promoção dos surdos e a visibilidade de sua língua em contextos acadêmicos e contextos que sugerem relações com certo grau de distanciamento e, portanto, de uso e formas de linguagem mais formal. Um desses espaços, hoje amplamente frequentado por sinalizantes, é a esfera acadêmica. É justamente nessa esfera que essa investigação se inscreve.

Essa pesquisa parte da inserção do pesquisador na academia quando ainda atuava como tradutor-ator na Equipe de Tradutores do Curso de Letras Libras (ETLL) o que o levou a enxergar o trabalho e o uso da língua no ofício de tradutor com outro olhar; um olhar aguçado, sobretudo sobre as possibilidades de registro da língua de sinais. Nos encontros do ETLL muito era refletido sobre questões de variações linguísticas e registro de formalidade e informalidade e foi a partir dessas reflexões, tomado por grande interesse por esses temas em particular, que foi possível mergulhar os estudos na busca por descobrir quais conteúdos estariam escondidos dentro desse grandioso e brilhante tesouro que são as línguas de sinais. Tesouro esse que está enterrado no fundo do lar dos pesquisadores e dos estudiosos linguistas que se debruçam apaixonadamente para desbravá-las.

Ao entrar nesse mundo de investigação e pesquisa acadêmica foi possível deparar-se com gigantescos desafios, sobretudo pelo desejo de abordar nas investigações um tema de pesquisa que, a princípio, pareceu tão polêmico, gerador de tantas críticas; muitas delas baseadas em senso comum, feitas inclusive por pessoas envolvidas justamente na esfera na qual o pesquisador vinha e até hoje vem transitando. Esses desafios se tornaram ainda maiores quando percebido que o número de pesquisas sobre o assunto era insuficiente e que as bases teóricas que fundamentariam as reflexões eram em grande parte voltadas para as línguas orais. Esses desafios foram tomados como impulsos importantes e positivos, pois ensinaram e levaram ao fortalecimento e o ato de ir à busca pelo aprofundamento da pesquisa e outras investigações. Permitiram o conhecimento de lidar com novos saberes, desconstruir conhecimentos até então entendidos como absolutos e buscar resolver problemas encontrados.

Na longa trajetória do mestrado, sempre se buscou encontrar, passo a passo, as discussões teóricas e os importantes comentários de diversos autores para que se pudesse apoiar e servir de sustentação da dissertação enriquecendo o arcabouço com a comparação entre as discussões teóricas e os resultados de pesquisa. Cada nova pesquisa é, nesse sentido, transformada em conhecimento científico. Conhecimento esse responsável por mudanças. Mudanças da língua, no caso da Língua Brasileira de Sinais. Relembrando a citação de Ferreira (2010) já trazida no início dessa dissertação, é válido considerar que o papel que desempenha as línguas de sinais no mundo ocidental hoje ainda é secundário, pois limita o seu uso a pessoa e lugares restritos de acordo com a perspectiva sociológica e antropológica. Conforme a autora, a língua de sinais nesse contexto acaba por ser como um alvo de preconceito e desprestígio. Porém, nas palavras da autora “as pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais revalidam seu *status* de língua conferindo-lhe mais prestígio e, portanto, respeito”. Isso implica, conforme a autora, numa reestruturação social no que diz respeito à esfera dos surdos e a posição que esses sujeitos ocupam na sociedade que vivem. Ao passo que a língua é vista, validada, a cultura surda consequentemente também é, e isso “permite ao surdo melhor desempenho da sua função enquanto cidadão” (FERREIRA, 2010, p. 13).

Essa citação inspira o entendimento da importância dos trabalhos, estudos e pesquisas científicas sobre as diferentes áreas vinculadas a Libras. Um bom pesquisador é quem deve se aproximar do entendimento sobre seus motivos de pesquisa. Os motivos aqui foram a inexistência ou insuficiência de difusão de estudos científicos sobre o tema específico como este; o preconceito linguístico a partir de usuários que não toleram ou nem concordam com algumas alterações e/ou instalações na língua que estão sendo influenciadas pelo momento e desenvolvimentos sociais, científicos e tecnológicos construídos pelos próprios indivíduos surdos e pelo fato de alguns autores como Sutton-Spence (2008) e outros, afirmarem que já houve tempos em que os próprios surdos acreditaram que as línguas de sinais não tinham *status* linguístico, nem nível de formalidade equivalentes aos das línguas faladas devido às fortes desconsiderações da sociedade sobre a “língua dos surdos” na qual os surdos foram obrigados a concordarem infelizmente.

Porém, hoje em dia, felizmente, os surdos do mundo estão construindo o comportamento das línguas de sinais para que possam estar sendo usadas adequadamente nas situações acadêmicas ou em

situações mais formais, bem como estão aumentando o número de profissionais surdos, intérpretes, pesquisadores surdos e ouvintes (fluentes em línguas de sinais) nas atividades profissionais, nas atividades de palestras, reuniões com os cursos e esferas de educação superior. Sendo assim o comportamento das línguas de sinais vem representando uma transformação, não só para melhor, mas também para a diversificação de formas de usar a língua de acordo com as circunstâncias caracterizadas pelos registros em que situam a comunicação.

Trazendo algumas considerações finais com relação aos dados especificamente dessa pesquisa, é possível considerar que os resultados da análise motivados pelos sujeitos dessa pesquisa, os tradutores-atores, denominados aqui como TAs, foram variáveis. Por outro lado, a porcentagem não foi muito diferente entre os TAs por cada categoria, pelo menos na maioria de categorias (recursos linguísticos e extralinguísticos) de análise. Algumas categorias apresentaram resultados inesperados, entre elas: o movimento corporal intenso e a sinalização com erro de parâmetros totalmente articulados. Notou-se que porcentagem de movimento corporal intenso motivado pelo TA-2 foi muito alta em comparação com outros TAs e a porcentagem de ocorrências de erros de parâmetros totalmente articulados quase não foi encontrada, ou seja, registrou-se apenas duas ocorrências; isso significa que dizer que todos os TAs produziram a sinalização entendida aqui como adequada à gramática possível neste caso de serem tomadas como forma de enriquecer o valor da formalidade da Libras.

Este trabalho de pesquisa parece cumprir com seu objetivo, o de analisar os principais elementos e indícios de formalidade da Libras e de apresentar os dados de análise ajudando a construir um modelo de sinalização formal para se entender como funciona o modelo de sinalização específico nos textos acadêmicos e, especialmente, nos vídeos de sinalizações de textos monológicos, como no caso dos editais traduzidos para Libras. Esses textos foram entendidos aqui como sinalizações de registro mais formal devido, sobretudo, à sua função de fornecer informações ao público leitor, o leitor-espectador.

É importante considerar ainda que o resultado desse estudo estaria mais completo se tivesse sido realizada uma investigação sobre os elementos caracterizados pela expressão na situação informal. Assim, seria possível comparar e identificar as semelhanças e/ou as diferenças entre os dois tipos de registros supostamente presentes nas línguas de sinais. Contudo, nessa pesquisa os indicadores de formalidade apenas foram enfocados e tomados como recorte de investigação. Nesse

contexto, entende-se que os usuários da Libras estão tomando consciência de adequar o comportamento linguístico às diversas situações e também a capacidade de variar a maneira de se expressar dependendo do contexto em que se insere. A partir desses entendimentos, sugere-se que a Libras pode somar ainda mais forças para ratificar seu *status* linguístico, bem como seu posicionamento de respeito e espaço político de seus usuários dentro da sociedade.

Finalmente, como pesquisador a principal intenção no fim desse estudo foi poder compartilhar o conhecimento e os saberes construídos aqui com os leitores desse trabalho. Conhecimento esse que foi desenvolvido no transcorrer desses dois anos de pesquisa onde diversas formas de expressão estiveram envolvidas. Esse trabalho poderá ser dividido e as considerações aqui trazidas difundidas nos mais distintos níveis e situações em que esse trabalho pode se inscrever daqui pra frente. É possível entender que este é só primeiro passo dentre os inúmeros que ainda precisarão ser dados sobre essa temática dentro dos estudos linguísticos relacionados às variações de registros na Libras e que desse estudo é possível se obter inúmeros desdobramentos pertinentes que abarcarão o tema de forma a complementar com as teorizações, por hora, trazidas nessa investigação.

REFERÊNCIAS

10ª RIEC - *Region X Interpreter Education Center*. Disponível em: <<http://library.ncrtm.org/pdf/D315.0004.01B.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2012.

ANDRADE, M. L. C. V. de O. *Língua: modalidade oral/escrita*. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. *Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 50-67, v. 11.

ARAMBURO, Anthony J. *Sociolinguistic Aspects of the Black Deaf Community*. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3rd ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

AVELAR, Thaís Fleury. *A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”*. Florianópolis, 2010, 111p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2010.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico – o que é e como se faz*. 49ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.

BAIXAULI, Carmen Chapa. *La variación del registro en lengua de signos española*. Valencia: Fundación Fesord C.V., 2001.

BAKER-SHENK, Charlotte; COKELY, Dennis. *American Sign Language: A Student Text American Sign Language Series: Units 10-18*. Vol. 1. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1981.

_____, Charlotte; _____, Dennis. *American Sign Language: A Teacher's Resource Text On Grammar and Culture*. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1980.

BOÉSSIO, Cristina Pureza Duarte. *Saberes necessários para o ensino de língua espanhola para crianças: revisitando autores*. Revista e-Curriculum (PUCSP), São Paulo, v. 6, p. 1-18, Dezembro 2010.

BRAIT, Beth. 9. *O processo interacional*. In: PRETI, Dino (organizador). *Análise de textos orais*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos, v. 1)

BRASIL. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais*. Organização: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009.

_____. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.

_____. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.

_____. *Recomendação nº 001, de 15 de julho de 2010*, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), vinculado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Acesso disponível:

<http://csjonline.web.br.com/PDF/Recomendacao_Concurso_Publico_Surdos.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (orgs.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. [tradução Alvaro Hattner]. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1997.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Norma culta e variedades linguísticas*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. *Ciência, tecnologia e sociedade*. (material didático). Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO TRILÍNGÜE: Língua de Sinais Brasileira*. [ilustrações Silvana Marques]. 2. ed. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COKELY, Dennis; BAKER-SHENK, Charlotte. *American Sign Language: a Student Text American Sign Language Series: Units 1-9*. Vol. 1. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1980a.

_____, Dennis; _____, Charlotte. *American Sign Language: A Teacher's Resource Text On Curriculum, Methods, and Evaluation*. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1980b.

DAY, Linda. *BSL in its Social Context - Session 3: Formality Registers*. Publicado em novembro 2000. Disponível em <<http://www.bris.ac.uk/Depts/DeafStudiesTeaching/bslSOC/Sessions/s3.htm>>. Acesso em 10/05/2012.

FELIPE, Tanya A. *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor*. 6ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. [reimpr.] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Orlando. *Introdução ao direito civil*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1996.

HIRATA, Giselle. *Existem gírias na língua de sinais dos surdos?* Revista Mundo Estranho, São Paulo, Out. p. 58-59, 2010.

HOZA, Jack. *It's not what you sign, it's how you sign it: politeness in American Sign Language*. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Selected Writings II: Word and Language*. The Hague: Mouton, 1971.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. [tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso]. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADD, Paddy. *Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LEITE, Marli Quadros. *Purismo no discurso oral culto*. In: PRETI, Dino (organizador) et al. *O discurso oral culto*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos, v. 2)

LEITE, Tarcísio de Arantes. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. São Paulo, 2008. 280 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2008.

LIDDELL, Scott K. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge University Press: New York, 2003.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LUCAS, Ceil; VALLI, Clayton; *Language Contact in the American Deaf Community*. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3rd ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

MARQUES, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares de. *A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores*. In: QUADROS, Ronice M. de (Org.). *Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: ISSN 2316-2198, 2012.

McCLEARY, Leland. *Texto-base de Disciplina de Sociolinguística*. Curso de Letras-Libras – EaD. Florianópolis: UFSC, 2008. (Material didático para Sociolinguística). Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/so_ciolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf>. Acesso em 15 dez. 2012.

_____, Leland; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. *Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados*. Alfa, São Paulo, 54 (1): 265-289, 2010.

MULROONEY, Kristin J. *Variation in ASL Fingerspelling*. In: LUCAS, Ceil. *Turn-Taking, Fingerspelling, and Contact in Signed Languages*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002.

NAPIER, J. *University interpreting: linguistic issues for consideration*. In: *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. Oxford, v. 7, n. 4, p. 281-301, 2002.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. Brasília, 2009, 290 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2009.

NICOLOSO, Silvana; SILVA, Soélge Mendes da. *Lendo sinalizações em Libras: Onde está o sujeito?* In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (organizadoras). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

OLIVEIRA, Janine Soares de; WEININGER, Markus Johannes. *Mapeamento da estrutura morfofonética de unidades terminológicas em Libras*. In: QUADROS, Ronice M. de (Org.). *Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: ISSN 2316-2198, 2012.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira*. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____, Dino. *Tipos de frames e falantes cultos*. In: PRETI, Dino (organizador). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. (Projetos Paralelos, v. 3)

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

_____, Ronice Müller de; MASSUTTI, Mara. *CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato*. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (organizadoras). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. *Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras*. In.: QUADROS, Ronice Müller de (organizadora). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

_____, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. *O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância*. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n.2, p.169-185, jun. 2009.

QUINTO-POZOS, David; MEHTA, Sarika. *Register variation in mimetic gestural complements to signed language*. *Journal of Pragmatics*, Volume 42, Issue 3, March 2010, Pages 557-584.

RIGO, N. R. *Tradução Comentada: Traduzibilidade Poética na Interface Libras-Português: aspectos lingüísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Libras). Florianópolis: UFSC, 2012.

ROSS, Linda L. & BERKOWITZ, Marla C. *Academic ASL: It Looks Like English, But It Isn't*. 193-198. In.: *Putting the Pieces Together - PEPNet 2008 Conference Proceedings*. Columbus, Ohio. April 15-18, 2008.

SILVA, Rodrigo Custódio da; LEITE, Tarcísio de Arantes; WEININGER, Markus Johannes. *Características do registro formal e informal na Libras: um estudo de caso*. In: *Simpósio Internacional Linguagens e Culturas: homenagem aos 40 anos dos programas de Pós-Graduação em Linguística, Literatura e Inglês da UFSC*, 2011, Florianópolis. Caderno de Resumos do Simpósio Internacional Linguagens e Culturas da UFSC. Florianópolis/SC: UFSC/CCE, 2011. p. 128-128. Disponível em:

<http://pos40anos.cce.ufsc.br/pub/caderno_resumos/simposio_pos40anos_caderno_resumos_COMPLETO-out2011.pdf>. Acessado em: 10 mar. 2013.

_____, Rodrigo Custódio da; OLIVEIRA, Janine Soares de; WEININGER, Markus Johannes. *Marcas de formalidade/informalidade em textos traduzidos para Libras*. In: 18º InPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 2011, São Paulo/SP. Caderno de Resumos do 18º InPLA. São Paulo/SP: PUC-SP, 2011. p. 187-188. Disponível em: <http://corpuslg.org/inpla/2011/caderno/caderno_de_resumos_18_inpla.pdf>. Acessado em: 10 mar. 2013.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. *Aspectos Lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. *A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira*. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (organizadoras). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

_____, Marianne Rossi. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. 2005. 277 p. Tese (Doutorado em em Informática na Educação). Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em Línguas de Sinais*. In: QUADROS, R. M de & VASCONCELLOS, M. L. B de. *Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais: TISLR 9*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

_____, Rachel; WOLL, Bencie. *The Linguistics of British Sign Language: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. [tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva] 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

WEININGER, M. J.; SHIELD, Lesley. *Proximity and Distance: a theoretical model for the description and analysis of online discourse*. In: *11th Call Conference: call & research methodologies, 2004*, antuérpia (bélgica). Proceedings of the call 2004 Conference. Antuérpia: University of Anwerp, 2004.

ZIMMER, June. *Toward a Description of Register Variation in American Sign Language*. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 3rd ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

JOOS, M. *The five clocks*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1967.

KOCH, P. & W. OESTERREICHER (1985). Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgebrauch, Romanistisches Jahrbuch 36, 15- 43.

_____, P. & W. _____ (1994). Schriftlichkeit und Sprache. In H. Günther & O. Ludwig (Eds.), *Schrift und Schriftlichkeit*. Ein interdisziplinäres Handbuch internationaler Forschung. 1 (pp. 587-604), Berlin:Halbband.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Texto-base de Disciplina de Libras I*. Curso de Letras-Libras – EaD. (ISBN: 85-60522-09-3) Florianópolis: UFSC, 2007. (Material didático para Libras I). Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificas/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf>. Acesso em 15 dez. 2012.

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 13ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.